

**Cristiane Moreira da Silva**

**O Discurso Psi em Ação**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

Orientadora: Dra. Márcia Oliveira Moraes

NITERÓI

2013

**CRISTIANE MOREIRA DA SILVA**

O Discurso Psi em Ação

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Orientadora: Dra Márcia Oliveira Moraes

NITERÓI

2013

**S586 Silva, Cristiane Moreira da.**

O discurso psi em ação / Cristiane Moreira da Silva. – 2013.  
143 f.

Orientador: Márcia Oliveira Moraes.

Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2013.

Bibliografia: f. 138-143.

1. Psicologia. 2. Discurso. 3. Reality shows (Programa de televisão).  
I. Moraes, Márcia Oliveira. II. Universidade Federal Fluminense.  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 150

**CRISTIANE MOREIRA DA SILVA**

**O Discurso Psi em Ação**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia. Área de concentração: Estudos da Subjetividade. Linha de Pesquisa: Psicologia e Clínica.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Oliveira Moraes  
(Orientadora – UFF)

---

Prof Dr Luis Antonio dos Santos Baptista – UFF

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro – UFRJ

---

Prof Dr Arthur Arruda Leal Ferreira - UFRJ

---

Prof Dr Ronald João Jacques Arendt – UERJ

Data da Defesa: 16 de dezembro de 2013.

*Dedico este trabalho aos queridos que estiveram ao meu lado incentivando e torcendo, mas partiram antes de vê-lo concluído:*

*Meu primo Ricardo (in memoriam), sorriso mais lindo, minha torcida mais otimista;*

*Minha avó Ruth (in memoriam), interessada e orgulhosa sempre;*

*Meu tio emprestado Djair (in memoriam), que no final dos seus dias ainda se preocupou em cuidar de nós.*

## **AGRADECIMENTOS**

Pensar nos agradecimentos é retomar um trajeto que se iniciou na graduação, na descoberta da pesquisa e da atividade acadêmica e sempre atravessado pelos afetos e relações que construíram a pessoa/psicóloga/pesquisadora/professora que se descobre e transforma nesses encontros. Agradeço aos professores/amigos Dr. Carlos Eduardo Veiga e Dra Cintia Scelza por despertarem meu interesse pelo universo acadêmico e pela iniciação na atividade de pesquisa.

Minha eterna gratidão a minha orientadora Dra Márcia Moraes por toda paciência, compreensão e parceria. Sempre presente no desenvolvimento do trabalho, participativa, objetiva e pontual; que em nossos encontros foi amiga acolhendo minhas dores e me encorajando a continuar.

Ao Dr. Luis Antonio Baptista por me permitir participar de seu grupo de orientação coletiva, por suas aulas e textos, pelas conversas e indicações que contribuíram para este trabalho.

Aos professores Dr. Arthur Ferreira, Dr. Ronald Arendt e Dra Rosa Pedro por tão prontamente aceitarem o convite para a banca de defesa e pelas aulas e discussões metodológicas que fundamentaram a construção da pesquisa.

À colega Rita Campelo por dividir esses 4 anos de estudo, por sua sensibilidade, pelo incentivo, por cada telefonema ou e-mail com as palavras que eu precisava.

Ao grupo de orientação coletiva por todos os encontros, carinho, trocas e disposição para as leituras e sugestões.

Aos entrevistados que emprestaram suas histórias para construção dessa pesquisa.

Aos meus pais que em meio ao turbilhão que nos encontramos fizeram o possível para me dar o espaço necessário para me dedicar ao trabalho, respeitando meu momento e encorajando sua continuidade. Meu agradecimento, amor e admiração por estarem sempre presentes apoiando minhas escolhas e vibrando com as conquistas.

Ao irmão que escolhi, Alan Gomes, parceiro de toda vida, me deu as mãos na caminhada, as “broncas” necessárias e a força que acreditava ter perdido.

A minha tia Ana Bailune por sua paciências com as aulas de inglês, pelo incentivo e torcida.

Aos amigos que apoiaram a mim e a minha família, foi o auxílio de cada um, de diferentes formas, que me permitiu estar aqui.

Aos alunos queridos, compreensivos, incentivadores e carinhosos, respeitaram minhas ausências e entenderam os “nãos”. Nossos encontros fortalecem minha escolha profissional.

A FAPERJ, instituição financiadora da pesquisa através de bolsa de estudos concedida à pesquisadora.

Nesta caminhada que se iniciou na graduação, ou mesmo na escolha do caminho, o doutorado marcou um período de altos e baixos extremos, momentos dolorosos entre realizações de projetos e conquistas que interferiram no processo de escrita. Se concluo essa etapa, que espero seja apenas um acréscimo de bagagem no caminhar que ainda está por vir, é porque a vida me presenteou com pessoas especiais. Meu reconhecimento e agradecimento sincero a cada um de vocês.

*Uma pista para o leitor: ligue a TV, leia os jornais, escute no rádio os debates sobre temas do dia-a-dia. Perceba nas entrelinhas das reportagens com profissionais do psiquismo, com religiosos e artistas famosos. Atente para as falas sobre o sexo, sobre identidades e pestes. Incorporadas em profissionais de prestígio os amoladores de facas circulam dentro e fora da mídia, produzindo a ingênua e eficaz impressão de uma fala individual e neutra.*

*Luis Antonio Baptista – A Atriz, O Padre e o Psicanalista: os amoladores de facas.*

## RESUMO

Esta pesquisa assumiu como fio condutor a articulação entre as práticas dos especialistas psi na mídia e os efeitos de seus discursos na produção de subjetividade contemporânea a partir da análise do *blog* de um *reality show* atualizado com as exibições semanais do programa na televisão. O programa é formado por um grupo de mulheres, orientadas por uma especialista psi, com o objetivo de analisar e propor intervenções para solucionar problemas, classificados pelo programa como femininos, de mulheres que escreveram pedindo auxílio e foram selecionadas para participarem do *reality*. O material alvo das intervenções era obtido através de gravações do cotidiano das participantes que eram exibidas na televisão e no *blog* com a inserção de comentários das mulheres supostamente habilitadas a ajudar. Inspiradas em autores como Latour e Despret, problematizamos a distribuição da *expertise* a partir do *reality show*. Investigamos a atuação dos profissionais psi ocupando o lugar dos que podem ensinar a viver, gerindo vidas tornadas públicas e legitimando a necessidade de especialistas para analisar e orientar o cotidiano. Foram analisados dois casos exibidos no programa intercalando sua descrição, observações teóricas, informações do *blog*, registros em diário de campo e relatos de 5 entrevistas realizadas pela pesquisadora presencialmente ou através de ferramenta de comunicação *on line* com participantes do *reality show*. Concluimos indicando que embora o programa de televisão por nós analisado tenha sido montado de modo a lidar assimetricamente com as *expertises* psi, elas atravessam o dispositivo e produzem modos de subjetivar psicologizados que ativam a todos que dele fazem parte. Assim, se a psicologia se constituiu enquanto disciplina ligada ao governo da intimidade utilizando técnicas confessionais, no momento que as confissões deixam a privacidade de instituições e consultórios e se espalham pela grande mídia a psicologia encontra seu espaço de tutela também nesses dispositivos.

Palavras-chave: especialistas psi; discurso; psicologia.

## ABSTRACT

This research took over as guiding thread the articulation between the practices of psi experts in the media and the effects of their speeches in the production of contemporary subjectivity from the analysis of a reality show blog updated with the weekly exhibit of the television program. The show is formed of a women's group, guided by an psi expert, in order to analyze and propose interventions to solve problems that are classified by the program as feminine, sent from women who wrote asking for help and were selected to participate. The target material of the interventions was obtained by recording the daily lives of participants who were shown on television and on the blog with the inclusion of comments from the women supposedly able to help. Inspired by authors such as Latour and Despret, the researchers question the distribution of *expertise* from the reality show. We investigated the role of psi professionals occupying the place of those who can teach how to live, managing lives made public and legitimizing the need for experts to analyze and guide the everyday. Two cases shown in the program were analyzed alternating their description, theoretical observations, blog's information, daily field records and reports of 5 interviews conducted by the researcher in person or through online communication tool with participants of the reality show. Although the television program analyzed by us has been mounted so as to deal asymmetrically with the psi *expertise*, they pass through the device and produce psychologized ways of subjectifying that enable all who are part of it. If psychology is constituted as a discipline linked to the mastery of intimacy using confessional techniques, at the time when the confessions leave the privacy of institutions and offices and spread by the mainstream media, psychology finds its protection space also in these devices.

Keywords: psi experts; speech; psychology.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>I – O Clube das Super Mulheres .....</b>	<b>23</b>
<b>II – Sorria, você está encenando! .....</b>	<b>40</b>
II.1 Vida Alheia, mais interessante que a sua.....	47
II.2 Localizando o Global: grupo ajuda a resolver problemas da mulher moderna.....	53
<b>III – Personagem Roselene.....</b>	<b>72</b>
<b>IV – Personagem Carmem.....</b>	<b>96</b>
<b>V – Freud Explica? .....</b>	<b>123</b>
<b>VI – Considerações Finais.....</b>	<b>137</b>
<b>VII – Referências Bibliográficas .....</b>	<b>140</b>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa que ora se apresenta iniciou em 2004 investigando a produção da intimidade através da análise de *blogs*,<sup>1</sup> com formato de diário íntimo, escritos por jovens entre 12 e 18 anos em dissertação de Mestrado intitulada “Intimidade *on line*: outras faces do diário íntimo na contemporaneidade”, defendida em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense com a orientação da Prof. Márcia Moraes (também orientadora desta pesquisa). Realizamos um estudo sobre os contornos das subjetividades no contemporâneo focando a exposição da intimidade através dos diários íntimos virtuais. Analisamos a interferência do desenvolvimento tecnológico, principalmente as tecnologias da informação, na produção de subjetividade e os dispositivos tecnológicos de visibilidade que possibilitam a exposição da intimidade por quem quer que tenha acesso aos recursos básicos de comunicação mediada por computadores. Naquele momento nos surpreendia o fato de pessoas tornarem públicas questões até então consideradas privadas e que essas questões despertassem o interesse de outras pessoas.

A questão continua atual e parece multiplicada. Vivemos imersos em espaços midiáticos de exposição da intimidade como mais um aspecto do cotidiano. Se uma página *web* com relatos íntimos, fotografias e confissões nos pareceu uma mudança intensa nas formas de relacionamentos, hoje está banalizada. Inúmeras redes sociais circulam como verdadeiras vitrines de cotidiano e intimidade. A disseminação do acesso à internet e as ferramentas como os *smartphones*<sup>2</sup> permitem a exposição contínua de imagens e postagens

---

<sup>1</sup> Abreviação de *weblog* ou diário na rede. Página na internet para registro frequente de informações com diferentes fins ou conteúdos. Não exige conhecimento específico sobre construção de páginas na internet sendo de fácil produção para usuários da rede. Seu formato mais frequente é como um diário íntimo virtual.

<sup>2</sup> Aparelhos móveis de telefonia com acesso à internet, câmeras de fotografia e vídeos, gravadores, programas de informática e aplicativos para comunicação síncrona.

com recursos para identificar a localização da pessoa, com quem está e como está se sentindo. Esse conteúdo é publicado numa página pessoal conectada com outras tantas páginas formando uma grande rede de troca de informações. São as populares redes sociais. Merece destaque o *Facebook*<sup>3</sup>, hoje utilizado por 90,8%<sup>4</sup> de brasileiros com acesso à internet que passam parte considerável de seus dias conectados, atualizando aos demais suas informações e acompanhando e comentando as publicações de outros usuários. Esse tipo de *site*<sup>5</sup> possibilita a interação entre os usuários conectados que pode servir à curiosidade apenas ou às trocas de experiências significativas, campanhas e divulgação de informações diversas. É possível formar grupos por afinidade que facilitam a comunicação coletiva e o compartilhamento de vídeos, imagens e textos.

Ferramenta com tantos recursos disponíveis que permitem a invenção de incontáveis usos. Redes sociais formam um coletivo com efeitos expressivos na sociedade com seu potencial para divulgação ampla e rápida de informações que a mídia tradicional negligencia. No entanto não é este o aspecto que as tornam tão interessantes. O sucesso de tais espaços se dá pela possibilidade de se produzir através da visibilidade. Seu funcionamento, embora com formato diferente dos *blogs* anteriormente estudados, evidencia características encontradas nestes. Os relatos dos jovens entrevistados em 2004, presencialmente e através de ferramentas de comunicação mediada por computadores apontaram os seguintes resultados:

(1) o interesse pela intimidade de outra pessoa parece ser despertado pela necessidade de avaliar a própria vida em termos de normalidade. Através de informações sobre as outras pessoas é possível saber se o que fazem, pensam e sentem é “correto” ou “normal”. O

---

<sup>3</sup> Rede social amplamente utilizada no mundo e que, apesar de criada por americanos, encontra no Brasil o maior número de pessoas cadastradas.

<sup>4</sup>Fonte: Revista Galileu. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI317356-17770,00-O+PERFIL+DOS+BRASILEIROS+NAS+REDES+SOCIAIS.html>

<sup>5</sup> Página na internet.

interesse pela intimidade do outro aparece como uma forma de comparação entre os estilos de vida e como tentativa de encontrar padrões de comportamentos para seguir. Através do cotidiano de outras pessoas é possível analisar o próprio cotidiano. Saber que outras pessoas vivem as mesmas questões dá alívio, e conhecer os modos como lidam com essas questões aponta formas de lidar com as próprias.

(2) as queixas de solidão, de não ter com quem falar ou de não ter coragem para falar sobre si por acreditar que não há interesse do outro ou que não se deve desperdiçar o tempo com tal coisa apareceram na totalidade das entrevistas. Se poucas pessoas têm tempo ou interesse para conversar sobre questões pessoais, torná-las públicas seria apostar na possibilidade de ser ouvido (lido). Parece que a instabilidade das relações, a ausência de referências e nossa cultura individualizante que prega o sucesso e a felicidade como uma necessidade e como responsabilidade exclusiva do sujeito que precisa encontrar recursos próprios para decidir sobre quem é, o que quer e como fazer, produzem o sentimento de desamparo e de solidão. Os grupos e amigos virtuais que participam assistindo e comentando intimidades publicizadas funcionam como companhias que se interessam, acolhem e orientam.

(3) a busca por visibilidade se deve ao interesse do outro pela vida de alguém ser entendido como medida de valor. A curiosidade, os comentários sobre a vida pessoal e o número de pessoas que a “assiste” dizem o quanto a mesma é interessante ou importante. O olhar do outro confere existência e valor a vida e não é apenas o corpo que deve ser visto, mas o interior, este passa a fazer sentido apenas quando tem um outro que o reconheça. Nas entrevistas foi evidenciado o quanto o potencial para atrair esse “público” é o critério para decidir o que deve ser mostrado ou não.

Passaram-se sete anos após a defesa da dissertação, no entanto os dados apresentados aqui parecem extremamente pertinentes aos atuais mecanismos de exposição da intimidade e,

por isso, direcionaram a proposta inicial do projeto de doutorado sendo retomados na análise dos dados obtidos na pesquisa realizada.

O aparato tecnológico que permite essa exposição se desenvolve constantemente e a mídia televisiva cada vez mais se apropria dessa abertura para exposição de si e do grande interesse que desperta no público em geral para inserir “vidas reais” em seus diferentes canais de comunicação atendendo às expectativas de velocidade, mutação, exposição e contato constante do mundo contemporâneo. De acordo com Chauí *“os mass media tornaram irrelevantes as categorias da verdade e da falsidade substituindo-as pelas noções de credibilidade ou plausibilidade e confiabilidade – para que algo seja aceito como real basta que apareça como crível ou plausível, ou como oferecido por alguém confiável”* (CHAUÍ, 2006. Pg.8).

O processo de exposição da intimidade ganhou espaços. Cada vez mais são lançados programas de televisão e revistas que exibem a vida particular de famosos e não famosos. Histórias pessoais são publicadas e *sites* íntimos, como os mencionados diários virtuais e as imagens exibidas por *webcam*, se multiplicam na internet. Verificamos o aumento crescente de literatura autobiográfica, de filmes “baseados em fatos reais” e de ilustrações com relatos de pessoas comuns em diferentes tipos de atrações televisivas, indo além dos já populares programas com formato *reality show*<sup>6</sup>, chegando mesmo aos que se intitulam jornalísticos incrementados com apelo às imagens e relatos pessoais. Tomamos como exemplo a novela Páginas da Vida<sup>7</sup>, exibida no chamado horário nobre da Rede Globo de Televisão, apresentava ao final de cada capítulo o relato de uma “pessoa comum” sobre questão semelhante à discutida na novela. De alguma maneira o apelo para “vida real” se transformou em chamariz do público.

---

<sup>6</sup> Reality show são chamados os programas televisivos que mostram a “vida real” de pessoas famosas ou não em seu cotidiano ou em cenários construídos como laboratórios para exposição da vida íntima.

<sup>7</sup> Exibida entre julho de 2006 e março de 2007, escrita por Manuel Carlos, com direção de Jayme Monjardim.

“Os fatos cederam lugar a declarações de ‘personalidades autorizadas’, que não transmitem informações, mas preferências, as quais se convertem imediatamente em propaganda. (...) Qual a base de apoio da credibilidade e da confiabilidade? (...) Trata-se do apelo à intimidade, à personalidade à vida privada como suporte e garantia da ordem pública. Em outras palavras, os códigos da vida pública passam a ser determinados e definidos pelos códigos da vida privada” (*ibid*).

As tecnologias de comunicação têm uma importância imprescindível nesse processo. O desenvolvimento tecnológico contribui para essa lógica da visibilidade. Atualmente é simples, barato e acessível à boa parte das pessoas os recursos para gravar, fotografar e divulgar fragmentos de sua vida. “De *Prozac* a *weblogs* e *reality shows*, tais dispositivos constituem uma subjetividade tecnicamente assistida, lançada na extremidade da ação, na superficialidade da performance”.<sup>8</sup>

Não podemos negar o quanto o homem e a técnica estão entrelaçados e o quanto o desenvolvimento tecnológico se faz presente na produção de subjetividade, numa emergência mútua. Ao inventarmos objetos produzimos um coletivo comum, público e partilhável. Por outro lado, este coletivo produz novas subjetividades mutantes e provisórias. Os recursos tecnológicos disponíveis possibilitam e incentivam essa exposição constante. Se o uso da internet em computadores pessoais permitia a interação em redes sociais durante o trabalho ou momentos de lazer enquanto utilizava-se o equipamento, hoje possuímos aparelhos celulares que nos mantêm conectados à internet durante todo o dia, se o usuário assim o desejar, e que permitem a publicação nas redes sociais de mensagens, fotografias e vídeos no momento exato em que são registrados. Se o que motivou o interesse inicial em pesquisar a exposição da intimidade foi a estranheza aos relatos do cotidiano num *site* de acesso público em

---

<sup>8</sup> BRUNO, disponível em [www.comunica.unisinos.br/tics/?page=textos2004](http://www.comunica.unisinos.br/tics/?page=textos2004)

determinado momento do dia, hoje tal fato não mais surpreende, está banalizado tornar público o que se está fazendo ou pensando no exato momento em que acontece. Nem por isso deixa de ser inquietante ou curioso. Pensamentos, atividades, lembranças ou até mesmo o prato escolhido no almoço viram assunto a ser compartilhado<sup>9</sup> com os amigos em redes sociais em busca de “curtidas<sup>10</sup>”. São correntes mensagens como “*passeando no shopping*”, “*cansado do trabalho*” ou qualquer especificação do que está fazendo no momento, acompanhadas por fotografias. O cotidiano está inundado por vida íntima, as mídias inundadas por cotidiano.

Sem dúvida, na atualidade, há algumas pesquisas que delimitam o vasto tema da exposição da intimidade a partir de novos modos de comunicação, como a Internet, as redes sociais, programas de televisão, entre outros. Bruno (2004, 2008, 2009) problematiza a noção de subjetividade privatizada a partir dos dispositivos contemporâneos de visibilidade. Para a autora, tais dispositivos engendram uma subjetividade exteriorizada que encontra na exposição pública, ao alcance do olhar do outro, o domínio privilegiado de controle e cuidados sobre si. O que nos parece relevante na argumentação da autora é a afirmação de que, nestes fenômenos de exposição da intimidade, não está em jogo a exteriorização de uma interioridade já dada. Antes, o que está em jogo é a constituição de uma subjetividade que se produz na própria exterioridade, no ato mesmo de se tornar visível. É por este viés que a autora indica que os *reality shows*, assim como os *weblogs*, as *webcams*, apresentam-se como dispositivos de produção da intimidade.

Sibilia (2003, 2004, 2008) investiga a espetacularização do eu, destacando a modificação da intimidade que se faz presente com este acontecimento. Diferentemente de

---

<sup>9</sup> Referência ao *Facebook*, rede social popular entre brasileiros, consiste em um site com perfis pessoais interligados onde cada um tem sua página com espaço para álbuns de fotografias, textos, informações pessoais e postagens. Estas são vistas pelos usuários reconhecidos como amigos e podem ser compartilhadas. Quando um usuário compartilha uma postagem esta passa a ser vista em sua página pessoal por seus amigos.

<sup>10</sup> Curtir é, também, uma opção disponível no *Facebook* para usuários mostrarem apreço pela informação.

uma certa concepção de intimidade, que vigorou nos séculos XIX e boa parte do XX, que devia ser protegida pela moral burguesa, pelas grossas paredes das casas, a intimidade no século XXI é espetacularizada, isto é, apresenta-se nos moldes de um show do eu, público, visível aos olhos de todos.

Acompanhando esse processo de exposição de intimidade e promoção da interação cabe, ainda, considerar o exponencial crescimento de atrações televisivas com formato *reality show* que propõem divulgar a realidade, mas não discutem o quanto é no encontro entre a câmera e o personagem que a realidade é construída. Não há uma realidade a ser revelada. Ela é produzida. Lins e Mesquita (2008) ao analisar a produção de documentários de Eduardo Coutinho<sup>11</sup> apontam o fato de que é no processo de filmagem que os acontecimentos se produzem “*no encontro entre quem filma e quem é filmado como essencial para tornar o documentário possível. A entrevista não é mais simples depoimento nem dar a voz, mas um diálogo fruto de permanente negociação em que as versões dos personagens vão sendo produzidas em contato com a câmera*” (LINS E MESQUITA, 2008, pg. 26).

Retomando as autoras supracitadas, a intimidade é produzida na exposição, na articulação com quem se faz visível e com quem assiste. Essa interação produz subjetividades. Nesta pesquisa decidimos analisar essa produção de subjetividade discutindo os *reality shows* tendo como mais uma atração os pareceres de “especialistas” que ensinam formas de viver, vestir, sentir, educar, comer ou se relacionar. Podemos destacar o programa “*Teen Angels*”, originalmente exibido pela *Discovery Health* e no Brasil com o nome de “Anjolescentes”<sup>12</sup>, no qual uma família, aparentemente, desesperada com dificuldades para lidar com o filho adolescente é monitorada na própria residência por dois psicólogos com pontos de escuta e câmeras que diagnosticam e orientam as mudanças de comportamento julgadas necessárias,

---

<sup>11</sup> Cineasta, documentarista importante no Brasil.

<sup>12</sup> Ficha Técnica – Título Original: Teen Angels; distribuidora: BBC.

ou no mais popular *Super Nanny*, exibido pelo Sistema Brasileiro de Televisão<sup>13</sup>, que, nos mesmos modelos da atração já mencionada, ensina aos pais educarem seus filhos. Seguindo esta mesma trajetória há espaços em revistas para que seus leitores enviem dúvidas a serem esclarecidas por diferentes e renomados especialistas e publicações que mais parecem manuais de formas de viver. No contemporâneo encontramos diversas tecnologias de regulação da conduta sendo a psicologia e a educação espaços privilegiados de atuação dos especialistas nesse gerenciamento de subjetividades.

Será este o fio condutor desta pesquisa: como o discurso psi articulado pela mídia televisiva coopera com a produção de subjetividade contemporânea? Nossa proposta inicial foi partindo de um dispositivo televisivo de exposição de intimidade com a participação de especialistas psi<sup>14</sup> rastrear os efeitos deste através de relatos e comentários, registrados em diário de campo, por pessoas que acompanhavam a atração. Foi escolhido um quadro, direcionado ao público feminino, exibido semanalmente dentro de um programa bastante popular no Brasil, considerando suas repercussões naquele momento. Tratava-se de um *reality show* composto por pessoas não famosas que recebiam orientações de um especialista psi e de um grupo de mulheres intituladas “comuns” pelo quadro. Além das exibições na televisão o quadro em questão possuía um espaço no *site* do programa para sua divulgação e para o cadastro de participantes e um *blog* com os vídeos televisionados, entrevistas com envolvidos e diferentes especialistas nos temas discutidos, reportagens, relatos e comentários dos espectadores.

Como acontece frequentemente na programação de televisão, o quadro se dividiria em partes com intervalos em sua exibição, o que se convencionou chamar temporadas. Iniciamos a pesquisa nas duas últimas semanas da exibição da primeira temporada, tendo sido, inclusive,

---

<sup>13</sup> Ficha Técnica – Título Original: *Super Nanny*; distribuidora: Unimar Music.

<sup>14</sup> Por psi entendemos os estudiosos do psiquismo, ou seja, psicólogos, psicanalistas e psiquiatras.

divulgadas as inscrições para a segunda. No entanto, contrariando o que foi divulgado anteriormente pela emissora de televisão o quadro deixou de ser exibido e, com isso, o acompanhamento de seus efeitos foi interrompido já que os comentários sobre o quadro deixaram de existir. Continuar no caminho proposto implicaria na escolha de outro dispositivo para análise na pesquisa já em andamento. Optamos por manter a análise do programa de televisão escolhido utilizando o conteúdo disponível em seu *site* e os comentários registrados pela pesquisadora informalmente durante sua exibição.

A segunda etapa da investigação consistiu em 5 entrevistas com roteiro semi-estruturado, realizadas pela pesquisadora presencialmente ou através de ferramenta de comunicação *on line* com participantes do *reality show*. Destas, duas eram participantes expondo suas histórias, duas eram especialistas e uma mulher não especialista<sup>15</sup>. As mulheres entrevistadas foram informadas oralmente sobre os objetivos da pesquisa e tiveram a garantia de sigilo assegurada pela pesquisadora<sup>16</sup>. Esse sigilo se tornou um impasse. Como apresentar um dispositivo exibido por uma rede de televisão brasileira com grande audiência sem identificar as participantes já que o conteúdo deste eram as histórias pessoais e incluíam imagens? Não há maneira de identificar o programa e garantir sigilo às entrevistadas. Cogitamos nomeá-las. Não foi possível pela discordância destas por estarem comprometidas com um contrato que previa não dar entrevistas dentro de um prazo específico.<sup>17</sup> Assumimos o prejuízo do anonimato para manter o pactuado. Sendo assim, nomes da emissora, do

---

<sup>15</sup> O quadro e as funções de cada participante será descrito no primeiro capítulo.

<sup>16</sup> A pesquisa foi iniciada quando a discussão sobre a exigência de submissão de trabalhos ao CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) da Universidade a qual está vinculada oferecia forte resistência dos pesquisadores. Entendendo que a inscrição do informante na pesquisa através de termos e assinaturas interfere nos dados obtidos e apostando que a confiabilidade do relato final apresentado é conferida pela apresentação objetiva dos métodos de coleta e análise de dados e pela especificação dos instrumentos utilizados apoiado em referencial teórico consistente e não pela burocratização da pesquisa decidimos por não submeter o projeto. Atualmente o cadastro na Plataforma Brasil, de responsabilidade do Ministério da Saúde que submete o projeto à avaliação da CEP é uma exigência para realização de pesquisa com seres humanos.

<sup>17</sup> O contrato será especificado no decorrer do texto.

programa e dos participantes foram substituídos por outros fantasiosos e não inserimos imagens ou endereços de *sites* no texto apresentado.

Também foram registradas algumas notas em diário de campo. Tais notas foram tomadas em situações cotidianas nas quais as pessoas comentavam as situações apresentadas no programa de televisão ou lidas no *blog*. Sublinhamos que optamos por tomar estas notas em situações do cotidiano porque as consideramos valiosas para a compreensão do tema da pesquisa. Há que se salientar que o programa de televisão teve enorme repercussão na época de sua exibição e as pessoas costumavam comentar o que era exibido nas mais diversas situações da vida cotidiana. Tal fato é corriqueiro no Brasil, as situações apresentadas em novelas, programas de auditórios, *reality shows* são amplamente disseminadas e debatidas no dia a dia, o que oferece ao pesquisador uma série interessante de informações e histórias sobre o tema da pesquisa.

Foram analisados dois casos exibidos no programa intercalando sua descrição, observações teóricas, informações do *blog*, relatos das entrevistas e registros em diário de campo. O fio condutor da tese é o discurso do especialista psi. Como este é produzido? Como a categoria “especialista psi” é produzida e de que forma seu discurso ganha caráter de verdade e é incorporado por diferentes pessoas e ganha ares do conhecimento? Quais são as condições de emergência dessa categoria e como se estabiliza na atualidade? Quais seus efeitos? O que pode “fazer fazer” o discurso de um “especialista psi”?<sup>18</sup> Por que os especialistas psis são, convocados para ocuparem esse lugar de quem pode ensinar a viver, sentir e pensar?

Por discurso, acompanhando Foucault (2010), entendemos um conjunto de enunciados difundidos por representantes de saberes reconhecidos que os fundamenta e fornece poder.

---

<sup>18</sup> Latour aposta que ator é tudo que age, que produz efeitos, que faz agir. Nesse sentido o especialista é um ator que age e produz efeitos, ou seja, que faz com que outros atores façam coisas, ajam. Um ator é definido pelos efeitos de suas ações. Cabe ao pesquisador identificar as conexões entre os atores nesse processo.

Nesta perspectiva, os discursos produzem os objetos dos quais falam, os fazem existir. Apostamos que a análise de discursos somente é possível através de seus efeitos. Por isso estruturamos a tese com o primeiro capítulo apresentando o programa de televisão selecionado para investigação e a metodologia utilizada. Os capítulos seguintes são orientados pela descrição de um caso, em cada capítulo, apresentado no programa compondo com os autores que fundamentam a tese e as observações da pesquisadora.

Movidas inicialmente pela curiosidade, nos interrogávamos sobre qual seria o papel das especialistas psi como mediadoras ou orientadoras nessa exposição da intimidade. Que efeitos seriam produzidos com as intervenções das profissionais psis nestes dispositivos? Não estariam estas profissionais produzindo regras e códigos, por vezes, morais, sobre o bem viver? E que efeitos tais intervenções produziriam sobre as pessoas que lhes serviam de alvos, isto é, aquelas pessoas que participam dos programas de televisão, ou escreviam suas histórias em jornais, sites ou revistas, exibindo suas vidas, seus dilemas e sofrimentos? Enfim, o que nos interessava compreender era como se articulavam os discursos, os saberes ou as *expertises* nesses espaços.

Neste aspecto Rose (2011) afirma que

“Por expertise entende-se a capacidade que a Psicologia tem de gerar um corpo de pessoas treinadas e credenciadas alegando possuir competências especiais na administração de pessoas e de relações interpessoais, e um corpo de técnicas e procedimentos pretendendo tornar possível a gerência racional e humana dos recursos humanos na indústria, na força militar e na vida social de forma geral” (p. 24).

A partir de tais questões, delimitamos o objetivo desta pesquisa: discutir a articulação entre as práticas dos especialistas psis, os efeitos de seus discursos e as modulações da

intimidade a partir da sua exposição no *blog* de um programa de televisão. Partindo das concepções de Bruno Latour (2008), segundo as quais o coletivo constituído por humanos e não-humanos se dá numa relação de emergência mútua, discutimos como o aparato tecnológico que propicia a exposição da intimidade atua na produção de subjetividade contemporânea, buscando pensar de que forma a atualidade incita esse desejo de exposição e de consumo de intimidade, como produz a necessidade de ingerência sobre a vida. Dentro desse questionamento, buscamos analisar a atuação dos profissionais psi ocupando o lugar dos que podem ensinar a viver, gerindo vidas tornadas públicas e legitimando a necessidade de especialistas para analisar e orientar o cotidiano na atualidade. Se a psicologia se constituiu enquanto disciplina ligada ao governo da intimidade utilizando técnicas confessionais, no momento que as confissões deixam a privacidade de instituições e consultórios e se espalham pela grande mídia, a psicologia encontra seu espaço de tutela também nesses dispositivos.

Estamos diante de uma sociedade de mudanças constantes, de avanços tecnológicos nunca pensados tão rapidamente, onde tudo deve ser instantâneo e consumível. Essa configuração exige repensar as maneiras de conceber o indivíduo, o relacionamento interpessoal e os valores vigentes. Novas formas de comunicar, relacionar e conhecer estão sendo vividas e, conseqüentemente, novas subjetividades estão sendo produzidas. Sendo assim faz-se emergencial repensar com quais produções estamos cooperando e problematizar nossas práticas inventando formas de atuação que produzam subjetividades singulares.

Não pretendemos encontrar uma relação de causalidade, dar diagnósticos, emitir julgamentos morais ou fazer previsões. O entusiasmo excessivo ou a demonização do contemporâneo, extremos que empobrecem as análises, limitariam o acompanhamento das transformações e das virtualidades presentes. Sendo assim, tomamos a cartografia como inspiração metodológica na tentativa de dar passagem aos acontecimentos (Latour, 2008)

registrando as linhas de forças, os efeitos e condições de emergência dessa intimidade visível e assistida colocando nossas práticas em análise e apostando na potência de invenção do coletivo: *“Numa cartografia o que se faz é acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo. Não há sentidos a serem revelados, mas a serem criados”*<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> BARROS, 1997.

## I – O CLUBE DAS SUPER MULHERES

*“Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma”.*

Deleuze

No ano de 2009, uma grande rede de televisão brasileira incluiu na grade de um programa de exibição permanente e de grande audiência, que mescla jornalismo com entretenimento, um quadro divulgando a finalidade de auxiliar mulheres a solucionar problemas pessoais considerados tipicamente femininos, analisando e debatendo os temas com profissionais especialistas na questão apresentada. Quadros semelhantes fazem parte do programa com temáticas diferentes: auxílio para solucionar problemas de convivência com vizinhos, dificuldades financeiras, cuidados com saúde, entre outras questões do cotidiano. Tais quadros são marcados pela presença de pessoas comuns relatando e mostrando suas questões e especialistas dando pareceres e orientações. Chamaremos de “Espetáculo” o programa de televisão, e de “Clube das Super Mulheres”, o quadro.

O quadro que apresentamos aqui era formado por pessoas que escreviam suas histórias acerca de algo considerado *“um dilema feminino”<sup>20</sup>*, para a emissora de televisão e que seriam selecionadas para terem suas vidas acompanhadas e monitoradas por câmeras e uma equipe de filmagem e produção em suas residências. As inscrições foram feitas via e-mail e restrita à mulheres. De acordo com a chamada para inscrições os casos podiam envolver dificuldades para emagrecer, problemas de relacionamento amoroso, conflitos familiares, entre outros, categorizados como temas femininos pelo programa.

Defendemos que não há uma essência mulher. Ser mulher, o feminino, é resultado de

---

<sup>20</sup> Expressão utilizada pelas participantes do programa para qualificar as temáticas discutidas.

discursos e contingências sociais, culturais, históricas e econômicas específicas. Não existe um feminino e suas características *a priori*. Existe uma criação do que seja a mulher, o feminino, de quais seus dilemas e características, do que deve sentir e de como deve se comportar uma mulher, quais desejos deve ter. O quadro em questão pode ser pensado como um ator na criação desse feminino e seus dilemas.

As mulheres selecionadas tiveram câmeras instaladas em suas residências e uma equipe de filmagem monitorando suas rotinas também fora de suas casas durante três semanas seguidas, 18 horas por dia. A orientação era para ignorarem as câmeras, agindo com naturalidade, como fazem no dia-a-dia. Além das gravações da rotina das participantes e suas famílias foram gravadas pequenas entrevistas com profissionais da equipe de filmagem a fim de esclarecerem as situações registradas. As gravações eram editadas e assistidas por um grupo de quatro mulheres consideradas comuns pela produção do quadro, uma psicanalista e uma jornalista que mediava as conversas. Esse grupo formou o “Clube das Super Mulheres”. Se reuniam, sentadas em semi-círculo, diante de uma enorme tela de televisão onde era exibido o caso da participante durante horas seguidas. As mulheres comentavam as situações e impasses vividos pelos personagens e esses momentos eram também gravados. Após especularem o caso propunham mudanças de comportamento e intervenções de outros profissionais através de visitas à personagem. Na conclusão do caso mostravam os resultados obtidos. Cada caso teve todo esse processo editado em cinco partes de pouco menos de vinte minutos que foram exibidas no programa *Espetáculo*.

No *site* do *Espetáculo* há um *link* para o *blog* do Clube das Super Mulheres. No *blog* encontramos partes das gravações exibidas na televisão, outras não exibidas, textos e entrevistas das participantes e profissionais convidados. Todos com espaço para comentários

dos seguidores<sup>21</sup> do *blog*. O Clube das Super Mulheres foi escolhido como o dispositivo a ser analisado nesta pesquisa partindo do *blog* do quadro. Buscamos evidenciar as conexões em jogo no dispositivo. Como este associa os espectadores, as mulheres, as falas, as categorias feminino e especialista psi produzindo um discurso psi. Esse discurso psi se torna presente nas materialidades e somente pode ser analisado através destas. Sua potência está nos seus efeitos. Apostamos em dar visibilidade às conexões e não interpretá-las como método de análise.

Pensamos a teoria como composição do trabalho. Por isso não haverá uma divisão entre teoria e campo. Os autores são convocados na medida em que as questões emergem. Nas palavras de Deleuze (1972) “*a prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra*”. Sendo assim, seguiremos com o autor pensando os conceitos como emergindo das práticas e geradores de novas práticas. Os utilizaremos como uma caixa de ferramentas que colocam em ação saberes, discursos e poderes e que produzem verdades e modos de subjetivação.

Para compor a pesquisa foram selecionados comentários de espectadores deixados no *blog* e cinco mulheres foram entrevistadas pela pesquisadora. As entrevistas aconteceram como uma conversa, permitindo que a entrevistada conduzisse mais que a entrevistadora. Primeiro foram entrevistadas duas mulheres que participaram do quadro. Ambas localizadas por seus nomes através do *Facebook*. Roselene foi a primeira a responder a solicitação demonstrando, inclusive, interesse em participar da pesquisa. Carmem fez algumas perguntas sobre a confidencialidade e a possibilidade de publicação em revista e, após ser esclarecida sobre o sigilo, concordou em conversar. Ambas foram entrevistadas através de um programa de comunicação instantânea *on line*, o *Messenger – MSN*. Foi escolhido este recurso pela

---

<sup>21</sup> Seguidores são os que acessam frequentemente e comentam páginas interativas na internet.

distância entre as cidades das entrevistadas e da entrevistadora. Outras duas participantes foram contatadas mas não responderam às solicitações. Marta, especialista/psicóloga, foi contatada através de e-mail localizado facilmente em pesquisa na internet. Nos encontramos em um café para realizar a conversa que foi bem informal. Marta forneceu os contatos da produtora e de alguns profissionais envolvidos, de Sabrina, não especialista, e de Sonia, especialista/psiquiatra. Sonia me recebeu em seu consultório particular. Mais formal e preocupada com a escolha das palavras certas e buscando explicações teóricas para suas falas. Sabrina me recebeu em seu escritório na empresa onde trabalha. A conversa foi longa e descontraída, embora com algumas interrupções. Sabrina forneceu os contatos das demais mulheres e tentou, inclusive, intermediar para que marcássemos as entrevistas, sem sucesso. A produtora após marcar e desmarcar três encontros em seu trabalho deixou de responder aos e-mails ou atender aos telefonemas da pesquisadora. As demais não responderam às solicitações.

Tomamos o dispositivo como uma engrenagem de jogos de poder que articula saberes e estratégias. É produtor e produto dessas relações. Escolhemos para esta pesquisa o Clube das Super Mulheres apostando neste como um dispositivo que coloca em ação e defende o poder de verdade do discurso científico incorporados nos discursos psis das mulheres integrantes do Clube e os discursos dos profissionais convocados para auxiliar nas intervenções. Acreditamos que somente nas materialidades que os discursos se fazem visíveis. A necessidade desses profissionais com função de análise e orientação reforça o poder do discurso científico ao mesmo tempo que é produzido por ele. Entram no jogo as construções sobre o que é feminino, quais questões precisam de orientação, como deve ser um relacionamento afetivo e familiar, as instituições, os agentes, as pessoas que acompanham o quadro ou seguem o *blog*, os não-humanos, o que deve ou não ser mostrado. O dispositivo é ao mesmo tempo discursos e práticas.

Nas palavras de Foucault o dispositivo demarca

“(...) em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos” (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Deleuze (1990) explica o dispositivo como “máquinas de fazer falar e de fazer ver”.

Nessa direção objetivamos destrinchar o dispositivo Clube das Super Mulheres, buscando tornar visível e deixar falar, através do Clube, seus atores, tornar visíveis os discursos que fortalecem ou produzem.

Qual a função do Clube enquanto dispositivo e com quais jogos de poder e saber se articula? Sabemos que não há ingenuidade nessas articulações. Elas tem função estratégica. No caso, parece que de manter o *status quo* da feminilidade e da valorização da ciência psicológica como detentora do conhecimento sobre o humano, seus conflitos, desejos e relações, seu poder de decidir a melhor conduta e categorizar os comportamentos. O dispositivo Clube das Super Mulheres combina estrategicamente o saber psi, as relações de poder que este articula e modos de subjetivação que produz. Problemizamos como o dispositivo em análise se articula com outros dispositivos na criação de uma categoria de feminino, um modo de ser mulher que deve ser compartilhado. Mulher mãe, mulher amante, mulher moderna, mulher profissional, mulher bonita, mulher esposa, mulher dona de casa. Qual corpo deve ter a mulher, o que deve sentir e pensar, como deve agir e controlar sua conduta. Essa criação da categoria feminino é localizada e datada historicamente.

A emergência de um dispositivo está alicerçada em três dimensões: (1) a constituição

de uma rede de discursos; (2) as relações estratégicas entre seus elementos e (3) a produção de sujeitos. Sendo assim, partiremos das materialidades para dar visibilidade às redes de discursos que as constitui e as relações de poder articuladas para evidenciar os efeitos na produção de subjetividade. Embora o dispositivo se direcione para o público feminino apostamos na sua potência de produção de subjetividades não femininas tendo em vista que estas também são afetadas pelos discursos em ação no dispositivo. Não queremos fazer uma oposição entre subjetividade feminina e masculina; entendemos que não há dicotomia mas reconhecemos a produção de subjetividade historicamente nessa direção, na construção do feminino em oposição ao masculino. Esse reconhecimento enfatiza a interferência do dispositivo em análise na produção de subjetividade não somente feminina. Ao propagar o que é ser mulher como um complemento de ser homem, propaga-se, também, o que é ser homem e a ideia de que os dois se complementam, tendo tarefas distintas na sociedade e nas famílias.

Para Foucault (1997) as práticas discursivas não são somente discursos fabricados por saberes, elas “(...) *ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm*” (Foucault, 1997, p.12).

Seguindo Foucault o discurso é um conjunto de enunciados que podem pertencer a saberes diferentes mas que obedecem às mesmas regras de funcionamento, própria de um período histórico específico. Sendo assim, é necessário analisar as condições de emergência desse discurso e como estes sustentam práticas. O dispositivo possui função normativa e reguladora. São as táticas de poder imanentes ao discurso de saber que permite que o outro diga algo da verdade de quem confessa que nem mesmo este conhece:

“É a “economia” dos discursos, ou seja, sua tecnologia intrínseca, as necessidades de seu funcionamento, as táticas que instauram, os efeitos de poder que os sustentam e que veiculam – é isso e não um sistema de representações, o que determina as características fundamentais do que eles dizem” (FOUCAULT, 1988, p.78).

Os efeitos diferem de acordo com quem pronuncia o enunciado, de que lugar fala. Não são nem submetidos ao poder nem opostos à ele. O discurso concentra um jogo de forças que correlaciona, ao mesmo tempo, efeito de relações de poder, instrumento de poder e forma de resistência. Inicialmente o Clube foi pensado como um encontro de mulheres que compartilhariam suas experiências buscando orientar outras mulheres. A princípio nenhum saber específico foi convocado. Bastava que se vivesse na mesma condição, feminina, para que tivesse autoridade para falar sobre o assunto. A produção do programa entende que precisavam de um respaldo, uma segurança sobre a eficácia das intervenções e, por isso, decidem incluir especialistas no grupo. A escolha dos especialistas se daria de acordo com cada caso. Se a questão era emagrecimento, seria convocado um médico especialista no assunto. Se dificuldade financeira, um especialista em economia doméstica. Não sendo possível a contratação de tantos profissionais devido ao orçamento aprovado para o quadro, optou-se pela inclusão do especialista psi considerando que em todos os casos há uma questão psicológica e que este é o profissional habilitado para entender o humano. O especialista psi é quem detém o poder sobre a verdade do humano e este somente é alcançado através da confissão.

A verdade se constitui enquanto verdade porque é enunciada por alguém imbuído de um poder para isso. Não é qualquer um, de qualquer lugar, que pode dizer algo sobre o humano e este ganhar caráter de verdade. É preciso que haja uma posição que confira esse poder. Em nossas sociedades a verdade está centrada no discurso científico e nas instituições e representantes que o produzem. É utilizada nos jogos de poder econômicos e políticos.

Transmitida por instituições que conferem ainda mais poder à esses discursos como as instituições educacionais, as grandes fomentadoras de pesquisa e, na atualidade, a mídia, impressa ou televisionada. A facilidade de acesso aos saberes científicos fornece ferramentas a qualquer um que tenha acesso à informação através da internet. O saber científico antes resguardado pelas instituições acadêmicas hoje está disseminado e pronto para ser utilizado por quem assim o queira e cada um tem o poder de classificar a si e aos outros dentro dos parâmetros científicos bem como buscar as formas de tratamento. Basta estar munido do discurso científico para produzir verdades sobre os mais diversos entes, incluído os humanos. Talvez seja essa mudança de perspectiva que possibilitou que qualquer um que ganhe espaço para pronunciamento na mídia esteja revestido de produtor de verdade e que a introdução de tantas frases seja “*já está cientificamente comprovado que...*”. A verdade é produzida neste mundo, seguindo as forças da atualidade e nele produz efeitos. De acordo com Foucault:

“É justamente no discurso que vêm a se articular poder e saber. E, por essa mesma razão, deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável. Mais precisamente, não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes” (*ibid*, p.111).

A confissão emerge como tática de controle religioso, passa à técnica de exame jurídico e de necessidade para o conhecimento médico, o tratamento de doenças e a cura nas terapias através da fala. Se ainda podemos falar nas práticas confessionais como mecanismos de controle este não mais está tutelado por uma instituição ou saber específico. Hoje as confissões deixaram o espaço resguardado e a figura de autoridade para serem anunciadas em

público. Mas essa transformação não retirou o caráter de difícil revelar ou íntimo nem o poder sobre quem fala. Este está apenas diluído, mais sutil e à serviço do sistema econômico e não apenas à uma instituição.

“O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e si porque provém de todos os lugares” (...) o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”. (FOUCAULT, 2006, p.103).

Práticas profissionais ou de enunciação do eu estão nas condições de emergência das ciências humanas e na constituição dos sujeitos como efeito da obrigação de enunciar verdades sobre eles próprios. Esta produção de verdade permite que os humanos governem a si mesmo e aos outros.

As técnicas de si permitem que se efetuem um controle sobre si mesmo, seus modos de agir, sentir, pensar e desejar, apoiados no discurso científico buscando alcançar uma condição de normalidade, saúde e felicidade divulgada como ideal ou correta.

Foucault (2006) usa a palavra governamentalidade para explicar o conjunto de instituições, procedimentos, análises e táticas que permitem o exercício de um poder que tem por alvo a população, um governo sobre todos e cada qual. O que Foucault vai chamar de governamentalidade é o encontro entre as técnicas de dominação e as técnicas de si. É como o homem se reconhece enquanto sujeito através do que ele confessa sobre si, do que é sua verdade. Mas para que esta seja reconhecida como verdade é preciso que quem o escuta saiba algo sobre quem fala que ele mesmo não sabe, que possua um conhecimento sobre o humano que permita avaliar a veracidade do que é confessado. Essa verdade vai além do confessor, produz uma verdade sobre a população, sobre a vida. A isso Foucault chamou biopolítica, uma gestão da população através do controle do sujeito sobre si mesmo e sobre os outros. Sendo assim, as técnicas profissionais permitem a construção de um conhecimento sobre o

humano aplicável na educação, nas práticas de saúde, nas relações familiares e de trabalho, nas religiões, nos grupos e amizades, isto é, em todas as esferas da vida. E esse controle se faz tão presente e tão forte por se travestir de liberdade. Dessa forma nos tornamos sujeitos de governo e objetos de conhecimento:

“(…) a governabilidade implica a relação de si consigo mesmo, o que significa justamente que, nessa noção de governabilidade, visto ao conjunto das práticas pela quais é possível constituir, definir, organizar, instrumentalizar as estratégias que os indivíduos, em sua liberdade, podem ter uns em relação aos outros. São indivíduos livres que tentam controlar, determinar, delimitar a liberdade dos outros e, para fazê-lo, dispõem de certos instrumentos para governar os outros. Isso se fundamenta então na liberdade, na relação de si consigo mesmo e na relação com o outro. Ao passo que, se você tenta analisar o poder não a partir da liberdade, das estratégias e da governabilidade, mas a partir da instituição política, só poderá encarar o sujeito como sujeito de direito. Temos um sujeito que era dotado de direitos ou que não o era e que, pela instituição da sociedade política, recebeu ou perdeu direitos: através disso, somos remetidos a uma concepção jurídica do sujeito. Em contrapartida, a noção de governabilidade permite, acredito, fazer valer a liberdade do sujeito e a relação com os outros, ou seja, o que constitui a própria matéria da ética” (FOUCAULT, 2006, p. 286).

Produzir um conhecimento sobre o humano nos coloca nesse mesmo lugar de quem pode dizer algo acerca do que é confessado pelo outro. O dispositivo que nos convocou ao pesquisar incita uma prática confessional assistida, analisada e orientada por um saber específico. Fato que vai além da passagem que Foucault descreve de um confessorário para um divã, a confissão deixa a proteção do sigilo para a total exposição a quem possa interessar (na expectativa de que possa interessar a alguém, preferencialmente muitos). E nessa relação entre se revelar ao outro que lhe confere existência que o humano continua a se reconhecer, a se constituir e que nosso saber continua a validar ou não. Mas tudo indica que esse saber

escapou ao especialista e está disponível a quem dele saiba utilizar. Saiba utilizar porque se mantém como elemento de poder na medida em que o discurso da ciência se faça presente por trás de falas aparentemente destituídas deste poder.

Nos reconhecemos implicados nesse processo enquanto sujeitos, enquanto produtores de conhecimento, detentores de um saber sobre o humano que incita a confissão e produz verdade à partir dela. Seria ingênuo, ou estratégico, defender que essa postura nos isenta de produzir verdades, especialmente por sua dimensão acadêmica. No entanto investimos no potencial de aplicar esse poder na produção de diferença, na ruptura com o estabelecido. Almejamos mais do que encontrar respostas com a pesquisa, almejamos evidenciar outras formas de pesquisar e que estas possam repercutir no campo. Apostamos na dimensão política do pesquisar por seu potencial de intervenção iniciando na escrita. Interessa-nos o que a pesquisa produziu no pesquisador, no campo e nos envolvidos.

Law (2004) propõe bagunçar as metodologias tradicionais de pesquisa, se interessa, e nos convida a reconhecer a “bagunça” tendo em vista que o mundo é “bagunçado” e não limpo e organizado, à disposição de ser decifrado pela ciência. Para o autor os métodos de pesquisa impedem a bagunça, se preocupam com a pureza de dados e as garantias dos resultados encontrados. O mundo é uma bagunça e as formas reconhecidas cientificamente de fazer pesquisa reprimem esta bagunça. O resultado é uma pesquisa tendenciosa. Frequentemente os dados encontrados são confirmações do que é esperado encontrar. Não porque as pesquisas são inverídicas ou os dados intencionalmente manipulados para tal e sim porque o olhar do pesquisar permitiu identificar a realidade por ele procurada apenas, e como os sentidos e verdades são construídos, esse resultado também é construído.

Escolhemos não seguirmos métodos rígidos e objetivos, com passo a passo pré-estabelecido, que nos parecem mais simples e seguros, no entanto menos interessantes. Permitimos que o campo nos conduzisse. Nosso ponto de partida: os comentários aleatórios

sobre o Clube das Super Mulheres desaparece. A interrupção de sua exibição, interrompe seus efeitos diretamente visíveis. Não temos rastros a serem seguidos. Mudamos a direção. Buscamos as pistas deixadas no *blog* para continuar a viagem de pensar a distribuição de *expertise* no quadro em análise. Nos pareceu uma questão interessante. Durante a pesquisa identificamos não a *expertise* distribuída mas um discurso *expert*. Nos deparamos com um discurso psi incorporado pelas mulheres envolvidas e esta era a potência, o discurso psicológico especializado, materializado nas falas, escolhas de participantes, justificativas e intervenções que produziam verdades sobre o que é ser mulher. Não importava a dimensão de uma titulação acadêmica que respaldasse quem fala. Estar na grande mídia televisiva conferia esse poder. Fomos acompanhando as trilhas que o pesquisador apontou e chegamos a este texto. Não com o objetivo de uma crítica isenta, mas reconhecendo a produção de verdade do próprio texto.

Sabemos com Law (2004) que uma pesquisa não nos permite apreender todo campo estudado. O que temos são recortes desse campo e o que tornaremos visível com a pesquisa é uma intervenção em si, uma escolha política de qual realidade faremos existir. Não há uma realidade lá fora a ser pesquisada. A realidade é construída na relação entre pesquisador e campo. Tornamos visíveis as materialidades mas somente as que escolhemos. O que nos diz o autor é que existem várias realidades e não várias formas de interpretar a realidade. Não é um perspectivismo sobre a coisa; é um recorte da coisa que o pesquisador faz existir e ao fazer existir uma dada realidade o pesquisador silencia tantas outras presentes no campo.

Mol (2002) nos propõe o que chamou de política ontológica. Termo composto que na filosofia define o que pertence ao real. Para a autora existem dois verbos ligados à essa política: o performar e o intervir. Performar é fazer existir algo. Quando decidimos o que do campo faremos existir ou não em nosso texto estamos performando uma versão da realidade.

O verbo em inglês é *enact*, tem o sentido de atuar, de encenar um personagem. O termo *enact* foi utilizado por Mol (2002) para dizer que nenhum objeto existe sem estar articulado às práticas que o produzem e o fazem existir. Em inglês *enact* aponta para dois sentidos distintos: como encenar, representar um papel; e como fazer existir, promulgar, fazer, no sentido, por exemplo quando dizemos que “o congresso nacional promulgou (fez existir) uma nova lei”<sup>22</sup> Nas palavras da filósofa: “*É possível dizer que nas práticas os objetos são feitos [enacted] (...) isto sugere também que em ato, e apenas aqui e acolá, alguma coisa é – sendo feita [being enacted]*” (Mol, 2002, p. 32-33, tradução nossa). Traduzimos o sentido de *enact* fazendo uso da palavra *performar*, bem como de suas variações, *performatividade*, *performativo*.

As práticas são performativas. Fazem existir certas realidades. Esta existência só é possível com o trabalho árduo de reunir os elementos, de agrupar (o que Latour chama de social). Podemos pensar tanto no texto que ora se apresenta quanto nas práticas que encontramos no campo como o resultado de um agrupamento.

Essa leitura é política por entender que essas condições de possibilidades que vivemos não nos são dadas *a priori*, porque construímos uma dada realidade e não outra de forma ativa, aberta e contestável. As realidades são modeladas na interação com as práticas mais banais do cotidiano e constroem o mundo, definem o mundo em que vamos viver. Seguimos com a autora partindo das práticas banais por entendermos que estas produzem realidades. Nos interessa entender como as coisas se conectam para produzir determinada realidade e não como elas existem isoladamente.

Para tal a autora propõe que investiguemos as práticas cotidianas entendendo que as práticas são performativas. Logo, conhecer não é representar o real é engajar-se e interferir

---

<sup>22</sup> (Ver: <http://dictionary.reference.com/browse/enact>).

nas práticas no ponto em que estas performam as realidades. As realidades produzidas no cotidiano são múltiplas e heterogêneas. Articulam incontáveis atores humanos e não humanos. Nosso interesse é tornar visível essas articulações para entender como estas produziram a realidade. Segundo Moraes e Arendt:

“se os pesquisadores fazem, criam as realidades que investigam, se são as práticas dos atores que colocam o mundo em cena, torna-se possível interferir nesta criação e encenar outros mundos. A nova orientação é, portanto, uma nova política de intervenção, uma política ontológica. Juntar estes termos – política e ontologia – significa dizer que a realidade é efeito, é performada. Significa também dizer que o conta como realidade envolve negociação e trabalho. Assim, o que ganha força é a possibilidade de intervenção: interferir na composição de mundos, fazendo proliferar versões onde conte mais e mais atores, onde nem sempre o que se estabiliza é o que interessa” (MORAES e ARENDT, 2013, no prelo).

Para a realização desta pesquisa, seguimos não um método específico ou um autor. Decidimos seguir inspirações metodológicas. Preferimos falar em inspiração por não termos a pretensão de uma metodologia estanque, um passo a passo que deve ser seguido mas uma direção. Nos permitimos perder o foco, seguir as pistas. Inspirado em Deleuze e Guattari (1995) ao utilizarem a cartografia como uma característica do Rizoma, Passos e Barros (2009) se apropriam do conceito para pensar um procedimento metodológico de pesquisa. De acordo com os autores, o sentido tradicional de método está impresso na própria etimologia da palavra método: *metá* (metas) – *hódos* (caminho), ou seja, caminho pré-determinado pelas metas. Não adotarmos um método de pesquisa é pensar “*Não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça no percurso suas metas*” (PASSOS e BARROS, 2009, p.17). Escolhemos inverter a perspectiva da metodologia de pesquisa não adotando um método específico que determine a forma de

caminhar e onde se irá chegar. Não é mais o objetivo que determina um caminho rigoroso a fim de evitar qualquer interferência no campo e neutralizar as interferências do próprio pesquisador. Decidimos traçar o caminho durante seu percurso. A cartografia é uma inspiração.

Retomando a ideia de utilizar o arsenal conceitual como uma caixa de ferramentas pensamos da mesma forma a metodologia. Um processo com referencial teórico que funcionará como instrumentos a serem utilizados na viagem do pesquisador.

Convocamos a teoria ator-rede utilizando as ferramentas do campo de estudos da Ciência, Tecnologia e Sociedade, destacando o trabalho desenvolvido por Bruno Latour (2008), entre outros autores, cujos princípios norteadores são os seguintes: (1) “uma boa descrição dispensa explicações”<sup>23</sup>; (2) toda pesquisa tem uma dimensão política que não pode ser negligenciada, ou seja, o pesquisador deve ter em mente que realidades faz existir, quem ou o quê se beneficia ou prejudica com sua pesquisa; (3) não há narrativa ou pesquisa neutra; e (4) talvez o mais polêmico: todo conhecimento é situado, e a tarefa do pesquisador consiste em seguir os movimentos dos atores onde este se dá, entendendo como ator tudo o que “faz fazer coisas”<sup>24</sup> seja este humano ou não humano.

Latour (*idem*) problematiza o termo “social” ao sublinhar que o social não é a matéria de que alguma coisa é feita, nem tampouco algum atributo que qualificaria alguma coisa já dada. O social não é, para Latour (*idem*), uma coisa entre outras coisas, mas sim um tipo de

---

<sup>23</sup> Latour defende que um bom texto descreve o que foi observado na pesquisa, falando junto com os atores, acompanhando seus movimentos, mantendo as palavras que utilizam, rastreando suas conexões, sem buscar “significados ocultos”.

<sup>24</sup> Se entendermos “subjetividade” como um processo em constante produção, no qual estão implicados o ambiente, a cultura, as relações sociais, os humanos e os não humanos, começamos então a pensar na perspectiva da “rede de atores”. Esses atores ou actantes são coisas, pessoas ou instituições que têm agência, ou seja, que produzem efeitos no mundo e sobre ele, que fazem fazer coisas.

relação entre coisas heterogêneas, elas mesmas não sociais. Assim, o autor propõe que social seja tomado pelos pesquisadores em seu sentido etimológico de associar, agenciar, ligar. Por esta via, cabe às ciências sociais investigar os modos como o social é feito, associado em diversas práticas cotidianas, aí incluídas, sem dúvida, as práticas científicas. A tarefa primordial das ciências sociais é rastrear as associações, seguir seus arranjos bem como os efeitos que tais associações engendram. Em nossa pesquisa, procuramos seguir e descrever as associações entre certas práticas psi, as modulações da intimidade e os efeitos no público que acompanha essa exposição. O autor sinaliza que uma das tarefas de uma cartografia é a de rastrear as associações que ligam diferentes elementos, cuidando para indicar as ações de cada um destes elementos. Como estes actantes se reúnem? O que os mantém associados? De que modo as *expertises*, os discursos, se distribuem neste coletivo? São estas as perguntas que orientarão nossas argumentações.

De outro lado, seguindo algumas pistas abertas pela filósofa e psicóloga belga Vinciane Despret (2011), o que nos interessa investigar é o modo como o discurso psi é performado no dispositivo cujo formato é o de um *reality show*. A autora analisa, por exemplo, alguns dispositivos de pesquisa experimental em psicologia para sinalizar que o aparato investigativo é construído de modo a colocar o sujeito, isto é, aquele que é o alvo da investigação, no lugar de objeto, um lugar passivo e destituído de *expertise*. Esta ao contrário, é condensada no polo do pesquisador: é ele quem sabe dos objetivos da pesquisa, ele quem formula as questões e faz as análises. No entanto, em suas análises dos dispositivos de pesquisa experimental em psicologia, Despret (*idem*) sinaliza que participar de uma pesquisa, aceitar responder perguntas, preencher formulários, é, antes de tudo, um acordo, um pacto que se estabelece com o outro. Há neste engajamento uma abertura ao outro, ignorada no modelo tradicional de fazer pesquisa. E se elaborássemos dispositivos de pesquisa que de fato, interpelassem o outro como co-autores, como sujeitos *experts*? Não seriam outras as versões

de mundo produzidas pelas pesquisas em psicologia? Despret (*idem*) nos convoca a colocar nestes termos nosso campo de investigação, a buscar compreender de que modo o discurso psi se engata e se distribui num certo dispositivo midiático.

Procuramos estabelecer uma conversa entre o dispositivo em análise, seus atores, suas práticas e discursos e os teóricos que orientam a construção dessa pesquisa. Utilizamos as falas dos atores humanos e o que fala os não humanos através de seus efeitos não como uma ilustração da teoria, mas como uma composição. Permitimos que os atores falem com os autores e, por isso, manteremos as categorias por eles criadas para expressar suas percepções das coisas. Procuramos não traduzir em conceitos suas falas mas deixar que elas criem seus próprios sentidos.

A postura assumida nos impele a pensar essas práticas e também nos pensar enquanto atores no processo considerando que temos formações psi, atuamos com esse conhecimento e produzimos verdades. Também somos convocados a falar nos espaços acadêmicos e nas mídias sobre nossas pesquisas, nossos saberes, nossas verdades. Nessa pesquisa não temos a ilusão de atuar como observadores isentos mas reconhecemos que fazemos parte desse cotidiano e agimos sobre ele.

Toda intervenção é política na medida que provoca efeito no coletivo. Sendo assim esperamos que este texto seja uma intervenção política de ruptura com práticas que aprisionam a subjetividade, que a transformam em mercadoria para consumo dentro de uma lógica capitalista e que a descarta quando já não desperta o interesse do olhar distraído do consumidor de vidas. O texto é uma intervenção, faz existir uma realidade, escolhemos o que tornamos visível em nosso texto. Esperamos que este texto dê visibilidade ao que aprisiona mas também ao que escapa, à capacidade singular de produzir desvios neste cenário.

## II – SORRIA, VOCÊ ESTÁ ENCENANDO!<sup>25</sup>

*"A teoria dos terapeutas constrói a patologia de que  
eles cuidam"*  
Tobie Nathan.

Cena 1 - Programa de domingo classificado como de grande audiência na televisão brasileira: três atrizes falam sobre seus personagens numa telenovela exibida pela Rede Globo de Televisão, enquanto um especialista-psiquiatra discute os comentários comparando os personagens a casos da “vida real” e ensinando como lidar com os dramas vividos por essas personagens.

Cena 2 - Sexta-feira a noite, programa de televisão interativo discute questões referentes à sexualidade: convidados e platéia dão suas opiniões sobre questões do cotidiano, de saúde, além de polêmicas sobre sexo. Ao final de cada fala, a apresentadora passa a palavra para a especialista-psicóloga dizer se “*está certo ou errado*”.

Cena 3 - Telejornal: relato de crime com depoimentos da família sobre a vítima e de especialista-psicólogo sobre as características psicológicas do possível autor do ocorrido e suas motivações, acompanhado de diagnóstico e explicações sobre o mesmo.

Cena 4 - Espaço em revista de grande circulação, na seção “Carta do leitor”: leitores enviam relatos sobre suas vidas particulares, solicitando auxílio para resolução de um problema sendo respondidos, na própria revista por um especialista-psicanalista.

---

<sup>25</sup> Frase de um cartaz indicando câmeras de segurança no estacionamento do Hipershopping ABC, em Petrópolis, substituindo o freqüente “Sorria, você está sendo filmado!”

Porque se apropriar do cotidiano como campo de pesquisa? De que forma isso que vivemos imersos, que entendemos como hábitos, que já não desperta a atenção por estar tão dissolvido na rotina pode se constituir em problema de pesquisa?

As cenas descritas são de um cotidiano produzido, inventado. Não há um já dado. Há atores se articulando, se conectando, construindo uma realidade. Spink (2003) afirma que é no cotidiano que são produzidos e negociados os sentidos. É no analisar, no descrever o cotidiano, buscar as articulações, ter o olhar atento aos movimentos, lugares e trocas, aos afetos e comportamentos do dia-a-dia que poderemos encontrar como essa vida se constitui, quais forças estão atuando, que materialidades e sociabilidades estão emergindo, que verdades estão sendo performadas. Segundo Stecanela:

“Denso, o cotidiano se compõe de milhares de micro-lugares; não é um contexto eventual ou um ambiente visto como pano de fundo. Os micro lugares, tal como os lugares, somos nós; somos nós que os construímos e continuamos fazendo numa tarefa coletiva permanente e sem fim” (STECANELA, 2009).

É no cotidiano que são produzidos e negociados os sentidos. Analisar, descrever o cotidiano dessas mulheres submetidas à um dispositivo midiático se faz relevante como problema de pesquisa. É no olhar atento aos movimentos, lugares e trocas, aos afetos e comportamentos do dia-a-dia que poderemos encontrar como essa vida se constitui, quais forças estão atuando, que materialidades e sociabilidades estão emergindo, que verdades estão sendo construídas. Neste caso, que realidades o discurso psi está construindo. Pensar o cotidiano da prática psi e pensar os efeitos dessa prática implica caminhar nos micro-lugares.

Entrevistas e conversas são situadas, são micro-lugares. A conversa no Clube não

seria a mesma na mesa de bar nem no consultório. Ela se dá dessa maneira porque na relação com a câmera, pela expectativa que identificam no dispositivo, por confessarem suas verdades para um público e pela presença de um especialista. Não há uma realidade a ser filmada, a realidade se constrói no encontro, na relação entre quem é filmado, a câmera e quem filma.

O cotidiano que buscamos retratar exige a exposição de sentimentos, opiniões, formas de se relacionar, motivações, medos, dependências, possíveis patologias, virtudes e fraquezas. Solicita vigilância e orientação. Essa exposição é possível por estar ancorada no interesse pela vida alheia. O que faz o outro, que músicas escuta, quais lugares conheceu, como sente, vive, pensa, se relaciona. Seja nas páginas da internet onde qualquer um que tenha acesso à seus recursos (e sabemos que mesmo hoje em um país com distribuição de renda tão desigual isso não quer dizer exatamente qualquer um) e pode usar redes sociais, blogs e outras ferramentas para se fazer visível e para observar a vida do outro. As redes sociais permitem atualizações a todo momento e estas são acompanhadas. É na potência de atrair o olhar do outro que se define o que publicar. Esse interesse por cotidiano é capturado pelo marketing. O “real” invade as propagandas, revistas, livros, jornais, televisão, invade o cotidiano. *“O espetáculo da realidade faz sucesso: tudo vende mais se for real, mesmo que se trate de versões dramatizadas de uma realidade qualquer”* (SIBILIA, 2008, p. 195). Sendo assim os produtos midiáticos são enfeitados com vidas reais. Mesmo reportagens e notícias consideradas formas isentas de comunicação de fatos são recheadas com relatos pessoais, imagens de cidadãos comuns e demonstrações de emoções de pessoas envolvidas no fato ou comentando como este as tocou.

Podemos pensar uma extrapolação do imperativo capitalista de que é preciso ter para ser para um não basta ter, é preciso que o que se tem seja visto, é preciso aparecer para ser.

Para tal, mostrar “*quem sou de verdade*”<sup>26</sup>, expor a intimidade, confessar seu interior, funcionam na revelação da verdade sobre si mesmo e na própria produção de si mesmo: “*Abandonando o espaço interior dos abismos da alma ou dos sombrios conflitos psíquicos, o eu passa a se estruturar em torno do corpo. Ou mais precisamente, da imagem visível do que cada um é*” (SIBILIA, 2008, p. 111).

Pensar o cotidiano de todos nós é pensar também as diferentes práticas psi que diretamente, através da atuação desses profissionais, ou indiretamente, por seus discursos difundidos e incorporados como verdades produzem um determinado tipo de sujeito.

Foucault (1988) identifica o fortalecimento da confissão no século XVIII impondo regras de controle sobre si mesmo:

“Examinai, portanto, diligentemente, todas as faculdades de vossa alma, a memória, o entendimento, a vontade. Examinai também com exatidão todos os nossos sentidos, ... Examinai, ainda, todos os vossos pensamentos, todas as vossas palavras e todas as vossas ações. Examinai, mesmo, até os vossos sonhos para saber se, acordado, não lhe teríeis dado o vosso consentimento...” (SEGNERI, 1965 apud Foucault 1988, p. 26).

“*O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo*” (ibid, p.42). O autor identifica na Idade Média as sociedades ocidentais colocarem as confissões como os rituais mais importantes na produção de verdade. Confissão, do latim *confiteri*, conhecimento, de *com* – intensificativo, mais *fateri*, admitir. Aquele que admite a culpa, confesso. “*Reconhecimento por alguém de suas próprias ações ou*

---

<sup>26</sup> Afirmativa frequente entre participantes de reality shows.

*pensamentos*” (*ibid*, p. 67). No francês *aveu*, que significa declarar, dizer, admitir, atestar algo sobre si mesmo. Confissão na igreja, sacramento do perdão e da penitência, envolve a revelação da intimidade, de pensamentos e comportamentos considerados pecados ao representante da igreja, que definirá a penitência, as punições para as falhas cometidas, para que essas possam receber o perdão divino. O confidente está sob o domínio do sigilo. Na língua portuguesa confissão é a declaração verbal ou escrita pela qual se reconhece ter pensado, sentido, feito ou dito alguma coisa. Pode ser a confissão de erros e culpas, ou confissão de sentimentos como uma declaração de amor.

“O indivíduo, durante muito tempo, foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção); posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso de verdade que era capaz de (ou obrigado a) ter sobre si mesmo. A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder” (*ibid*, p. 67).

A confissão assume a função de principal técnica para produzir a verdade sobre o sujeito. E esta verdade é encontrada no exame de si mesmo. Seus efeitos foram além das instituições religiosas alcançando as instituições jurídicas, de saúde e educacionais. Chegando às esferas íntimas da vida.

“Confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se me público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se ou se é forçado a confessar” (*ibid*, p.68).

No século XIX a confissão deixa de ser exclusividade de rituais religiosos. As motivações, modos e seus efeitos diversificaram. Está presente nas consultas médicas, nos interrogatórios, cartas e biografias. Muitas dessas confissões são publicadas e despertam o interesse de leitores. *“Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes tem necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente”* (ibid, p. 68). Foucault se refere às confissões sobre o sexo, sobre a obrigatoriedade de descrever sua atividade, seus prazeres e desejos em minúcias. Primeiramente como uma exigência das instituições religiosas, no entanto outro poder toma para si essa prática: os saberes científicos. Especialmente a medicina, a psiquiatria e a pedagogia. As verdades sobre si mesmo que se pretendem reveladas através das confissões saem do campo do pecado e salvação e passam ao domínio do saber sobre o corpo e a vida: o discurso da ciência. *“Constituiu-se, então, essa coisa improvável: uma ciência-confissão, ciência que se apoiava nos rituais da confissão e em seus conteúdos, ciência que supunha essa extorsão múltipla e insistente e assumia como objeto o inconfessável-confesso”* (ibid, p.73).

O domínio do sexo deixa de ser exclusividade do registro da culpa e do pecado para ser inscrito na distinção entre o normal e o patológico. Aí está o sentido da confissão nas intervenções de saúde, se transforma em prática indispensável para diagnósticos e uma forma de tratamento. Falar cura. Revelar as dores e culpas da alma cura. *“A verdade cura quando dita a tempo, quando dita a quem é devido e por quem é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável”* (ibid, p. 77). Aqui situamos o berço da confissão como técnica na escuta clínica terapêutica. Base na construção das práticas psi.

As palavras do autor referem-se há séculos passados, mas é inegável como o homem permanece um animal confidente. Hoje ainda podemos pensar que a intimidade revelada são os pecados da atualidade: a insegurança, o descuido com o corpo, a carência... como se trata

de condições de emergência para discutirmos as práticas. São as exigências da atualidade que decidem quais os pecados: não encontrar um par, não ter sucesso profissional, estar fora dos padrões de beleza impostos. Essas exigências e pecados permanecem sob domínio do saber científico e a medicina, a pedagogia e os saberes psi (a psiquiatria se expandiu nos campos da psicologia e da psicanálise) continuam sendo as disciplinas que engendram as práticas profissionais. Os saberes psi alcançam tamanha proporção ao ponto de serem requisitados em campos diversos. No clássico atendimento clínico e psicodiagnóstico que se estruturaram nas confissões, na crença de que há uma verdade sobre o sujeito que só se torna revelada na confissão de seu íntimo, confissão esta que enfatiza a dimensão de segredo, de inconfessável: só há revelação da verdade sobre si se o conteúdo desta for aparentemente um segredo, algo não revelável. E nos campos de atuação de especialistas psi conquistados com a divulgação da capacidade de desvendar e corrigir o humano como as empresas, escolas, tribunais de justiça, delegacias de polícia, hospitais, grupos esportivos e instituições de ensino, treinamento e a chamada “reinserção social”. Para além dos lugares delimitados os saberes psi exigem confidências nos espaços públicos. Revistas, programas de rádio e televisão que incitam confissões de verdade de sujeitos que clamam diagnósticos e orientações.

“O século XIX desloca a confissão ao integrá-la a um projeto de discurso científico; ela não tende mais a tratar somente daquilo que o sujeito gostaria de esconder, porém daquilo que se esconde ao próprio sujeito, e que só se pode revelar progressivamente e através de uma confissão da qual participam o interrogador e o interrogado, cada um por seu lado. O princípio de uma latência essencial à sexualidade permite articular a coerção de uma confissão difícil a uma prática científica. É bem preciso arrancá-la, e à força, já que ela se esconde” (ibid, p. 76).

A verdade não está somente no que é confessado. É no confidente, naquele que está

munido das ferramentas necessárias para interpretar o que é dito, para entender o que está por trás do que é falado, para interpretar qual verdade está escondida no interior do sujeito. O mecanismo de confissão somente se configura como uma estratégia de poder porque envolve essa relação: o confessor e aquele que recebe a função de incitá-la, decifrá-la e conferir o caráter de verdade, é seu receptor o dono da verdade. A verdade não está no que é dito, está no discurso de verdade que é produzido por nesta relação. *“O século XIX tornou possível fazer funcionar os procedimentos de confissão na formação regular de um discurso científico, fazendo dela não mais uma prova mas um sinal e, da sexualidade, algo a ser interpretado”* (ibid, p. 76).

## **II.1 – Vida Alheia: mais interessante que a sua<sup>27</sup>.**

Recorrendo a etimologia da palavra intimidade, do latim *intimus*, encontramos como definição aquilo que está no interior. Essa separação exterioridade e interioridade é uma produção do saber psi. Despret (2011) nos coloca a produção da intimidade através do segredo e das emoções enquanto atividade da psicologia na criação da psique como a identificamos na atualidade e no seu reconhecimento e tratamento através da confissão. Uma expressão do que Foucault denominou poder pastoral, ou seja, da relação entre a figura de autoridade, o pastor, que reúne e conduz o seu rebanho sendo responsável pelo cuidado com cada membro desse rebanho que deve confessar sua verdade. Uma relação de devoção e reconhecimento de suas atitudes como direcionadas para o bem do grupo. É uma forma de poder que gera a individualização e a totalização:

---

<sup>27</sup> Chamada de programa humorístico, exibido pela Rede Globo de Televisão em 2010, que satiriza revistas que divulgam a intimidade de celebridades

“As tecnologias do self assumem a forma de uma elaboração de técnicas para condução da relação de cada um consigo mesmo, por exemplo, ao exigir que cada um se relacione consigo mesmo de maneira epistemológica (conheça a si mesmo), despótica (controle a si mesmo), ou de outras maneiras (cuide de si mesmo). Elas são incorporadas em práticas técnicas específicas (confissão, escrita de diários, grupos de discussão, o programa dos doze passos dos alcoólicos anônimos). E são sempre praticadas sobre a autoridade real ou imaginária, tanto de algum sistema de verdade quanto de algum indivíduo autoritário, seja ele teleológico e pastoral, psicológico e terapêutico, ou disciplinar e tutelar” (ROSE 2011, pg 50).

Na atualidade as práticas confessionais saíram dos consultórios de psicoterapias e instituições religiosas. A intimidade a que nos referimos, a vida privada, aos acontecimentos restritos ao âmbito da casa, da família e ao próprio mundo interior do sujeito, na atualidade se produz na exteriorização. Ser autêntico, sincero e ter coragem para se expor, tolerar e solicitar o olhar do outro, pedir vigilância e, conseqüentemente, orientação para a conduta. No entanto uma característica se mantém a necessidade da confissão dessa intimidade para se alcançar a verdade sobre o sujeito. *“Hoje, como nunca, qualquer um realmente pode – e habitualmente quer, e talvez daqui a pouco deva – ser um personagem como aqueles que incansavelmente se mostram nas telas”* (SIBILIA, 2008, p. 254).

Vivemos um momento que mescla o que Foucault (1990) chamou de governamentalidade liberal com o que Deleuze (1992) chamou sociedade de controle. Se na disciplina as instituições vigiavam e mantinham a ordem através da punição, na atualidade vivemos sob um controle muito mais sutil. Instituições como a escola, família ou igreja já não dominam os comportamentos. A mídia, o consumo desenfreado, a criação de necessidades artificiais, a exigência de visibilidade e a imposição de modelos tanto físicos quanto subjetivos aos quais se devem seguir, criam mecanismos que manipulam e controlam, entretanto, dão a ilusão de que se é livre para escolher como viver.

Esse poder insidioso que controla as formas de vida, chamado por Foucault (1990) de biopoder, como toda forma de poder, cria saber e produz discursos. Surgem cada vez mais especialidades que “ensinam” o que se deve ser, fazer ou pensar. Criou-se o que Chauí (2006) chamou de ideologia da competência *“a peculiaridade da ideologia contemporânea está no seu modo de aparecer sob a forma anônima e impessoal do discurso do conhecimento, e sua eficácia social, política e cultural funda-se na crença na racionalidade técnico-científica”*<sup>28</sup> (Chauí, 2006, p.76).

O profissional psi, reconhecido como especialista no comportamento e emoções humanas, é convocado a participar dessa “criação de identidades e entorpecentes” através de emissão de laudos, pareceres e diagnósticos que funcionam como instrumentos de controle da vida. Passam a ditar palavras de ordem divulgadas pela mídia para gerir vidas utilizando o sentimento de incompetência generalizado também produzido por essas mesmas práticas.

Nesse contexto encontramos *“subjetividades geridas e tuteladas que cultivam a pesquisa introspectiva sobre si mesmas, mas que encontram, como resultado desta pesquisa, não parâmetros singulares, mas parâmetros modelizantes sobre os quais pautam suas vidas”* (Rauter 1993). Observamos o fortalecimento da ciência como fonte de referenciais de normalidade, saúde e bem-estar dando ao sofrimento, ao insucesso e à dúvida características de patologia estimulando a necessidade de avaliação e orientação especializada para “ser saudável ou feliz”.

A psicologia moderna se afirma como dominando um conhecimento acerca do humano, de seus processos internos e sua relação com os outros e com o mundo. Seu saber se construiu afirmando o poder de definir a normalidade, identificar desvios e promover o

---

<sup>28</sup> Não negligenciamos o conflito no posicionamento teórico entre Chauí e o referencial adotado nessa pesquisa. Escolhemos seu conceito de ideologia da competência especificamente por apoiar o pensamento por nós defendido.

ajustamento do sujeito consigo mesmo e com o social. Sendo assim, a psicologia contribui com uma determinada construção de sujeito, de como devemos viver, pensar, agir, sentir. Nossa proposta é discutir como esse processo se dá na relação com outros, humanos e não-humanos, como o discurso produzido por este saber se articula no coletivo produzindo uma verdade que possibilita que os humanos regulem uns aos outros e também a si mesmo.

Rose (2011) utiliza a descrição de governo para Foucault (1991) vinculando a história do saber psi à história do governo enquanto “um modo de conceitualizar todos aqueles programas, estratégias e táticas para a ‘condução da conduta’, mais ou menos racionalizados, para agir sobre as ações dos outros de maneira a alcançar certos fins. Nesse sentido, pode-se falar em governo de um navio, de uma família, de uma prisão ou fábrica, de uma colônia e de uma nação, assim como de um governo de si” (ROSE, 2011, pg 25).

A psicologia se fundamenta nas técnicas de observação, exame e classificação tendo a confissão como instrumento base para sua prática. O que o outro pode revelar sobre si mesmo aliado ao conhecimento que o *expert* acredita possuir sobre ele produz uma verdade. A confissão só existe porque se confessa algo à alguém que supostamente tem o poder de avaliar, orientar, julgar e punir. Seja pela autoridade imposta pela posição social, seja pela autoridade reconhecida no saber científico.

O que se confessa deixou de ser o constrangedor, o sigiloso. O que se confessa é o cotidiano, são as dúvidas, os medos, os sentimentos, os sonhos, os desejos, os arrependimentos que se entende pertencer à todos de alguma forma. Mas do que buscar o perdão das confissões religiosas ou assumir um delito frente ao poder de instituições, a confissão se transformou num mecanismo que confere existência. Falar de si, mostrar o que entende ser, afirmar a própria existência, esse é o espaço das confissões. Se hoje estas são direcionadas aos detentores do saber é por não se reconhecer referenciais de como agir. Quem

sabe, quem tem o reconhecimento conferido pela ciência tem o poder de acolher a confissão e de intervir sobre quem confessa.

Foucault (1988) chamou de políticas da verdade essa obrigação de enunciar verdades sobre si mesmo a alguém com o poder de legitimar essa verdade. Os dispositivos midiáticos de visibilidade nos mostram que mais do que confessar a uma autoridade é necessário confessar ao público. A intimidade é transformada em um espetáculo para olhos curiosos e não é por merecer um destaque, por ter um grande feito, um acontecimento especial, é exatamente na banalidade que está a força dessas confissões. *“Os autores, narradores e protagonistas desses relatos parecem dizer o seguinte, sem pudores e até mesmo com certo orgulho: ‘minha vida é como a sua, logo tranquilize-se, estamos todos na banalidade do cotidiano’.* (SIBILIA, 2008, p.270). Esta busca da revelação parece funcionar na tentativa de aplacar a solidão imposta pelo esvaziamento do espaço público. Mecanismos de segurança promovem um distanciamento dos espaços coletivos percebidos como ameaçadores. Muros, alarmes, cercas elétricas, seguranças, mantêm o outro perigoso fora do alcance. A exposição de si caminha exatamente no sentido oposto, ela solicita o outro. *“Mais do que uma intromissão, nestes casos o olhar alheio pode ser uma presença desejada e reconfortante”* (ibid, p. 262). Os cuidados com segurança tão almejados são descartadas na divulgação de informações sobre locais que frequenta, pessoas que convive e fotografias. A subjetividade produzida nesses dispositivos deseja ser amada, reconhecida. A troca de intimidade é uma forma de aproximação, de estabelecer contato com os outros. Podemos observar nos conteúdos e comentários compartilhados uma relação estreita que é chamada de amizade pelos envolvidos. São frequentes, e pertinentes, as críticas às “amizades virtuais” mas estas são observáveis e inegáveis. São relações de afeto no sentido de afetação, de potência de interferir no outro e de vínculo sentimental. Vejamos o comentário de uma espectadora no *blog* do Clube após o último relato de Roselene:

“Olá linda Ro! E também queridas amigas do Clube. Eu, como muitas mulheres me identifiquei muuuuuuito com o caso da Ro, estou atualmente com 89 quilos , e quando me casei a 11 anos atrás pesava 60. Me caiu como uma luva o caso da Ro, e o Clube, porque me fez ver que não estou sozinha neste drama , que é possível mudar , apesar de saber e ter consciência de que não é nada fácil. Já mudei alguns hábitos, meu pãozinho do café da manhã agora é integral , o queijo é branco, e por aí vai. Quero agradecer a todas as mulheres participantes do Clube, que eu carinhosamente apelidei aqui em casa de Clube das mulheres extraordinárias!!! Dizer pra Ro não desistir e não fraquejar! Estou tomando você como exemplo! olha a responsabilidade! Beijinhos carinhosos pra todas vocês!”

Certamente uma outra configuração de amizade, transitória, criada para ser mostrada mas que acalenta um dos maiores medos do ser humano: a solidão. A troca de intimidade não se dá no mergulho interior, nas grandes reflexões existenciais encontradas nos antigos diários íntimos. O que se troca são recortes do cotidiano, questões momentâneas e interessantes. É preciso ser interessante para entrar no jogo e o que faz uma revelação interessante parece ser a possibilidade de se reconhecer nela. Seja por vivenciar questões semelhantes, seja por desejar vivenciá-las.

Sibilia nos provoca lembrando que *“Não se trata de obras de arte, não pretendem e nem sequer sonham com sê-lo. Apenas se apresentam como o que são: pequenos espetáculos descartáveis, algum entretenimento engenhoso sem maiores ambições, ou então celebrações da mais vulgar estupidez”* ( SIBILIA, 2008, p. 271).

## II. 2 – Localizando o Global: grupo ajuda a resolver problemas da mulher moderna.<sup>29</sup>

No *site* de um programa da Emissora de Televisão, encontramos a divulgação de um novo (será que é mesmo novo?) quadro:

“No mundo feminino, existem problemas que só outra mulher consegue entender. Por isso, queremos saber: qual o seu dilema feminino?

Baixa auto-estima? Dúvidas na educação dos filhos? Dificuldade na convivência com a sogra? Ciúmes demais do namorado ou marido? Está dividida entre se dedicar ao casamento ou à sua carreira? Ou o problema é a bagunça da sua casa? Até a sua vida sexual, se você quiser, a gente põe na roda! Afinal, adoramos dar palpite na vida alheia...

Escreva pra gente contando o seu dilema. Quem sabe não conseguimos resolvê-lo?”

O mesmo convite é divulgado no programa de exibição semanal com grande audiência. Trata-se do quadro “Clube das Super Mulheres”. A proposta do quadro é através das imagens entender o que se passa com a pessoa que pediu ajuda e propor intervenções que possam solucionar o problema apresentado no momento da inscrição com a orientação de profissionais psicanalistas.

Mas afinal, o que são dilemas femininos? Há uma noção persistente do que é ser mulher como se existisse uma essência biológica que define características físicas e comportamentais. São os saberes e as práticas que definem o que é ser mulher e essa construção é histórica e cultural. São as práticas e as verdades que disseminam o discurso do que é ser mulher.

Entendemos gênero, assim como outras categorias formadoras de identidades, como

---

<sup>29</sup> Chamada para o quadro no programa, no *blog* e no site da Emissora de Televisão.

uma construção sócio-histórica apoiada em características biológicas. Não negamos as diferenças entre os corpos mas defendemos que os significados atribuídos a estas são resultado de diferentes culturas, instituições e práticas sócias num processo multidirecional e sempre inacabado.

Reconhecemos formas múltiplas de vivenciar a feminilidade e a masculinidade e estas são produzidas nos discursos institucionais destacando os familiares, religiosos e científicos. O saber psi, destacando a psicanálise produziu um feminino apoiado na falta. Ser mulher é vivenciar a eterna busca de um poder restrito ao homem. Uma “natureza feminina” foi definida cientificamente demonstrando a inferioridade intelectual e orgânica da mulher. Sua condição corpórea marcaria seu destino. Para Fischer (2001) a família e a religião ainda impõem padrões de conduta do que seja certo ou errado para cada gênero. Apontam as atribuições, valorizam a obediência e indicam o que são bons e maus comportamentos em especial no casamento. Essas atribuições estão alicerçadas em valores de moralidade estabelecidos e mantidos ao longo do tempo.

Foucault (1998) ao estudar o dispositivo da sexualidade descreve a relação entre poder e subjetividade e entre poder e sexualidade afirmando a dominação sobre os corpos e suas verdades. *“Num tempo como este, em que se elege o corpo como o lugar de todas as identidades, não há como ignorar que a histórica desigualdade nas relações entre homens e mulheres constitui profundamente não só o corpo feminino como também as identidades de gênero”* (FISCHER, 2001)

Fischer (2001) em artigo publicado embasado em sua pesquisa de Doutorado sobre os conteúdos midiáticos que produzem o que é ser mulher, afirma que há predominância da mulher como protagonista das possibilidades de confissão na televisão

“de tal forma que, comparativamente aos homens, elas estão mais presentes como sujeitos falantes, “confessantes” e igualmente como sujeitos a serem formados, educados, ou seja, como sujeitos cada vez mais necessitados de normas e procedimentos para permanentemente ‘cuidarem de si’” (FISCHER, 2001)

O público feminino parece mais suscetível à exposição da intimidade. Atribuímos tal observação à permanência de discursos emocionais como de domínio feminino. O homem esteve, historicamente, voltado para fora, para as questões sociais e de trabalho. A mulher para os cuidados com a casa, os filhos e o marido. A intimidade sempre foi tratada como território feminino. Há uma permissão para mulheres serem frágeis, pedirem ajuda, chorarem em público, sentirem-se desamparadas ou solitárias. Aos homens não é dado o mesmo direito. Embora estes não escapem aos dispositivos de visibilidade o conteúdo que tornam público, frequentemente, estão menos ligados à intimidade no que se refere à vida familiar, amorosa ou sentimentos. Tais diferenças evidenciam a divisão de gênero também nas confissões. O que deve ser revelado pela mulher não o deve ser pelo homem. Cabe, ainda, aos homens falar sobre força física, esportes, negócios, política, bebidas, sexo e quando as questões familiares emergem são disfarçadas em piadas sobre casamento e sogra, por exemplo. Dúvidas, conflitos, medos, decepções, sonhos e paixões são conteúdos das confissões femininas.

A confissão é entendida por Foucault (1998) como a técnica de subjetivação fundamental. Para o autor é a obrigação de dizer tudo sobre si que constrói a verdade sobre o sujeito. “*Técnica de si’ que existe, se concretiza também em gestos e rituais midiáticos que sublinham muito claramente as divisões entre gêneros, reservando à mulher modos de existência muito específicos*” (FISCHER, 2011).

A exploração do corpo também é fortemente investida sobre as mulheres. Antes, do

corpo “puro”, “preservado” dos pecados da carne; hoje do corpo sensual, desejável. Fato que na atualidade a preocupação com o corpo em sua dimensão de belo, deixou de ser uma preocupação exclusiva de mulheres. Homens frequentam centros de estética, tratam os cabelos e modelam os corpos em academias, mas estes ainda recebem classificações como metrossexuais (uma alusão a serem heterossexuais com preocupações consideradas homossexuais).

O corpo feminino está registrado na mídia de diferentes formas e claramente marcado qual corpo deve ter a mulher. Revistas, programas de televisão e tutoriais na internet<sup>30</sup> ensinam a usar a roupa correta para disfarçar imperfeições ou destacar aspectos ditos admiráveis, dicas de maquiagem que podem mudar o rosto, cuidados com a pele e cabelos, unhas decoradas, tratamentos estéticos que eliminam estrias e celulites, cirurgias plásticas milagrosas, medicamentos e dietas para emagrecimento. O corpo feminino precisa ser belo e isto significa estar dentro de um padrão determinado. Escapar à esse padrão é percebido como falta de cuidado consigo, uma questão de deficiência na auto-estima. A vaidade, antes tida como pecado capital, ganhou contornos de virtude.

Mas não somente o corpo precisa ser cuidado, o interior, o que se convencionou chamar personalidade<sup>31</sup> que deve ser mostrada a qualquer custo. A mulher precisa equilibrar os cuidados com a casa e os filhos, se responsabilizar pela felicidade no casamento, ser independente financeiramente, ter uma carreira e estar segura de si. Tarefa árdua e que precisa de auxílio. A mídia recorre ao poder das autoridades científicas para evidenciar o que chamam de transformações femininas, dupla jornada de trabalho (em referência ao trabalho dentro e

---

<sup>30</sup> Derivado de tutor, aquele que protege e tem o objetivo de ensinar. São programas, vídeos ou textos que ensinam didaticamente como fazer algo. Inicialmente utilizados pela informática para ensinar o manuseio de programas específicos e atualmente disseminado na internet para ensinar qualquer coisa. Pessoas divulgam vídeos ensinando exercícios, passos de dança, tricô, técnicas de maquiagem, entre inúmeras outras coisas.

<sup>31</sup> Personalidade aqui não tratada como conceito da Psicologia mas sim como senso comum que entende personalidade com o conjunto de características que definem alguém.

fora do lar) ou simplesmente mulher moderna.

Andrade (2004 *apud* MAGALHÃES E RIBEIRO, 2009) afirma que os discursos veiculados pela mídia são “*endereçados e interessados e buscam atingir o público a que se destinam através de incessantes estratégias de convencimento, que levam as pessoas a se identificarem (ou não), a se sentirem nomeadas, visibilizadas e valorizadas nestes discursos midiáticos*” (p.110).

Foram determinados como dilemas femininos a baixa auto-estima, dúvidas com a educação dos filhos, dificuldade na convivência com a sogra, ciúmes do namorado ou marido, conflitos entre casamento e carreira, cuidados com a casa e vida sexual. O que tem em comum esses “dilemas”: emoções e família. Assim estão categorizados os dilemas femininos no dispositivo em análise. Questões emocionais típicas do “sexo frágil” afinal, baixa auto-estima, ciúmes ou conflitos entre casamento e carreira não são questões que interferem no universo masculino. Os cuidados com a família e a casa continuam sendo uma tarefa feminina. A “mulher moderna” propagada no quadro encontra suas raízes na mulher tradicional do século passado.

A repercussão da chamada para o quadro indica que os dilemas apresentados foram identificados como questões importantes presentes na vida de outras mulheres. Após o anúncio do “Clube das Super Mulheres” no *Espetáculo* e a abertura das inscrições no *site*, oito mil e-mails de mulheres solicitando auxílio foram enviados. Segundo a produção, foram selecionados para participar do quadro os temas que mais se repetiam nos e-mails, com o objetivo de oferecer ajuda ao maior número de pessoas. A produção entrou em contato por telefone com as mulheres pré-selecionadas para obter mais detalhes sobre a história de cada

uma. Essas mulheres passaram por entrevistas e testes<sup>32</sup> até chegarem a quinze mulheres. As quinze selecionadas passaram por todo o processo de gravação de seu cotidiano, análise e orientação das “*Super Mulheres*”, mas somente cinco casos foram exibidos. De acordo com relato de Marta<sup>33</sup> para esta pesquisa, os outros casos “*não renderam, não responderam às intervenções e se um especialista tivesse participado da seleção tudo isso seria evitado já que poderia identificar quem renderia ou não, que tipo de caso pode responder a um programa como esses*” (Em entrevista a pesquisadora). O objetivo do programa era mostrar a capacidade de, um grupo pensando sobre a vida de alguém com a orientação de um especialista, solucionar problemas. Nos casos em que mesmo com as orientações e intervenções de outros profissionais convidados os problemas não foram ao menos aparentemente solucionados a exibição comprometeria o argumento. Marta diz ainda que provavelmente foi este o motivo para a retirada do programa da grade da emissora de televisão, embora a audiência na televisão tenha surpreendido assim como os acessos ao *site*, o investimento financeiro nos casos não exibidos inviabilizou a continuidade.

A presença de um especialista surgiu como uma necessidade ao longo da realização, não constava na proposta inicial. A produtora, Fátima, no *blog* do Clube explica que a ideia inicial era formarem um grupo de mulheres até perceberem que “*algo estava faltando, não queríamos apenas dar palpite sem embasamento e chegou-se à conclusão de que haveria uma quinta cadeira, a ser ocupada por uma especialista, dependendo da história contada*” (Relato da idealizadora e produtora do programa retirado do *blog*). O quadro deixa de ser formado por pessoas comuns usando suas experiências de vida para aconselhar alguém que sente precisar de ajuda, para se tornar um laboratório das práticas psi: observação, exame, diagnóstico e tratamento:

---

<sup>32</sup> Não ficou claro que tipo de testes foram estes já que duas participantes entrevistadas afirmam terem sido testes psicológicos e a psicanalista Marta diz que nenhum psicólogo participou da seleção.

<sup>33</sup> Especialista que atuou no programa. Será apresentada ainda neste capítulo.

“Neste caso, mesmo que se trate de ficção, o bordão é o mesmo, é como se ouvíssemos este apelo: ‘exponha sua doença, exponha sua dor, exponha seu erro, exponha seu sonho, exponha seu corpo, exponha sua pieguice, exponha, em suma, a sua ‘verdade’ – que ‘nós’ (a TV e seus especialistas) acolheremos você, ofereceremos todas as explicações e lhe devolveremos novas verdades, que logo serão suas” (FISCHER, 2001).

A estreia do quadro com o caso de Roselene, que será descrito no capítulo seguinte, teve grande repercussão e vários comentários foram deixados no *blog* do Clube. Muitos elogiando, outros tantos afirmando a sua inutilidade e alguns até depreciando a primeira personagem com conteúdos como: “*ela deveria ir malhar para perder aquela barriga*”; “*como colocam uma mulher horrorosa dessas na televisão*”; “*baixo nível alguém que chama o próprio marido de babaca*”<sup>34</sup>. No entanto, a maioria pedia ajuda e contava a própria história pessoal em relatos extensos e detalhados.

Seguindo a inspiração metodológica desta pesquisa descrevemos os diferentes atores que se articulam no “Clube das Super Mulheres” deixando que se expressem por seus efeitos, que produzam suas próprias teorias. Não buscamos interpretar dados mas dar visibilidade às conexões encontradas no campo. A figura do especialista perpassa as discussões na tentativa de rastrear suas conexões com os outros atores e o que estas produzem. Ressaltando que o

“O bom trabalho de campo produz uma quantidade de novas descrições. Se uma explicação é relevante, um novo agente está sendo acrescentado à descrição, e a rede é maior do que se imaginava. Se uma descrição precisar de uma explicação ela não será uma boa descrição. A teoria do ator-rede abre mão da explicação” (ARENDDT, 2008).

---

<sup>34</sup> Comentários extraídos do *blog* do Clube das Super Mulheres.

O coletivo em questão foi constituído pelos seguintes atores:

1 – Personagens: as cinco mulheres que escreveram para o quadro solicitando ajuda e foram selecionadas para contar suas histórias e receberem orientações. Personagem aparece na fala dos profissionais envolvidos na produção do programa e das especialistas, por isso manteremos essa denominação. Fátima, produtora do programa, apresentando as participantes no *blog* justifica que personagem é a forma usual para nomear pessoas que emprestam suas histórias de vida para ilustrar matérias jornalísticas. Essas mulheres assinaram um contrato para participar do programa garantindo exclusividade de imagem durante sua exibição e até seis meses depois para Emissora. Não receberam remuneração. Foram submetidas à orientações e censuras durante as gravações, ou seja, foram dirigidas. Marta, em entrevista, faz a seguinte observação sobre este aspecto: “*reality show também tem script, né, isso só não é dito*” (Em entrevista a pesquisadora). Mesmo entendendo que todas são personagens por se tratar de um programa televisivo optamos por manter a categoria utilizada pelas participantes entendendo que esta marca distinções entre elas: as personagens passam por censura e orientações da produção e não recebiam qualquer auxílio financeiro para participar do quadro; enquanto as demais são remuneradas, contratadas para trabalhar na orientação das chamadas personagens. Foram elas:

Roselene – mulher que engordou após a gravidez e afirma que isso abalou sua autoestima. Roselene foi entrevistada pela pesquisadora e o caso é descrito no capítulo seguinte.

Carmem – o marido tem uma filha adolescente de outro relacionamento que decidiu morar com o casal. As duas brigam com frequência e não sabe como administrar isso. Carmem também foi entrevistada e seu caso é descrito no terceiro capítulo.

Julia – mulher jovem e bem sucedida profissionalmente deseja casar-se e não encontra um companheiro. Após observarem Julia no trabalho e frequentando casas noturnas com amigas as mulheres entenderam que sua postura atrevida e a forma extravagante como se veste pode transmitir uma imagem diferente da imagem que, acreditam, deveria ter uma mulher que busca um compromisso afetivo. Uma estilista esteve em sua residência para ensiná-la como se vestir e a levaram a um local que promove encontros entre solteiros no qual conheceu dois homens mas não se interessou por nenhum deles. Recebeu diversos e-mails de homens interessados em conhecê-la mas nenhum lhe agradou. Foi bastante criticada por isto e acusada de procurar o programa somente por querer aparecer e não por querer ajuda. Após o primeiro dia de exibição recebeu 146 comentários no *blog* do Clube. Marta conta que seu caso não seria exibido e que a direção chegou mesmo a planejar um final inverídico no qual Julia se apaixonaria por um dos rapazes que conheceu. No entanto, a produtora insistiu que isso não poderia acontecer em um *reality show* e pediu a exibição do caso como aconteceu. Curioso é que este foi o único caso do programa que foi “solucionado” sem complicações posteriores. Em entrevista Sabrina<sup>35</sup> informa que Julia encontrou um companheiro e, até o momento, o relacionamento parecia duradouro. Que não tinha o perfil que o grupo entendia ser adequado pois era divorciado, com filhos e acima do peso mas que Julia parecia feliz.

Aparecida – mulher aparentemente despreocupada com cuidados estéticos, vive com o marido desempregado e com um casal de filhos adolescentes. Único membro que trabalha para sustentar a família. Ao se inscrever no programa pede auxílio para organizar a casa que é pequena e possui acúmulo de objetos inúteis. O ambiente apresentado é tumultuado sem espaço para a circulação de pessoas, com cômodos pequenos. Sua filha engravidou do namorado, também adolescente, atleta, com carreira como nadadora aparentemente promissora, abandonou o esporte para cuidar do filho. Aparecida pede auxílio também para

---

<sup>35</sup> Participante do Clube apresentada abaixo.

sua relação com a filha. A primeira intervenção foi a visita de uma organizadora de lares (como foi chamada a profissional pela produção do programa) que retirou tudo que considerou sem utilidade e redistribuiu o espaço mudando móveis e objetos de lugar, incluindo caixas e prateleiras entre os utensílios. Durante a exibição outras questões surgiram como a dificuldade de Aparecida e os filhos se relacionarem e a insatisfação com o marido desempregado. Em entrevista Sabrina conta que esse caso foi muito difícil porque o marido dizia ter visões de espíritos e os profissionais tinham medo de permanecer na casa, mas isto não foi exibido. O casal foi encaminhado para orientação com um terapeuta de casais e a filha para um grupo de mães adolescentes. A filha ganhou uma bolsa para voltar a praticar natação.

Carolina – diz não conseguir administrar o trabalho e os cuidados com a casa, seu marido, dois filhos e o sogro que mora com eles. O marido trabalha fora e ela possui uma firma de locação de móveis na própria residência. As cenas apresentadas são sequências de Carolina trabalhando, se queixando e chamando atenção dos filhos para algo que considera errado ou que deixam de fazer. Os momentos de cuidado com os filhos como almoço, banho ou ida à escola eram mostrados com Carolina exaltada e as crianças não obedecendo ou desafiando. A primeira intervenção foi a inversão de papéis entre Carolina e o marido durante um dia para que este entendesse sua dificuldade. O marido cozinhou, cuidou da casa e das crianças. Depois Carolina recebeu a visita do Clube para auxiliá-la no momento de dar banho no filho mais novo que não aceitava e gritava muito o que fazia com que ela usasse força física para levá-lo. As cenas do banho foram destacadas tamanho transtorno que o momento significava com mãe e filho aos gritos. Foi Cristina<sup>36</sup> que encontrou a solução que foi exibida como mágica: transformar esse momento em prazeroso dando um patinho de borracha para brincar durante o banho. O menino aceitou e demonstrou gostar. Problema resolvido: não gosta de tomar banho faça o momento ficar divertido. Nenhum outro aspecto foi considerado

---

<sup>36</sup> Participante do programa que será apresentada abaixo.

nas discussões entre as mulheres ou nas falas das especialistas. Carolina foi orientada também a não gritar e impor limites aos filhos e o pai, classificado como permissivo, a não autorizar o que Carolina proibir. As tarefas passaram a serem divididas pelo casal.

2 – Palpiteiras: quatro mulheres, de acordo com a produtora, “*comuns*”, que assistiam as imagens editadas, discutiam os casos e propunham soluções. No decorrer deste texto, chamaremos este grupo de mulheres de palpiteiras destacando que este foi o termo utilizado pelas especialistas durante as entrevistas que realizamos. As entrevistadas mencionam que usam o termo para diferenciar as funções e intervenções destas mulheres, não especialistas, das ações das especialistas (com formação profissional). Vale destacar que este termo não é utilizado no *blog* do programa de televisão, no quadro exibido, entre os telespectadores ou nas demais entrevistas. As palpiteiras não tiveram que se inscrever para participarem do programa. Aconteceu um processo de seleção entre mulheres indicadas por profissionais da produção, que consistiu numa simulação do quadro: foram divididas em grupos para assistirem uma reportagem sobre um tema “feminino” seguida de uma conversa sobre o caso que deveria terminar com propostas de soluções. Tudo gravado para que também fosse avaliada a imagem de cada uma no vídeo. Havia um perfil pré-determinado ao qual deveriam se encaixar. Esse perfil, de acordo com Marta, foi delineado pensando na possibilidade de identificação dos espectadores. Em um país com grande população negra como o Brasil entenderam que era fundamental incluir uma mulher negra e que esta seria mais popular entre o público. Outra aposta de popularidade foi a mulher grávida. Entenderam que este é um estado que sensibiliza as pessoas em geral. Todas foram contratadas com remuneração e assim como as personagens submetidas ao contrato e à orientações de como se vestir ou proceder.

O grupo selecionado foi:

Ana Carolina – dona-de-casa, postura acolhedora, veste-se de maneira simples e conta que, após criar os filhos, decidiu retomar os estudos na faculdade de direito.

Sabrina – assume um discurso de franqueza, com história de superação da pobreza, é estilista e professora de artes bem sucedida, a única negra do grupo, a mulher mais mencionada pelos espectadores. Foi a única entrevistada do grupo de palpiteiras.

Carla – jornalista, de estilo sofisticado, fala pouco e faz críticas duras. A intelectual do grupo.

Cristina – a única jovem do quadro, define-se como romântica e sonhadora. Demonstra carinho, se emociona com as cenas. Trabalha como maquiadora de noivas era a palpiteira grávida.

3 – Especialistas: profissionais convidadas para garantir a assertividade das orientações fornecidas pelas palpiteiras. Marta, psicóloga e psicanalista com intensa participação em programas de televisão e consultora em revistas para o público feminino. Sonia, médica psiquiatra e também psicanalista, diretora de um grupo tradicional de estudos psicanalíticos. Não deveriam propor intervenções e sim aprovar ou não as sugestões das palpiteiras. Durante o programa apenas uma atuava. Inicialmente Marta que deixa o programa por entender que dão pouco espaço para suas colocações em relação às palpiteiras, e é substituída por Sônia. A especialista sentava no mesmo círculo mas pouco falava nas discussões. Tinha um papel mais observador e aguardava questionamentos para responder. A mediadora consultava a especialista sobre as propostas e interpretações elaboradas pelas palpiteiras para que esta explicasse e avaliasse auxiliando na escolha das intervenções a serem

feitas. Eram contratadas com remuneração. Embora também submetidas ao contrato suas atuações não recebiam qualquer direcionamento da produção. Marta e Sônia foram entrevistadas no curso da pesquisa.

4 – Mediadora: a produtora e idealizadora do programa, Fátima. Direciona as falas, apresenta o quadro e determina o momento de exibição das imagens, discussões e intervenções.

5 – Gasparzinhos: assim foram chamados, na casa de Aparecida, os profissionais responsáveis por registrar as imagens, o som e fiscalizar o cumprimento do contrato. Esse nome é consequência da necessidade de ignorá-los (essa era a orientação dada às personagens e exigida no contrato), como se fossem fantasmas invisíveis. Esses profissionais não podiam responder as participantes quando falavam com eles, aceitar comida e deviam evitar utilizar o banheiro da casa. Dentro da casa ficavam um cabo, um câmera e um repórter que anotava o que deveriam destacar. Ao lado de fora uma ilha de som também com um cabo e um câmera. Esses profissionais se revezavam em dois turnos garantindo 18 horas por dia de gravação. 9 – Equipe: a equipe que se instalou nas residências das personagens registrava as imagens em esquema de revezamento, pelo menos 18 horas do dia a dia de cada família. Para definirem o que destacar em cada caso, além do motivo pelo qual fora solicitado auxílio na inscrição, essa equipe gravou entrevistas com todos os membros da família e usou dados de testes psicológicos aplicados pelos responsáveis pela seleção – informação que consta no *blog* do programa e confirmada por duas entrevistadas, mas esta etapa não ficou muito clara para nós, já que Marta afirma não ter acontecido a participação de especialistas no processo de seleção.

6 – Caderno: cada personagem possui um caderno que somente a produção tem acesso. Como a equipe não pode interagir com os personagens durante as gravações fazem anotações. O jornalista que acompanha a equipe de gravação anota pontos para destacar no dia, assuntos que consideram interessantes, detalhes de histórias ou acontecimentos e perguntas que possam esclarecer o que considerar relevante. Ao final do dia acontece o que chamam de confessionário: a personagem e membros de sua família são chamados para responderem às perguntas anotadas ou esclarecerem situações ocorridas. O caderno se transformou em uma forma de sinalização. Perceber a realização de anotações indicava os questionamentos do confessionário. Essa preocupação era acentuada por não terem acesso ao seu conteúdo.

7 – Contrato: as especialistas, personagens e palpiteiras assinaram um contrato, com validade durante a exibição do quadro e seis meses após, que determinava exclusividade de imagem nesse período para a emissora de televisão contratante, exigia a disponibilidade para comparecer na emissora em qualquer horário caso chamada, o que implicava não sair da cidade durante a vigência do contrato. O contrato das personagens as impedia de desligar os microfones ou câmeras, independente da justificativa, durante as gravações e exigia que ignorassem a presença de câmeras e da equipe. Ambas as especificações se tornaram problemas para as personagens.

8 – *Blog*: no *site* do programa são colocados resumos das exibições, comentários das palpiteiras e especialistas dando orientações gerais de como fazer maquiagem ou incentivar os filhos a estudarem, por exemplo. Há pesquisas de opinião sobre questões discutidas nos casos com os telespectadores. Os especialistas respondem perguntas enviadas pelos telespectadores e entrevistas com a produção sobre transtornos emocionais e dificuldades em relacionamentos e indicam serviços para tratamento psicológico. Há, ainda, os vídeos das exibições e outros

mais polêmicos, como brigas e entrevistas com os personagens, que não foram exibidos (segundo informações no *blog*, por falta de tempo). Há espaço para comentários dos que acompanham o *blog*, mas estes passam pela censura de um mediador. As informações para esta pesquisa foram obtidas no *blog*. Este foi o principal canal de interação do programa com o público, fazia com que se sentissem fazendo parte do Clube.

Segue uma tabela com a distribuição das mulheres no dispositivo e identificação da participação na pesquisa:

<b>Nome Fictício</b>	<b>Função no Clube</b>	<b>Participação na Pesquisa</b>
Fátima	Produtora/mediadora	----
Marta	Especialista	Entrevista em 2009
Sonia	Especialista	Entrevistada em 2010
Ana Carolina	Palpiteira	----
Sabrina	Palpiteira	Entrevistada em 2010
Carla	Palpiteira	----
Cristina	Palpiteira	----
Roselene	Personagem	Entrevista em 2009
Carmem	Personagem	Entrevista em 2009
Julia	Personagem	----
Aparecida	Personagem	----
Carolina	Personagem	----

Marta participou da seleção para as palpiteiras, e afirma que o perfil dessas mulheres estava previamente determinado, em especial a grávida e a negra, e que a identificação do público com Sabrina era esperada.

“Tem uma criatura, que era a chata, a mais durona na avaliação. Tem a princesa que é uma gracinha, que era a grávida, que se emocionava e chorava e tal. Tem a outra mais calada. Como você tem em outros programas de debate né. Tem o sujeito que é o líder, o outro que é mais palhaço... Fora o fato de uma ser gorda a outra loira, a outra uma mulher de meia idade que largou tudo para cuidar da família e depois voltou a estudar. Não tem nada por acaso. Tudo é pensado” (Em entrevista à

pesquisadora, 2009).

Em entrevista com a pesquisadora, através de um programa de comunicação instantânea na internet, a personagem Roselene relatou que Sabrina foi quem mais entendeu suas questões, que vivia os mesmos problemas e é a única que respondeu seus e-mails e que mantém contato telefônico com ela. Marta diz que *“Sabrina é a personagem com mais carisma né, que o público iria se identificar. Fato! E olha que interessante: na dinâmica com as meninas até hoje é quem agrega. Quem manda os e-mails”* (idem).

Parece que um outro saber especializado sobre o humano foi utilizado nessa montagem: o conhecimento da mídia sobre qual perfil atinge maior público. De alguma maneira essas mulheres foram personagens de si mesmas. Não receberam um roteiro de como agir mas foram escolhidas porque acreditavam que uma seleção poderia prever como se comportariam. O “fracasso” do quadro foi a impossibilidade dessa previsão. Dos quinze casos escolhidos dez não foram exibidos e dos cinco exibidos dois surpreenderam a produção.

Segundo Marta, em entrevista, a ideia inicial era que diferentes especialistas participassem das discussões mas, como o orçamento do programa não permitia tal despesa, optou-se por manter apenas a participação de psicanalista, por entenderem que este *“era necessário para tratar as questões emocionais da equipe, analisar os casos e direcionar as intervenções* (idem)”.  
*intervenções (idem)”*.

Segundo Rose, o saber psi é privilegiado nas discussões sobre o humano,

“pois é o saber psi que afirma entender os determinantes internos da conduta humana e, sendo assim, é o saber psi que afirma sua habilidade de prover os alicerces apropriados no conhecimento, no julgamento e na técnica, para os poderes dos experts da conduta onde quer que tenham que ser exercidos” (ROSE, 2011, p.27).

O crescimento das práticas psi e das tecnologias intelectuais servem para o governo da conduta humana e também para o governo de cada um sobre si mesmo. Por isso o profissional psi é considerado o principal ator no dispositivo. É reconhecido como o especialista em conduta, o profissional habilitado para ensinar formas de viver, para indicar as mudanças necessárias e promovê-las. É como se este possuísse um conhecimento sobre o outro, sobre seus sentimentos, motivações e comportamentos, desconhecido até mesmo para esse outro.

Retomamos o conceito apresentado na introdução de ideologia da competência (Chauí, 2006) na qual os relatos tem a roupagem de um discurso do conhecimento.

“Não é qualquer um que pode em qualquer lugar e em qualquer ocasião dizer qualquer coisa a qualquer outro. O discurso competente determina de antemão quem tem o direito de falar e quem deve ouvir, e, finalmente, define previamente a forma e o conteúdo do que deve ser dito e precisa ser ouvido. Essas distinções tem como fundamento uma distinção principal, aquela que divide socialmente os detentores de um saber ou de um conhecimento (científico, técnico, religioso político, artístico) que podem falar e tem o direito de mandar e comandar, e os desprovidos de saber, que devem ouvir e obedecer” (Chauí, 2006, p.77).

A figura do especialista é reforçada pela mídia alimentando essa ideologia. O especialista competente ensina enquanto as demais dão palpites que precisam passar pelo crivo da especialista. A figura do especialista competente ganha espaço em diferentes dispositivos midiáticos, são convocados para informar acerca de informações científicas e as mais recentes descobertas, desenvolvimento tecnológico e, mais frequentemente para ensinar o mais banal do cotidiano passando pelas formas de se comportar, amar, vestir, relacionar, enfim, formas de viver.

No Clube essa diferença é marcada pela produção mas não é confirmada pelos espectadores. É possível afirmar que não é o reconhecimento enquanto cientista que confere o poder de especialista, de quem pode ensinar as formas de viver, mas sim o fato de estar no lugar de autoridade por estar na grande mídia. Esse reconhecimento que nivela especialistas e palpiteiras no espetáculo. O poder detido pelo *expert* se dilui porque a *expertise* é reconhecida não apenas na especialista, mas, também, nas outras mulheres. O poder parece alicerçado no discurso psi e no papel oferecido pelo quadro. Estar na mídia, ocupando a posição de escolhida para orientar e ajudar confere poder de saber mesmo que este não seja comprovado por titulação acadêmica. Este é o mesmo mecanismo que substitui especialistas em propagandas e campanhas publicitárias por celebridades. Embora as celebridades não tenham conhecimento sobre o produto ou serviço divulgado, a fama as confere reconhecimento como autoridade para os consumidores.

Marta conta que durante as gravações, ocorreram discussões sérias tanto entre pessoas da equipe como entre personagens e equipe, enfatizando a ingenuidade da produção por não prever e evitar conflitos entre os diferentes participantes, o que atribui à ausência de um profissional especialista para se ocupar disto. Diz que quando recebeu o convite para participar, a estrutura já estava definida.

A diferenciação entre personagens e não personagens negligencia o que Coutinho (*apud* LINS e MESQUITA, 2008) chama de encenação de si nos depoimentos de personagens reais. Encenação de si porque não é um personagem com um roteiro inventado para representação, no entanto se torna personagem na interação com a câmera:

“Coutinho aposta no processo de filmagem como aquele que produz acontecimentos e personagens; aposta no encontro entre quem filma e quem é filmado como essencial para tornar o documentário possível. A entrevista não é mais um simples

depoimento nem dar a voz, mas um diálogo fruto de permanente negociação em que as versões dos personagens vão sendo produzidas em contato com a câmera” (*apud* LINS e MESQUITA, 2008, pg. 26)

Pegamos emprestada essa ideia para pensar o *reality show*. É no encontro com a câmera que o personagem se faz, no agenciamento entre equipamentos e envolvidos. Aquela vida somente é revelada daquela maneira porque em conexão com outros. “*Tem discurso que só nasce porque eu estou lá filmando*” (COUTINHO, 2008, pg. 128).

Na criação de si para o público, no desejo de ganhar visibilidade não são os aspectos admiráveis que ganham espaço nessa encenação de si. Exatamente o constrangedor, o difícil de ser revelado que é mostrado. Retomando Despret (2011) quando analisa o dispositivo do segredo, somente se constitui em segredo o que é reprovável, o que deveria ser mantido escondido, o não revelável. Essa lógica alimenta o que Coutinho (*apud* LINS e MESQUITA, 2008) classificou como lógica do pior. Em entrevista às autoras sobre um documentário afirmou que “*Houve momentos nos quais foi preciso defender o entrevistado dele mesmo, em que a lógica do pior se impôs, e o que se ouviu foi a pior história, a maior desgraça, a grande humilhação*” (*ibid*, pg 49). Não foi diferente no Clube das Super Mulheres. No entanto, nenhuma preocupação em defender o entrevistado de sua exposição. Foi instigado que o pior de cada uma viesse à tona sem dimensionar as consequências e sequer auxiliar depois do ocorrido.

Nos capítulos seguintes serão apresentadas as personagens Roselene e Carmem.

### III – PERSONAGEM ROSELENE

*“Quando se sai da Sorbonne pela rue Saint-Jacques, pode-se subir ou descer; se se sobe, aproxima-se do Pantheon, que é o Conservatório de alguns grandes homens, mas se se desce dirige-se certamente para a Chefatura de Polícia”.*  
Canguilhem

A exibição do Clube das Super Mulheres inicia com a divulgação da primeira personagem a receber auxílio, Roselene. A mesma apresentação é feita no *blog*:

*“O sonho de Roselene era voltar a vestir manequim 42. Ela guardava as roupas que usava antes do nascimento da filha Renata, de um ano e seis meses, e se sentia mal cada vez que tirava uma saia do armário. Ela chegou a vestir tamanho 46<sup>37</sup>”.*

O quadro é aberto com a apresentação das participantes, que estão sentadas em um sofá em semicírculo, voltadas para uma grande televisão na qual é exibida a primeira personagem a ser ajudada, contando o que escreveu no e-mail para a seleção e passando imagens de sua residência e sua vida cotidiana. O cenário do programa é sofisticado, decorado em tons de vermelho, com ilustrações de figuras femininas. Roselene começa contando que engordou depois do nascimento de sua filha, que se sente feia e sofre com isso. Que não troca de roupas na frente do marido e recusa-se a ir à praia. Mostra roupas que vestia antes de engordar. Exibe a filha e mostra a casa, não exatamente pobre, mas sem luxo aparente. Em

---

<sup>37</sup> Introdução do caso no quadro e no blog do quadro. A descrição que segue foi baseada nos arquivos de vídeo que estão disponíveis no blog.

seguida aparece o marido, falando que não percebe tanta mudança no corpo da esposa, mas que entende que ela tenha vergonha do próprio corpo e respeita esse sentimento. Aqui a frase do estacionamento de supermercado parece se encaixar muito bem: “Sorria, você está encenando!”

Após a exibição das imagens, a câmera volta para o cenário do programa de televisão, e as mulheres começam a discutir sobre preocupação com o corpo, contando suas experiências pessoais com as transformações do corpo durante a gestação. O corpo tem sido tema frequente na mídia. Discursos sobre o corpo de diferentes formas: cuidados com a estética, saúde e potência ocupam páginas de revistas, programação televisiva e redes sociais. São as imagens que dominam a percepção e o corpo que se conhece, e quer entender, é o corpo visível, espalhado em diferentes lugares através de imagens que classificam o corpo perfeito e o corpo que precisa de correção. Aparente liberdade já que se pode falar, e explorar, à vontade o corpo e, conseqüentemente, a sexualidade. Os cuidados com o corpo e as diferentes técnicas para manipulá-lo são indicadores de dominação.

O controle do corpo, especialmente do corpo da mulher se fez presente ao longo da história através de expressões de saber sobre o corpo que são, por isso, um poder sobre o corpo. Segundo Foucault: *“O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (...)* o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”. (FOUCAULT, 1988, p.103). Os saberes de determinada época são condições de acesso à análise das relações de poder. Os saberes-poderes produzem determinados tipos de sujeitos incidindo sobre seus corpos e modos de viver.

O corpo reprimido da Idade Média na Era Moderna se torne objeto de estudo e

intervenções médicas e jurídicas. Nesse período se intensifica a construção da mulher como inferior ao homem e da sexualidade como anomalia e afronta à moral.

“Se a sexualidade foi importante, foi por uma porção de razões, mas em especial houve estas: de um lado, a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal, depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente; e depois, por seus efeitos procriadores, em processos biológicos amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo mas a esse elemento, a essa unidade múltipla constituída pela população. A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas depende da regulamentação”. (FOUCAULT, 1975-1976, p.289).

Foucault (1988) pontua duas formas de poder sobre a vida que não são opostos, são interligados: a disciplina e o biopoder. O poder disciplinar incide no corpo individual enquanto máquina, no seu adestramento, utilidade e docilidade. O biopoder incide no corpo-espécie, na população através de estatísticas e controle de natalidade, saúde, longevidade e mortalidade. Foram os discursos construídos nesse período histórico que permitiram uma ciência acerca do sexo com o objetivo de controlar e reprimir, como forma de poder sobre a vida que obtém a sujeição dos corpos e o controle das populações. No corpo da mulher este poder é evidente na percepção de inferioridade biológica em relação ao homem e na maternidade. A possibilidade de ser mãe como um poder misterioso e mágico e o mito do instinto materno da mulher são produções históricas que atendem a necessidade de controlar as relações e ordenar as famílias. A mulher estava restrita ao espaço doméstico e de cuidado com o lar, filhos e marido.

As transformações econômicas possibilitaram a saída da mulher para o espaço público. Seus corpos não estavam restritos ao espaço doméstico. Conquistaram gradativamente os estudos e mercado de trabalho, mas sem desconstruir as desigualdades. Os métodos

anticoncepcionais permitiram a atividade sexual sem fins de procriação. Essas transformações não libertaram a mulher contemporânea da submissão de seus corpos. A sexualidade antes reprimida hoje é estimulada aos extremos. A mídia banaliza o corpo exposto em propagandas, fotografias, filmes e televisão. Imagens de corpos perfeitos trabalhados em academias de ginástica ou photoshopados<sup>38</sup>. O corpo da mulher deve ser um convite à atividade sexual. O corpo espelha os valores da mulher. O imaginário consumido é de que a felicidade depende de possuir um corpo magro e bonito. O domínio da mulher se exercia sobre seu comportamento e valores morais, o corpo era domesticado para refrear esses aspectos. Hoje o domínio permanece sobre o comportamento e valores mas com cobranças diferentes e ampliadas. A cultura de consumo de imagens coloca o corpo visível sobre o controle.

“O que é específico da mulher, em sua posição tanto subjetiva quanto social, é a dificuldade que enfrenta em deixar de ser *objeto* de uma produção discursiva muito consistente, a partir da qual foi sendo estabelecida a verdade sobre sua “natureza”, sem que tivesse consciência de que aquela era a verdade do desejo de alguns homens – sujeitos dos discursos médico e filosófico que constituem a subjetividade moderna – e não a verdade ‘da mulher’”. (KEHL, 1998 *apud* FISCHER, 2001, p. 591).

Seguindo ainda com Foucault o poder não é algo que vem de cima, do Estado ou de uma autoridade superior: “*O poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis*” (FOUCAULT, 1988, p.104). Para o autor o poder é como uma malha de micropoderes que se espalham sutilmente através de pequenas e repetitivas práticas cotidianas. É tão sutil que não temos como evitá-lo. Sua ação é construtiva na medida que produz comportamentos e corpos através de classificações, normatizações e adestramento.

---

<sup>38</sup> PhotoShop é um programa de informática, de utilização não especializada, que permite a manipulação de imagens sem alterar a aparência de fotografia. Regularmente utilizado nos dispositivos midiáticos e frequentemente nas imagens publicadas em redes sociais.

Não estão nas ações proibitivas o controle e sim nas incitações.

“É no embate cotidiano de nossas vidas que a simbólica da beleza trava as suas lutas mais cruéis; é no poderio de um discurso através do qual sofremos a subjetivação da idealidade de um corpo simbólico e nas frustrações e alegrias perante nosso corpo concreto que o poder se faz existir” (GOMES, 2000)

Nenhuma mulher é obrigada a seguir os padrões de beleza pré-determinados. O mecanismo é refinado ao ponto de parecer uma escolha, um desejo. A vida solicita vigilância por esta ser travestida de saberes científicos que oferecem mais saúde, mais felicidade, mais prazer, mais realização. Os discursos disseminados na mídia sobre o corpo perfeito se apoiam em especialistas em beleza e saúde. Esse corpo ideal não confere com a realidade de parte significativa das mulheres que submetem a tratamentos financeiramente custosos e fisicamente dolorosos, o *slogan* das academias é “No pain, no gain”. Logo, é responsabilidade da mulher alcançar o corpo desejado com seu sacrifício. Roselene não se enquadra nos padrões de corpo ideal nem no tipo de mulher determinada em conquistá-lo. Sofre e é criticada por isso. As espectadoras a incentivam, as mulheres do Clube exigem força e perseverança. O poder sobre o corpo feminino se dissolve nas relações.

“Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes a transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemônias sociais”. (FOUCAULT, 1988, p.102)

Novamente o cenário passa a ser a casa de Roselene e exibem cenas do cotidiano como a arrumação da casa, o marido dormindo e descrevem o cotidiano de Roselene. O casal discute sobre quem vai cozinhar o feijão e se é necessário almoçarem na mesa. Todo o tempo, a filha do casal aparece andando pela casa. Após o almoço, Roselene encontra dificuldade para escolher o que vestir por acreditar que nada lhe cai bem. Mostra que não sai de casa sem usar uma cinta abdominal, e que precisa da ajuda do marido para conseguir vesti-la. Novamente, voltam as imagens do cenário do programa e a discussão sobre o corpo. A psicanalista inicia um discurso sobre o corpo feminino, historicamente reprimido sob roupas apertadas e espartilhos. Falam sobre como a família de Roselene subverte a ordem das coisas, ao sentarem no chão para comer e escutarem música alta, afirmando que isso mostra a intolerância com a rotina, como se isto fosse algo a ser corrigido.

Voltam às imagens de Roselene, mas desta vez saindo de sua residência e seguindo de ônibus e trem para a faculdade de enfermagem. Mostram a sala durante uma aula, com o professor falando e os alunos assistindo. A presença das câmeras parece ignorada algo que na entrevista com Roselene fica claro que não é. Ela diz que levou *“muitas broncas por interagir com a equipe durante todo o período de gravações”*. A princípio parece um contraponto ao que apresentamos anteriormente baseado em Coutinho (2008) que afirma o esquecimento das câmeras após um tempo considerável de gravações, mas não o é. As câmeras estáticas e ambientadas acabam sim por serem esquecidas:

“As vezes o câmera vem com luz e tal e ela (a pessoa entrevistada) fica inibida. Então tem mil variações possíveis, o fato é o seguinte: durante uma filmagem ela sabe o que é uma câmera, isso é um dado. Mas, como eu não mexo mais na câmera,

eu não falo nada para o câmara, eu só fico olhando para os olhos dela, e só fico ouvindo o que ela diz, ela esquece que tem uma câmara. É mentira que ela está sempre consciente, uma hora ela esquece. Ela está consciente de que tem uma pessoa lá, que ela me vê, e que esses olhos não desgrudam dela. Que tem alguém que bebe o que ela diz, que a escuta como ela nunca foi escutada. Isso sim que é real, a câmara ela esquece depois de 15 minutos” (COUTINHO, 2008, pg. 153).

O que provoca a interação é a presença de outras pessoas, a necessidade de ignorar essas pessoas. Marta também afirma, em entrevista à pesquisadora, que após algumas horas de gravação esquecia as câmeras e considera isso algo perigoso. Diz que acaba por sentar-se mais confortavelmente negligenciando uma postura profissional adequada e, o que considera mais grave, a câmara registrar os deslizos. Relata que expressões debochadas ou de discordâncias e bocejos escapavam e que estes momentos eram destacadas nas edições. Parece que isto que evidencia o que há de real na cena. Mostrar os deslizos parece dar crédito às imagens, faz com que quem assiste as reconheça como reais.

Novamente, mostra-se um diálogo sobre ter engordado, dessa vez com uma colega de turma, na sala de aula. O programa continua com imagens do cotidiano da personagem: ela varrendo a casa, arrumando, sentada no sofá, comendo, dormindo, recebendo a cabeleireira... Em nenhum momento o marido aparece desenvolvendo estas atividades. Sutilmente o papel doméstico feminino é reforçado.

Volta o marido, falando que a esposa “*come toda hora*”. Uma análise dos hábitos alimentares de Roselene, feita pelas palpadeiras, constata que em cinco horas ela abriu a geladeira doze vezes. Volta ao cenário, e o discurso psicanalítico aparece bem forte mas não por parte da especialista, Sonia: são as palpadeiras que avaliam os hábitos alimentares como “*culpa, boicote, punição*”. Esse saber psi construído e incorporado fornece instrumentos para

reprodução de uma prática psicológica primordial, a interpretação. Não somente a especialista sabe mais sobre o outro do que ele mesmo. As palpiteiras são imbuídas desse poder por se armarem com um discurso psi reconhecido como fruto da ciência. Para as personagens e espectadoras que comentavam no *blog* este discurso era suficiente para o reconhecimento de sua autoridade. Sequer demonstraram interesse por conhecerem as suas formações. A contagem do número de vezes que Roselene abre a porta da geladeira em determinado período de tempo confere um rigor na observação típico das práticas científicas. No entanto o que diz essa observação que possa colaborar com Roselene? Nomear seus hábitos alimentares por compulsão e os interpretar como culpa, boicote, punição, reforça o entendimento de que a preocupação com o peso é um valor importante. Permitiu-se engordar é visto como algo muito nocivo, uma punição. Engordar é uma forma de se castigar por algo que sente culpa. Há uma dimensão oculta no comportamento de Roselene que precisa ser revelada. Está solicitada a confissão da verdade sobre si.

As disciplinas psi buscaram ao longo de seu desenvolvimento emprestar seus vocabulários e explicações às diferentes disciplinas, destacando as pertencentes à saúde e educação. *“Elas têm podido não só fornecer toda uma variedade de modelos de sujeito, como também prover receitas praticáveis de ação em relação ao governo de pessoas por profissionais em diferentes locais”* (ROSE, 2011, p. 55). O reconhecimento do saber psicológico e a forma como foi, e ainda está sendo, disseminado tornaram aparentemente impossível o governo de si e dos outros sem essa disciplina.

A primeira exibição do quadro rendeu 110 comentários no *blog*. Seguem três destes transcritos na íntegra tendo apenas nomes e identificação do quadro substituídos:

“Bom dia, gostaria de dizer que achei muito interessante o programa de ontem e que ele é muito

importante para despertar a consciência de inúmeras pessoas que estão na mesma situação, e que na maioria das vezes não percebem. No entanto, gostaria de ressaltar algo que não foi mostrado no programa: importância de um acompanhamento psicológico dessas pessoas. Acredito que a opinião da psicanalista que falou no programa, já mostra o quão importante é a esfera psicológica nesses transtornos, mas fiquei surpresa de não ver durante o programa uma indicação desse tratamento a Roselene. Sou psicóloga, com mestrado justamente nessa área, e sabemos que o mais importante nesse tratamento é uma visão pluridisciplinar ou plurifocal (como dizem alguns autores), envolvendo os aspectos médicos, nutricionais e psicológicos, pois tão importante quanto um tratamento médico ou nutricional, é o tratamento psíquico para o restabelecimento do estado de bem-estar das pessoas”.

“Boa noite! adoro o programa raramente eu perco um mais quando eu to na rua aos domingos volto correndo pra casa para assisti se eu perde nao me perdo, assim que vi o Clube nem liguei achei que nao seria tao importante assim minha filha que me chamou a atenção pra ver confeço que não gostei muito pq mexeu com minha ferida agora meu final de noite ta sendo horrível preciso me cuida com urgência to escrevendo esse comentario chorando sinto que estou caindo na depressao to muito gorda peso 119 kg e tenho três filhos sempre fui cheinha mas depois que eles nasceu engordei mais fiquei mais feia ainda dai para ca nunca mais arrumei marido vivo so e tenho muita vergonha de arruma um homem apesar que o meu sonho e se casa fico sempre falando assim que emagrecer vou arruma um namorado ja vi que vai ser em outra encarnacao ja que nessa sou uma idiota que nao tem força e nem vontade pra nada pra dizer a verdade nem de viver eu tenho parece que eu vivo pra comer em ves de comer pra viver preciso de ajuda ja nao sei mais o q fazer”.

“Eu me emocionei mto com o esse caso é como se eu tivesse me vendo na tv. Tenho 29 anos e sempre fui vista como a mais linda, mais gostosa e hj em dia depois de 2 filhos não consigo voltar ao meu corpo e as pessoas te cobram o tempo todo que voce volte ao normal isso é horrível, atrapalha mto na minha vida.  
Um grande bj e mto sucesso”.

O primeiro comentário coopera com o quadro na defesa de um saber apropriado à questão. Destaca a importância de divulgar informações para que pessoas que passam por problemas semelhantes procurem auxílio. Respalda sua fala com a titulação: psicóloga, com mestrado nessa área, logo autoridade no assunto. Parece uma promoção de seu serviço profissional disfarçada.

O segundo comentário, um desabafo sofrido, coloca em questão se o que a espectadora relata é uma dor que a acompanha ou se esta é construída no momento que “mexe com a sua ferida”. Não será a história de Roselene que a fez reconhecer a sua com tamanho sofrimento e intensidade? As mulheres buscam auxílio no quadro ou através dos casos se constroem como alguém que precisa de auxílio. Não negligenciamos o poder desse ideal de beleza sobre o corpo feminino que faz com que diferentes mulheres vivam verdadeiras batalhas com espelhos mas acreditamos que este tipo de relato produz uma verdade sobre as mulheres que não possuem esse corpo perfeito: mulheres com baixa auto-estima, que sofrem e lutam para mudar. Elas se reconhecem como alguém que precisa consertar algo. Não se interessam pela possibilidade de discutir o que é um corpo belo ou para que preciso desse corpo que me esta sendo imposto.

“De modo crescente os sinais emanados pela exterioridade do corpo e pelo seu desempenho visível assumem a potência de se indicar quem se é. E ainda mais: esses atributos podem mudar; dir-se-ia, inclusive, que eles deveriam fazê-lo regularmente. Por isso, ao invés de premiar o zeloso bordado cotidiano dos sentimentos mais íntimos e profundos, os dispositivos de poder que vigoram na cultura contemporânea tendem a estimular a experimentação epidérmica, convidando a colecionar sensações e a intensificar a experiência imediata para usufruí-la ao máximo. Se alguém não estiver satisfeito com as escolhas efetuadas em seu périplo existencial, simplesmente precisa mudar:

deveria se transformar e devir outro” (SIBILIA, 2008, 110).

Você precisa mudar! Isso que é repetido a todo momento. Se não está feliz, precisa mudar. Toda trabalho mostrado com Roselene foi na sua transformação partindo do emagrecimento como meta principal, este resolveria os outros problemas já que a baixa auto-estima e as dificuldade no casamento foram interpretadas como consequência de Roselene ter engordado. A felicidade é buscada também em um ideal promovido pelo programa. Uma mulher feliz é bonita, bem sucedida, e satisfeita com seu relacionamento amoroso e essas duas dimensões de felicidade são impossíveis sem a primeira. Outro comentário nos permite pensar a questão:

“Nossa!!Como foi bom saber q ã sou a única a passar por isso. Quando vi essa reportagem,pensei,será q sabem oq estou passando??!Pois é Lucilene,foi assim q vc me ajudou a me entender e saber que se agente tiver força de vontade tudo pode!Quero muito acreditar q sou capaz também.Boa Sorte”!!

Nenhum comentário discutindo os padrões de beleza exigidos socialmente, da impossibilidade de alcançar o corpo perfeito e o sofrimento infringido por estes ou o que é ser uma mulher bonita. Estas reflexões foram provocadas pela especialista nas exibições do caso e por Sabrina, mas não oferecidas como possibilidade de mudança para Roselene. Mudar é conquistar o corpo bonito. Aparentemente estas reflexões também não tiveram repercussão nas espectadoras tendo e vista a ausência de comentários referentes a estas.

Sabrina deixa claro não se enquadrar nos padrões vigentes e não se importar com isso. Trabalha com moda numa empresa conhecida. No entanto não divulga a moda como algo a ser seguido. Defende um estilo pessoal para se vestir. Foi a própria quem entendeu ser a

mulher ideal para visitar Roselene por, assim como ela, ser negra e acima do peso, afirma Sabrina nas gravações. Essa escolha não teve uma conotação racista. Sua intenção pareceu ser a de fortalecer uma singularidade na beleza e problematizar o ideal de seguir um padrão. Sabrina foi a participante de maior sucesso no quadro. As espectadoras se encantam com sua história de superação, sua postura acolhedora, jeito divertido e imagem de mulher forte, independente e feliz, que não se importa com a opinião alheia. É considerada uma mulher bonita mesmo fora dos padrões de beleza. A mais comentada entre as outras participantes que a consideram uma amiga. Mas quando a discussão é o corpo Sabrina, somente é referenciada como alguém que sabe disfarçar as imperfeições e valorizar o que tem de belo. A mulher bonita é a palpiteira loira, magra, jovem, com cabelos lisos e compridos. Uma edição do corpo Barbie<sup>39</sup>, ideal de beleza na atualidade.

“Luís Henrique Sacchi dos Santos, em sua dissertação de Mestrado, fala de uma pesquisa que demonstrou como grande parte das mulheres querem mudar o tamanho de seus seios, ter a cintura mais estreita e menos barriga (Santos,1998, p.125). Nas “cruzadas” para a obtenção da “terra-santa” do corpo ideal, a gordura é o inimigo principal” (*apud* GOMES, 2000, p. 155).

Novamente o cotidiano do casal, agora passeando num shopping, e outra discussão iniciada pelo fato de o marido olhar para uma vitrine de alianças. Os dois não são oficialmente casados e isso incomoda Roselene, que quer o casamento mas João não quer. Ele diz que já é casado e que a aliança não muda nada. Começa a exibição de fotos do casal e Fátima narrando como se conheceram num site de relacionamentos e como foram morar juntos na casa dos pais dela até que Roselene descobriu uma traição e se separaram. Nesse período, Roselene sabe que está grávida e João decide reatarm até que, após seis meses, João, que tinha sido

---

<sup>39</sup> Boneca criada em 1959 que permanece bastante populares entre as meninas. Frequentemente se faz alusão à um corpo Barbie para especificar um corpo perfeito.

casado, decide voltar a morar com a família anterior. Passados alguns meses reatam o relacionamento.

A realização no casamento, o encontro de almas gêmeas, o príncipe encantado, são ideais românticos ainda presentes entre as mulheres. O casamento não é uma exigência para dividirem o mesmo teto, outras formas de convivência se fazem presentes e são reconhecidas como uma união amorosa. As mulheres podem decidir pelo casamento ou não. No entanto, mesmo as que decidem se relacionarem afetivamente sem estarem casadas ou que não desejam ter filhos, são cobradas por estas decisões. Encontrar a felicidade no amor e nos filhos frutos dessa relação está na produção midiática de diferentes maneiras: nos contos de fadas infantis, nas letras de músicas, nos enredos de novelas e filmes. O pedido de casamento confere um valor especial à mulher. Enquanto para João o fato de estarem juntos já significa estarem casados, para Roselene a ausência de um pedido de casamento é ausência de amor. As mulheres no Clube concordam e apoiam Roselene dizendo que não casar a deixa insegura.

O ritual do casamento no qual o pai entrega a filha para outro homem proteger, o vestido branco simbolizando a pureza, a troca de alianças como prova de amor e fidelidade para todo o sempre estão presentes nas cerimônias de casamento religiosas e também civis. Os produtores de eventos encontraram nesse imaginário um interessante mercado. Festas glamourosas, momentos que reproduzem contos de fadas estão em evidência. *“Sonhar com um “príncipe”, forte, heróico e virtuoso, que dê sentido às suas vidas não parece ser prerrogativa de princesas ultrapassadas, mas também das jovens internautas dos anos noventa, que navegam em chats à procura do amor ideal”* (GOMES, 2000, p.164)

Roselene conta sobre seu sofrimento, e João sobre a *“necessidade de procurar uma mulher fora quando falta em casa”*. Essas cenas são registradas no confessionário. Momento no qual a personagem é entrevistada por uma pessoa da equipe. As perguntas estão anotadas

no caderninho. Liliane, componente da equipe de gravação, relata em uma postagem no *blog* que seu papel era anotar tudo no caderninho e que Roselene e outra personagem “*ficaram traumatizadas com esse caderno porque dele saíam as perguntas mais incômodas sobre as situações que aconteciam na casa*”. As anotações eram um sinal de que algo seria explorado, especialmente se fosse algo constrangedor. Retomando a ideia de performance como modo de existir uma certa realidade entendemos que o quadro produz sua verdade no constrangimento. Nada de elogiável sobre a vida de Roselene é apresentado. Liliane conta que a filha do casal é divertida e inteligente, que por interagir com a equipe e brincar com a mãe, foi difícil distraí-la para que não aparecesse nas gravações. A mulher performada é infeliz, tem baixa autoestima, não poderia ter momentos de alegria com a filha. O quadro escolheu a realidade que quis produzir.

O que se revela na fala de João “*necessidade de procurar uma mulher fora quando falta em casa*”? João justifica sua separação na falta de uma mulher que estava presente mas que evitava relações sexuais por ter vergonha do seu corpo. A mulher historicamente tem o sexo como uma obrigação no casamento. O caráter dessa obrigação se transformou de reprodutora à fonte de prazer sexual, até o século XIX restrito ao homem. “*As cortesãs, nós as temos para o prazer; as concubinas, para os cuidados de todo dia; as esposas para ter uma descendência legítima e uma fiel guardiã do lar*” (DEMOSTHÈNE, *Contra Néera*, 122 *apud* FOUCAULT 1984). As religiões cristãs normatizam o casamento impondo relações monogâmicas. O sexo é um pecado e não pode ser praticado sem a finalidade de procriação, tornando-se assim, restrito ao casamento. Foucault (1984) realiza sua pesquisa sobre o uso dos prazeres em sua *História da Sexualidade* buscando as condições que possibilitaram a distribuição de funções no casamento. Encontrou na antiguidade uma concentração de poder no homem que decidia por si o melhor momento para casar. Escolhia sua esposa pelas possibilidades de constituir família e posses. Estar casado significava assumir à

responsabilidade de proteger a esposa e filhos bem como o poder sobre as decisões do lar. À mulher restava obediência. O casamento era escolhido por sua família, deixava a submissão ao poder do pai para submissão ao poder do marido. Nenhum indício de amor romântico ou erótico.

“Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações de sexo: a idéia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e á sua legitimidade matrimonial não se explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, as diferentes idades e classes sociais” (ibid p. 98).

Transformações históricas e lutas permanentes contra esse poder masculino colocaram em xeque esta divisão de papéis. Atualmente os movimentos feministas conseguiram tornar esse posicionamento questionável. A mulher deve sentir prazer e somente ter relações sexuais quando for de sua vontade. No entanto a responsabilidade pelo fracasso do casamento ainda é entendida como da mulher. No dito popular a mulher precisa “segurar seu homem” e a forma de segurá-lo é cumprindo com suas obrigações de esposa, incluindo o prazer sexual.

Nenhuma discussão acerca dessa questão acontece no Clube. A fala de João parece natural. A tarefa daquelas mulheres é ensinar a cumprir o papel e não colocá-lo em análise.

Instigante pensar como a problematização do feminino consequente de movimentos de resistência e produções acadêmicas não conseguem se sobrepor à essa imagem construída do

que é ser mulher. Encontramos em *sites*, programas televisivos e revistas direcionadas ao público feminino orientações sobre como encontrar o parceiro ideal, dicas para um desempenho sexual surpreendente, lições para o convívio harmonioso no casamento, dividindo o mesmo espaço com reflexões sobre a “mulher moderna” e suas transformações sem que estas pareçam conflitantes.

Voltam ao cenário e novamente um diagnóstico:

“a auto-estima baixa está ligada ao fato de que se ele traiu pode trair de novo e dele não ter casado com ela, mesmo ela dizendo que quer uma aliança. O tratamento agressivo dos dois é uma forma de punição pela traição. Ela quer sempre lembrá-lo da traição e pensa que deve cobrar por tê-lo aceitado de volta mesmo assim” (Fala de uma palpiteira no programa).

Mas, de novo, essas falas não têm a participação da especialista. O discurso psicologizante parece estar presente em todas as palpiteiras. Será que estar naquele espaço, que se propõe a analisar vidas e ensinar a viver, faz com que essas mulheres assumam uma postura já esperada, de quem acredita ter esse papel: o especialista? As interpretações do comportamento, a identificação de causas para o sofrimento e as afirmações de como Roselene se sente ou mesmo pensa, sem que esta tenha dito qualquer coisa, não é o que se espera de um especialista psi? O que constatamos é que a força do enunciado está na atribuição ao discurso psi que não se confunde com a pessoa do profissional psi. Podemos pensar como mais uma evidência do processo de medicalização da vida<sup>40</sup> se espalhando no cotidiano. Todo comportamento parece ter uma explicação científica/médica e esta é dominada também por quem não é especialista na área.

---

<sup>40</sup> Por medicalização da vida entendemos o movimento de expansão do saber médico para diversos aspectos da vida, atribuindo diagnósticos e tratamentos aos sentimentos e comportamentos das pessoas. [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Caderno\\_AF.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Caderno_AF.pdf)

No *blog* a palpiteira Ana Carolina relata o caso:

“Começamos a acompanhar a vida de Roselene para entender melhor o seu problema. Nossas câmeras revelaram uma alimentação pouco saudável, falta de rotina com horário e local das refeições, sentimentos de ansiedade e insegurança que a levam para a porta da geladeira a toda hora, dificuldade de se vestir valorizando sua beleza e uma enorme dificuldade de perceber o quanto ela é especial, bonita e querida”.

Está feito o diagnóstico. A fala de Ana Carolina nos remete ao texto de um laudo psicológico.

De volta ao programa mais cotidiano: o casal encomenda o jantar por telefone e, ao terminarem, João revela que Roselene, após a ingestão de grande quantidade de alimento, provoca vômito. Nesse momento, ela se aborrece com a exposição. Na entrevista, Roselene conta que nem seus amigos nem seus familiares conheciam o problema e que não tinha a intenção de divulgá-lo. Temia receber críticas de outras pessoas, o que de fato aconteceu. Roselene desligou os microfones quando ela e o marido começaram a brigar, mas a equipe de filmagem interveio exigindo que ligasse novamente, pois isso constava no contrato. Roselene não conseguiu preservar seu segredo. No dispositivo a bulimia de Roselene, por ser um segredo, evidenciou o poder de desvelar do especialista, a necessidade de encontrar no que se tenta esconder, a verdade sobre o sujeito.

“O segredo não faz outra coisa: ele fabrica seres interiores. O segredo, como dispositivo teórico e técnico, constrói uma forma particular de experiência de desordem. Ele engaja o paciente em viver e em traduzir sua perturbação enraizando-a no mais profundo de sua intimidade” (DESPRET, 2011, p.10). O acesso a vida íntima constitui a chave de cura. A mesma lógica do programa: você tem um problema e para auxiliá-lo preciso conhecer sua intimidade. Essa busca na interioridade e não o entendimento de uma reação à eventos

externos alimenta essa busca de intimidade. As motivações são interiores e individuais, precisamos acessá-las para conhecê-las e tratá-las também na individualidade.

Segundo Marta, esse foi um impasse da produção. Ao ser selecionada para o programa, Roselene não contou sobre a bulimia, e muito se discutiu sobre não exibirem seu caso. Marta diz ter defendido a exibição por acreditar que *“este é o tipo de caso que pode ajudar a população, levar conhecimento. As pessoas descobrem o que é bulimia e os locais para tratamento são divulgados. Depois desse caso a procura nas clínicas sociais aumentou muito”*. A vontade de Roselene não foi respeitada. Havia um contrato que não a permitia retroceder. Sua bulimia foi revelada e explorada.

*“A etimologia nos oferece um recurso auspicioso ao propor repensar o segredo a partir do termo do qual ele é proveniente: secretus, que é a forma no participio passado de secernere: separar. As secreções vêm da mesma raiz e designam não, como eu pensava, o que vem do interior, mas ‘aquilo que se separa’”* (ibid, p.12). O segredo é também o que separa as especialistas das palpiteiras. É o estar com a direção, participar das reuniões para tomada de decisões estratégicas, conhecer as causas e mesmo o saber técnico que os outros acreditam não ter assegurando seu poder sobre os casos.

Anunciamos inicialmente a questão maior da forma desses dispositivos: as práticas de criação de interioridade – que poderíamos chamar mais simplesmente de práticas da intimidade – considerando proteger a autonomia profissional do terapeuta. O que queria dizer agora é que, contrariamente ao que é geralmente aceito, o segredo protege o terapeuta (ibid, p.14).

O não falar nas discussões também protege as especialistas e a ameaça de estar fora do consultório é o que consideraram um desafio. As próprias relatam isso. Marta, em entrevista,

afirma que pediu para ser gravada em seu consultório particular. Assistiria os casos e faria suas intervenções protegida no ambiente profissional. A não distinção clara entre ela e as palpiteiras a incomodou. Foi o motivo para deixar o quadro. Considerou suas afirmativas pouco destacadas nas edições tendo sido valorizadas mais as intervenções das palpiteiras. Sonia, em entrevista afirma a importância de não participarem das conversas. Para ela isto destacava seu lugar de especialista. Enquanto as outras mulheres conversavam sobre o caso Sonia somente escutava. Suas falas se limitavam aos momentos que foram requisitadas.

Voltando ao cenário, Fátima solicita a intervenção de Marta, que sugere o encaminhamento de Roselene para um *“especialista em Transtornos Alimentares para uma investigação mais apurada”*, por considerar que esse seria o *“procedimento mais responsável”*. Decidem, então, que uma das palpiteiras deve acompanhar Fátima à casa de Roselene para propor o encaminhamento. Sabrina se disponibiliza, por acreditar que estando ela também acima do peso pode ser a pessoa indicada. A visita é realizada e, além do encaminhamento, Sabrina *“ensina”* Roselene como vestir-se para disfarçar o peso. No blog a postagem: *“Dicas e truques exclusivos da Sabrina para as gordinhas ficarem lindas”*.

As imagens que seguem mostram Roselene sendo recebida pelo psiquiatra, e este explica o tratamento. A solução para o problema foi encontrada: um especialista trataria sua patologia.

A exibição do caso acaba aqui e retorna para mostrar os resultados alcançados após a exibição dos outros casos selecionados. Dessa vez, Roselene aparece bem vestida, maquiada e com os cabelos penteados. Agradece ao *“Clube das Super Mulheres”* por *“terem mudado sua vida”* e diz que *“espera que o seu caso possa mudar outras pessoas também”*<sup>41</sup>. No blog os

---

<sup>41</sup> A descrição do caso não está dividida de acordo com as exibições, pois foi feita do vídeo encontrado no blog com as quatro exibições seguidas.

resultados são apresentados:

“E os problemas foram resolvidos? **Roselene** está fazendo estágio de enfermagem. Depois de mudar o estilo de vida, passou a freqüentar a academia três vezes por semana. Além disso, escolheu o tema ‘transtornos alimentares’ para sua tese de dissertação do curso (Fragmento de relato no *blog* do programa)”.

Na entrevista com a pesquisadora, Roselene repete o discurso de gratidão, mas à pergunta sobre se participaria do quadro novamente responde que *“não me sinto pronta para expor meus problemas de novo porque até acontecerem as mudanças houve algumas conseqüências não se mexe no vespeiro sem ser picado né? As mudanças que o Clube propôs para melhorar minha auto-estima funcionaram mas as conseqüências foram muito ruins”*. Conta que não gostava do assédio nas ruas, que a cercavam até mesmo no metrô, que teve medo das críticas, que de fato aconteceram, e que não tinha entendido como seria a presença das câmeras e da equipe durante todo o dia em sua casa até iniciarem as gravações. Conquistar visibilidade equipara Roselene às celebridades. Estar na televisão, numa emissora de grande audiência transforma Roselene em alguém destacado, torna-se uma pessoa importante. Lins e Mesquita 2008 afirmam que: *“a imagem televisiva se tornou um dos meios mais potentes de legitimação, onde basta aparecer para existir”* (apud FISCHER, 2001, p.45). Mas o interesse por sua vida se esvai na mesma velocidade com que é despertado. Vida descartada. Roselene deixa de existir nas ruas e no dispositivo que a promoveu.

Marta conta que Roselene esteve no local de realização da gravação do programa algumas semanas após sua participação no quadro pedindo ajuda, porque o marido pediu a separação e ela precisava de emprego. Contou também que escrevia e-mails e ligava com muita frequência e que a produção não estava preparada para isso. As solicitações de

Roselene, antes importantes e prontamente atendidas passaram a ser ignoradas.

Após encerrarem a exibição do caso, não há acompanhamento da personagem, e o único vínculo é um contrato que exige exclusividade de imagem para a emissora. Somente Sabrina atendia as ligações, por iniciativa própria. O discurso de Sonia, para justificar participar do quadro, de que a psicologia precisa sair do consultório e se comprometer com o social é reforçado no dispositivo somente enquanto discurso. Essa “responsabilidade social”, o compromisso em auxiliar aos que não podem pagar um tratamento termina quando termina o quadro. Como os demais produtos midiáticos Roselene deixou de existir. Sua história ficou registrada como uma mulher que superou suas dificuldades através do auxílio prestado por um programa de televisão. Produzimos a solução, mas não para Roselene.

Em entrevista para esta pesquisa Sabrina conta que João de fato separou-se de Roselene alegando não suportar o assédio e as críticas consequentes da exposição. Roselene, mesmo após dois anos (data da entrevista) de sua participação no quadro, continua procurando por Sabrina que a escuta e orienta por acreditar que pode ajudar. Diz que além da separação, Roselene continua desempregada e engordou novamente.

No blog Roselene se despede com um depoimento direcionado por Fátima “*a todas as mulheres que tem a auto-estima baixa, não estão satisfeitas com seu corpo e sofrem as consequências disso*”. E ainda:

“Mal consigo descrever em palavras o que esta experiência significou pra mim. Com certeza marcou o inicio de uma nova fase em minha vida, fase esta em que me encontro mais confiante, mais disposta, mais feliz comigo mesma. Hoje, posso acordar todas as manhãs e sentir que o mundo me pertence, que posso conquistar o que eu quiser. Bastar tentar... Participar do Clube foi a resposta às minhas preces, a ajuda que eu realmente precisava, e as mudanças

hoje são plenamente visíveis. A experiência com o Clube foi algo surpreendente. Elas fizeram mais do que a transformação visual, mexeram comigo, no meu interior, na autoestima, no modo como eu me via e me julgava e até me punia.

Hoje eu quero emagrecer, tô fazendo por onde, mas o melhor é que eu consigo me aceitar do jeito que estou, claro, podendo melhorar a cada dia até alcançar meu objetivo.

O tratamento com o psiquiatra tem sido muito proveitoso. Não que seja fácil, e não é, um dia eu acordo muito bem, disposta a tudo, no outro, não tão bem e vários porquês confundem minha cabeça. Então eu lembro que tenho apoio, que tenho novas amizades que acreditam em mim, tenho a Vivi, a Sabrina e milhares de pessoas que me passam bons pensamentos, energias positivas, que acreditam na mudança, acreditam em mim.

Espero que o apoio que recebi do Clube consiga ser transmitido a todas essas mulheres que passam pelo mesmo dilema, que sofrem o que eu sofri, que se vêem com a autoestima a zero e encontram na comida um refúgio. Que, como eu, elas consigam enxergar e valorizar o que são, buscar, lá no fundo oculto, a mulher poderosa que existe dentro de cada uma de nós. Independente dos comentários alheios, o que não nos fere, fortalece.

Mais uma vez agradeço a todos que participaram direta e indiretamente para minha transformação.

Um carinhoso beijo a todos” (Retirado do *blog* na íntegra).

O caso de Roselene nos leva a concordar com Bruno (2004, 2008, 2009) e Sibilía (2003, 2004, 2008) quando afirmam que os dispositivos de tecnologia e informação são vetores de subjetivação. Isto é, produzem, mais do que revelam, a intimidade. Trata-se assim de uma intimidade que se constitui através da exposição proporcionada pelo aparato tecnológico. O segredo de Roselene, sua bulimia, fez-se segredo na medida em que foi exposto, colocado em cena, tendo sido submetido à escrutínio por um psiquiatra, especialista em transtornos alimentares.

Outro ponto que nos parece relevante é que, uma vez terminada a exibição do programa de televisão, as mulheres especialistas e não especialistas não mais deveriam se

relacionar com as personagens, ainda que seus problemas persistissem ou até mesmo tivessem se amplificado. É que, como salienta Latour (2008) o dispositivo que ligava os actantes havia se desfeito: o contrato não previa nenhum acompanhamento das personagens após o fim do programa de televisão e se isso ocorreu, foi num espaço fora do dispositivo. O discurso de um comprometimento da profissão de psicólogo com o social, o oferecer auxílio aos que não podem custear um tratamento, ainda hoje elitizado, cai por terra quando deixa de ser exibido. A promessa de ajuda se transforma em pesadelo.

Qual a repercussão da exposição da intimidade na mídia? Qual limite para essa exposição? Há algo que precisa ser protegido? Talvez Roselene não tenha dimensionado o alcance do quadro e a dificuldade para escolher o que revelar. Uma questão com o corpo, com a necessidade de se enquadrar em padrões vigentes de beleza é uma questão que não gera polêmicas. Mas acontece o não programado

Se fazer existir na visibilidade, ter o reconhecimento no olhar do outro, abriu espaço para uma crítica dura para qual nem Roselene nem sua família estavam preparadas para enfrentar. Como uma mercadoria a ser consumida a vida da personagem é explorada no quadro sem limites. O critério é o interesse que pode despertar no outro. A audiência. Como as demais mercadorias na sociedade de consumo Roselene é descartada quando perde sua utilidade aparente.

Para as espectadoras Roselene se transformou em referência. O dispositivo cumpriu sua função: determinou que a mulher gorda é infeliz e precisa de ajuda profissional, que a mídia tem o papel de divulgar informações importantes que colaboram para o bem-estar das pessoas. Que basta decidir mudar para alcançar seus ideais, no caso, um corpo perfeito:

“gostei muito dessa matéria e do seu exemplo de superação me identifico com você té fiquei um

pouco com depressão pois meu esposo não enxerga mas mesmo sem ele me ver eu me sinto feia e muito triste não tenho vontade de sair tenho 27 anos mas me sinto com 50 olho no espelho e fico triste agradeço pela matéria pois mostra que não apenas eu sofro com esse problema mas também outras pessoas se pudesse gostaria de encontrar um apoio para sair dessa situação com um psicólogo ou outro especialista obrigada por me ouvir” (Comentário deixado no *blog* por uma espectadora do quadro).

#### IV – PERSONAGEM CARMEM

*“Nós contamos histórias e nós nos tornamos as histórias que nós contamos”.*

Peter Spink

O *blog* do programa apresenta um novo caso:

“Carmem e Ricardo viviam numa boa. Até que um dia, a Flávia, filha do primeiro casamento de Ricardo, decidiu morar com eles. A rotina do casal nunca mais foi a mesma. Madrasta e enteada não se entendiam. Uma pegava no pé da outra; muitas vezes nem se falavam. E o pai perdia a paciência com a filha”.

O texto no *blog* é ilustrado com fotografias de Carmem e Flávia usando luvas de boxe, simulando uma luta, com a palavra *ringue* escrita entre as duas. A mesma imagem é utilizada no programa de televisão. Dessa maneira acontece o primeiro anúncio da problemática do caso: luta entre enteada e madrasta. Aparentemente nenhuma novidade na discussão, desde os contos de fada a imagem de madrasta é construída como a mulher má que substitui a mãe zelosa e rouba os cuidados do pai para com a filha. Uma competição também retratada em filmes e telenovelas.

Utilizar as imagens e sons simulando a luta entre as duas é um recurso lúdico frequente nos produtos midiáticos. Transformam questões difíceis ou enfadonhas em momentos divertidos. Dos programas claramente objetivando um passatempo aos telejornais tudo ganha um colorido atraente. Seja pela capacidade de divertir, seja pela comoção que provoca. A realidade é reduzida à mera condição de espetáculo, uma forma de entretenimento:

*“Justamente porque o espetáculo se torna simulacro e o simulacro se põe como entretenimento, os meios de comunicação de massa transformam tudo em entretenimento”* (CHAUÍ, 2006, p.22).

Uma apresentadora anuncia: *“Carmem e Ricardo viviam numa boa até que um dia a Flávia, filha do primeiro casamento de Ricardo decidiu morar com eles e pronto”!* Aparecem pai e filha sentados na sala de estar. O pai gritando com a filha cobrando o dever de casa não cumprido. O anúncio é complementado com a fala de outro apresentador: *“a rotina do casal nunca mais foi a mesma”.*

O cenário agora é uma residência. Carmem com expressão de aborrecimento, jantando, acompanhada por Ricardo e Flávia. Enquanto a cena é exibida continuam a narração: *“madrasta e enteada não se entendem, uma vive pegando no pé da outra. E muitas vezes elas nem se falam. O pai anda até perdendo a linha com a filha. Quem não conhece uma família como essa? Mais um caso para o Clube das Super Mulheres”!*

É exibida a vinheta do Clube e, em seguida, o mesmo cenário do caso descrito anteriormente, com as mesmas mulheres sentadas em semicírculo exceto Marta que foi substituída por Sonia, médica psiquiatra e também psicanalista, diretora de um grupo tradicional de estudos psicanalíticos. Todas as vezes que sua imagem é exibida aparece uma legenda a identificando como terapeuta de família, informação não fornecida pela mesma em entrevista à pesquisadora. Fátima apresenta as mulheres e diz que tem um caso muito delicado e comum para discutirem, um problema entre enteada e madrastra.

A imagem agora é de Carmem lendo o texto que enviou para a seleção das participantes do programa:

“Tenho um relacionamento de 10 anos e há 6 meses a filha de 12 anos de meu marido decidiu morar conosco. Mudou nossa rotina e eu fico sem saber que atitude tomar em alguns momentos. Preciso de ajuda. É o mesmo que eu adotar uma criança de 12 anos. Ela já está com a personalidade dela formada. Como eu vou mudar isso?”

Voltam as imagens na casa da família, Carmem varrendo a casa e dizendo para o marido, sentado ao sofá assistindo televisão, que sábado Flávia não vai sair, que vai acordar cedo para limpar a casa com ela, as duas discutem, a menina diz que vai sair sim e imita Carmem falando sem que esta veja. Ricardo tenta interferir e Carmem grita para “*calar a boca*”.

As cenas, repetidas nas gravações de todas as personagens casadas, da mulher realizando tarefas domésticas enquanto o homem assiste à televisão evidenciam a manutenção do papel da mulher como responsável pelo cuidado doméstico. Essas cenas são comuns em telenovelas. A imagem naturalizada é do homem descansando de seu dia de trabalho e da mulher cumprindo sua responsabilidade com a casa. A igualdade de gênero, a saída da mulher para o mercado de trabalho, não significou a entrada do homem no universo do lar. Essas cenas reforçam a divisão dos espaços.

Ricardo diz para câmera que quando as visitas da filha eram somente em alguns finais de semana ele programava como seriam, mas que agora aumentou a programação: “*almoço, jantar, onde vai, com quem tá, qual o horário... então agora a responsabilidade foi...*” faz um gesto de queda com a mão.

Volta para as cenas do cotidiano. Carmem limpando o banheiro, lavando roupa e se queixando que antes saía e deixava a casa como gostava e hoje o chão e a pia estão cheios de cabelos, enquanto isso Flávia aparece alisando os cabelos. Em seguida diz para a câmera:

*“Ela entra já com o olho no chão para ver se tem cabelo e se tem ela manda pegar. Por que ela não pega? Para que limpar todo dia? Ela passa pano e varre todo dia. Para que?”*

Carmem novamente varrendo e Ricardo explicando: *“O que eu posso fazer? Passar máquina nela? Coisa de mulher elas se entendem”*.

Novamente o cenário, Sonia comenta a situação explicando que a rotina do casal mudou bastante com a entrada de um novo membro e que Carmem não reclama somente do cabelo, mas sim do fato de existir “uma outra pessoa no meio deles dois”. Fátima acrescenta sua análise da situação dizendo que Carmem não pode dizer que está incomodada com a enteada então diz que está com o cabelo. A palpiteira completa dizendo que Flávia não pode dizer que vai *“encher o saco então deixa o cabelo cair”*. As mulheres sabem mais sobre as duas do que elas mesmas. Há um comportamento a ser interpretado. Desvelar o que está por trás desse comportamento parece a chave para a solução dos problemas, ao menos os saberes psi ensinaram assim. Como no caso de Roselene o discurso psi está presente nas falas das palpiteiras e não apenas na especialista.

Inicia discussão entre as palpiteiras: uma defende Ricardo; outra exige que ele se posicione, afinal esta é a postura esperada de um homem; a terceira pondera até que Sonia questiona o motivo de Flávia ter ido morar com o casal.

São exibidas imagens da mãe dizendo que a decisão foi de Flávia que quis experimentar morar com o casal porque sempre gostou da madrasta. Flávia descontraída, sentada no sofá, lixando as unhas e dizendo que no começo levou pouca roupa, que não sabia se ia ficar mas que depois decidiu que sim e levou todos os seus pertences.

Em entrevista, Carmem expõe como os fragmentos, as imagens inseridas e as narrações inventaram uma realidade diferente da apresentada por ela. Não vivia um *“dilema*

*feminino*”, queria apenas orientações para lidar com uma situação que entendia ser difícil resolver sozinha. A situação retratada é de uma família em conflito com a madrasta sem saber como agir. Carmem diz não ter gostado de como foram apresentados:

“Quando escrevi disse exatamente assim. Tenho um relacionamento de 10 anos e há 2 meses a filha de meu marido veio morar conosco. Às vezes não sei como agir, pois não sou mãe ainda. Ela é boazinha e às vezes não conversa. A maneira que colocaram parecia que nunca havíamos nos dado bem. Pelo contrário! Estou com o pai dela desde que ela tinha 2 anos e o que eu falar está falado. Mas eu tenho uma certa dificuldade em me expressar e ela em falar” (Em entrevista a pesquisadora 2009).

Podemos nos apropriar na discussão do *reality show* do que Lins (2008) ao estudar os documentários brasileiros afirma. *“As falas dos personagens ou entrevistados são tomadas como exemplo ou ilustração de uma tese ou argumento, este, muitas vezes, elaborado anteriormente à realização do filme, não raramente a partir de teorias sociais que forneciam explicações tidas como universalmente aplicadas”* (LINS, 2008, p.21).

Uma dificuldade com a convivência de uma nova pessoa na residência não é um “dilema feminino”. Para que este pudesse ganhar audiência deveriam promover uma polêmica. A produção do programa já havia determinado o que são questões femininas na atualidade, precisavam encontrar os casos que as mostrassem. Não partiram das vidas observadas para discutir temas que entendem como importantes. Escolheram vidas e fizeram os ajustes necessários para que estas representassem suas teorias. A autora complementa ainda: *“A ‘voz do povo’ faz-se portanto presente, mas ela não é ainda o elemento central, sendo mobilizada sobretudo na obtenção de informações que apoiam os documentaristas na estruturação de um argumento sobre a situação real focalizada”* (*idem*). Os fragmentos das

gravações, as articulações, legendas e ilustrações produzem uma outra realidade. Não é uma realidade em essência transformada em espetáculo, é uma realidade inventada para o espetáculo. Se o cotidiano não é tão interessante, ou se o objetivo é fundamentar um argumento anterior, utilizar recortes da realidade passa a ser um estratégico. Embora o que é filmado seja o cotidiano mesmo das personagens este não retrata uma verdade em essência, pronta para ser revelada, como se esta existisse independente do programa. O que é mostrado é produzido na interação com as câmeras, com a equipe, com os contratos e suas imposições. Expressa as expectativas, sentimentos e predisposições de todos os envolvidos e não uma autenticidade captada pelo olhar observador. *“Mais do que ‘olhar’ literalmente, trata-se de uma questão de acesso a situações e territórios, de experiência compartilhada”* (idem, p.40). No jogo do espetáculo uma versão da realidade é produzida. A disputa difícil entre madrasta e enteada é performada nas figuras de Carmem e Flávia.

Como nos demais casos após a exibição surgem comentários no *blog* do programa apoiando, criticando ou elogiando. Uma leitora diz: *“Acho essa Flávia muito mimada. Deveria levar uma surra para ver se aprende a respeitar a madrasta. E seu pai tem que ter o pulso firme. Não tem que dar mole não”*. Outra: *“Na minha opinião eu acho que a Carmem não devia falar daquele jeito com a Flávia, a menina fez o arroz, e ainda tem que ouvir a MADAME (madrasta) reclamar Para né”*. Alguns se identificam com o caso e contam suas histórias: *“Poxa vida eu tbm tenho madrasta é as vezes ela emplica comigo atoa, eu acho que ela tem um pouco de ciúmes da minha relação com meu pai, pois meu pai me trata com carinho e atenção (Pois perdi minha mãe com 4 anos), as vezes chago a pensar que ela é chata neste ponto pois eu pareço demais com minha mamãe (acho que ela tem ciúmes ‘sei lá’)”*.

Em entrevista Carmem relata que pessoas desconhecidas a paravam nas ruas para

aconselhar e que a maioria dizia “*para mandá-la de volta para mãe pois o espaço era meu e meu marido era um banana*”. Relata, ainda, que os amigos que conheceram sua intimidade através do programa também opinaram na situação: “*Meu amigos disseram que ela é mimada e que merecia uns tapas. Os amigos da mãe dela disseram que ela não deveria ter aberto mão da filha dessa maneira. Já os colegas do meu marido disseram compra uma Tramontina<sup>42</sup> para cada uma delas*”.

São frequentes relatos de atores abordados nas ruas por pessoas que os assistem em telenovelas e aconselham, elogiam, criticam e, até mesmo, agridem esses atores se dirigindo ao personagem que representam. A fronteira entre ficção e realidade parece diluída. No *reality show*, exatamente por seu caráter de exibição da realidade essa identificação com o público se acentua. No Clube, a maneira como as participantes do quadro se dirigem ao público e o contato estabelecido com este cria a impressão de proximidade, como se compartilhassem da mesma realidade. Tudo acontece como uma conversa entre amigas que vivenciam questões semelhantes e querem se ajudar. No entanto o *reality* acaba por expor mais que o desejado e não é possível selecionar o público. As pessoas que convivem com essas mulheres acabam por participarem de uma versão de suas vidas que, provavelmente, não conheceriam de outra maneira encontrando portas abertas para opinarem.

Carmem conta que esse comportamento a incomodava. Que sentia que as pessoas opinavam, julgavam, exigiam perfeição, mas que não tinham a intenção de ajudar. Família e amigos sabiam mais sobre sua vida do que gostaria, logo também interferiam mais. Quando era abordada nas ruas evitava estender a conversa, escutava mas respondia de forma breve, sem muitas explicações. mas quando os comentários eram feitos no *blog* do programa os respondia. Chegou a escrever um texto para as leitoras do *blog*.

---

<sup>42</sup> Marca de utensílios domésticos conhecida no Brasil pela fabricação de panelas.

“Olá pessoal,  
Essa experiência para nós foi maravilhosa. Aprendemos a conversar, nos respeitar, nos unir, expor nossos sentimentos sem medo de ser feliz. Vimos que a intolerância às vezes nos prejudica. Somos uma família feliz, independente de nossos problemas. Buscamos orientação, não para uma simples “devolução” da Flávia para a casa da mãe, o que procurei é mais que isso, por medo de errar, mas quem não erra?  
A Flávia não é nenhuma garota mimada, que mereça ficar de joelhos no milho. E meu marido não é um banana. Minha família é maravilhosa e tenho certeza que meu “problema” é insignificante diante de vários, mundo afora.  
Agradecemos a todos que colocaram suas opiniões e críticas, pois até isso nos fez refletir sobre nosso relacionamento.  
As que passam pelo mesmo caso que eu, “Má drastas” rsrsrsrs, paciência... Pois os filhos não têm culpa de um relacionamento anterior, por mais doloroso que tenha sido a separação do casal. Cada um enxerga seu lado da história e só o tempo vai se encarregar de esclarecer.  
Beijos a todos que torceram por nós e aos que, de um jeito ou de outro, entraram em nossas vidas”.

Um novo dia se inicia no programa. Carmem leva Flávia ao curso de Espanhol. Todo trajeto feito de carro é acompanhado pelas câmeras e na tela da televisão são cronometrados 30 minutos sem que as duas troquem uma palavra sequer. Fato também narrado pela apresentadora. Mostram imagens de Flávia no curso, Ricardo em seu trabalho entregando alimentos para merenda escolar e Carmem trabalhando em uma agência dos Correios. Enquanto trabalha Carmem se queixa à câmera de que o marido impõe atividades com Flávia em sua rotina sem consultá-la. Como levar ao curso, por exemplo.

Outra discussão. Ricardo é chamado à escola para conversar sobre o baixo rendimento da filha. Saem juntos da escola e iniciam a discussão no carro, retornando para casa, e continuam ao chegar. Pai pede para verificar as tarefas da escola e ao verificar que Flávia não

as fez se exalta, a coloca de castigo e justifica essa exaltação dizendo que a menina o deixa *“nervoso porque pede as coisas na boa e ela faz cara de deboche”*.

Novamente o cenário do Clube e a conversa sobre conquistar autoridade através de gritos. As palpiteiras contam suas experiências enquanto mães e discordam sobre a eficácia do grito na educação uma diz que a pressão não funciona, que se esse tipo de comportamento tivesse bons resultados os problemas com filhos adolescentes não existiriam, outra que deve gritar sim e a última pondera que não é uma boa opção mas em dias mais difíceis é inevitável não descarregar seu aborrecimento com um grito. Fátima passa a palavra para a psicanalista perguntando se a atitude de Ricardo fará a menina estudar mais. Sonia responde que não. Que a briga é uma forma de ligação entre os dois, que a filha conquista a atenção do pai assim. *“Inclusive vai ser ótimo porque assim ela ocupa ele o tempo todo. É uma forma de ligação. Não só uma coisa de chamar a atenção. Ela fica ali e ele rodeando ela com a questão do estudo”*.

Mais uma vez mostram Flávia em casa, Carmem chega e não se falam durante 28 minutos, contagem exibida na tela e narrada, até que Ricardo se aproxima de Carmem e diz que a ama. Flávia interrompe dizendo que está com fome. Em seguida Flávia explica para câmera que sente ciúmes dos dois e quando estão juntos evita olhar para eles. Depois é a vez de Carmem dizer que sente ciúmes e quer o marido somente para ela da mesma forma que a filha. De acordo com o relatado nas entrevistas estas imagens devem ser produto do confessionário, momento que alguém da produção entrevista o participante para esclarecer questões que anotou no caderninho durante o dia.

Por último Ricardo se dirige às câmeras e diz que tem 3 paixões: *“Carmem, Flávia e o curingão”*. Mostram cenas de futebol e utensílios do time que Ricardo coleciona em seu quarto. Uma ruptura nas cenas tensas para um momento de descontração. O homem torcedor

de futebol é o personagem.

Novamente a sala da casa com Carmem deitada no sofá queixando-se de enjoo. Ricardo conta que ela está fazendo tratamento para engravidar e que os efeitos colaterais da medicação são desagradáveis. Flávia diz que não gostaria que ela engravidasse e que não auxiliará nos cuidados ou deixará que durma no mesmo cômodo que ela. Em entrevista cerca de um ano após a exibição do programa Carmem diz não ter conseguido o efeito desejado com o tratamento e que se inscreveu no processo de adoção. Ser mãe é uma atribuição feminina considerada natural, como se toda mulher tivesse uma essência mãe.

No Clube a palpiteira grávida, Cristina, foi escolhida por entenderem essa condição como fundamental para um quadro direcionado ao público feminino.

No blog uma postagem sobre como lidar com o ciúme: “*Carmem sonha ter um filho, mas Flávia ainda tem muito ciúme*”. A chamada:

“Aos poucos, Flávia começa a aceitar a idéia de Carmem ter um filho. Mas tem uma condição. No último episódio do Clube, ela deixou bem claro: só se for menino! Ela tem ciúmes do pai, mas também não quer dividir outros espaços da casa e, principalmente, o quarto com um irmãozinho. Já João diz que só falta um filho para a felicidade deles estar completa. E o sonho de Carmem é ser mãe. A decisão está tomada. Mas será que vão conseguir convencer a Flávia? Qual a melhor maneira de lidar com o ciúme da adolescente?”

As seguidoras do *blog* respondem, são dez comentários ao todo para esta postagem, seguem dois destes:

“Assunto um tanto delicado, pois esse novo, mas

nao tão novo assim ,modelo de familia, tras confusão na cabeça de muita gente, amar uma pessoa, casar ,ter filhos é um sonho na vida de muitas mulheres, mas quando essa mesma mulher encontra um parceiro que ja teve uma relação e um filho, isso é um choque, vc sera sempre obrigada a viver uma “familia” que nao é sua, a enteada nao é sua filha, mas é de seu marido, faz parte da rotina dele, e vai ter que fazer da dele, nao dar para apagar o passado de ninguem, mas também quero viver meu presente sem ter que me atralar a nada, que paradoxo”.

“A Flavia não tem nada a ver com a vontade do pai e da madrasta de ter outro filho. Não é ela quem deve decidir isso, e sim o casal. Claro que ela não vai querer o posto de filha única e centro das atenções. a Flavia sabe o quanto tem causado desconforto para a Carmem, mas sente um certo prazer nisso. Sei disso porque minha enteada tem 13 anos e desde que foi morar conosco as brigas entre eu e o pai dela são constantes. Ela vê tudo e continua errando. Então o casal deve sim planejar o filho, ela querendo ou não um irmãozinho”.

No *tag*<sup>43</sup> gravidez aparecem três postagens sobre gravidez na adolescência referentes ao caso apresentado no Clube; uma entrevista com Sonia sobre ser mãe; um texto com “*dicas da grávida sobre maquiagem, gravidez e de como arrumar um namorado*”; uma seguidora contando sobre sua dúvida em engravidar e Cristina a respondendo com um incentivo; um texto da grávida com o título “*Mães e Filhas: o mundo precisa desse amor que acalma, preenche e perdoa*”. Segue um trecho do texto:

“Acredito que mãe é aquela que protege, ensina, apoia, ama. E nada melhor do que o amor para preencher a vida da gente.

Vejo este amor na relação das mulheres da minha família com seus filhos. Vi este amor com a gente lá em casa. Vi este amor com a minha avó cuidando das netas, da minha mãe, das minhas tias. E acho

---

<sup>43</sup> Um tag, ou etiqueta em português, é uma palavra-chave, que liga diferentes postagens. Seu uso é bastante frequente entre os internautas.

que o mundo precisa cada vez mais deste amor que acalma, que preenche, que perdoa.

O mundo precisa da mulher porque ela sabe ser mãe. E é isso que eu quero aprender agora...”

A imagem romanceada da maternidade, uma certa aura de magia e um dom feminino são marcados na fala da palpiteira grávida.

Voltamos às imagens. Ao final do dia Ricardo diz que vai buscar Carmem e Flávia pede para ir com ele. Mostram o trajeto no carro e o retorno para casa. A voz de Fátima dizendo que *“a madrasta chama Flávia para o ringue”*. Novamente a imagem exibida no início do caso: as duas com luvas de boxe simulando uma luta. São exibidas cenas seguidas da madrasta reclamando de sujeira ou bagunça alternadas com a enteada se queixando da comida e de mexerem em suas coisas. Para cada cena um alarme como nas lutas de boxe e uma pontuação que termina em 8 x 3 dando vitória para Carmem. Mais uma vez a tensão entre as duas surge não como algo retratado, mas produzido. A ilustração das cenas marca o clima de conflito intencionado.

De volta ao cenário Fátima afirma que Carmem relatou o quanto sofre com a situação mas que a menina deve estar sofrendo mais e abre o debate perguntando se todas concordam. Uma palpiteira interpreta como uma *“catarse essa necessidade de falar, falar, falar”*... Sonia explica:

“Acho que ela está sofrendo sim. Quando ela escreve pedindo ajuda é porque estão vendo que estão fazendo do jeito que conseguem, que estão fazendo do melhor jeito possível, são esforçados e estão querendo que alguém de fora possa olhar e dizer que apesar de vocês estarem fazendo do melhor jeito possível existem algumas coisas que vocês tem que repensar” (Em entrevista a

pesquisadora, 2010).

Fátima responde: *“esta é a nossa missão”!*

Rapidamente uma imagem de Flávia arrumando a cama para dormir no quarto do casal e Fátima completando: *“temos uma grande missão pela frente. Como vamos ajudar essa família?”*

As soluções são enumeradas por escrito na tela e seguida de comentários do Clube das Super Mulheres:

- *“Cama na sala”*. Flávia dormia no mesmo quarto que o casal, o que incomodava ambos. O casal pretende construir um quarto para a menina. As mulheres entendem que não é necessário aguardar a construção de um quarto para que o casal tenha privacidade. Decidem que Flávia deve dormir na sala.
- *“Não gritar com a filha”*. O pai se exalta nos momentos de discussão cobrando as tarefas da escola com gritos. O Clube entende que deve cobrar as tarefas mas sem gritar.
- *“Flávia e Carmem devem conviver mais”*. Baseadas nas gravações do silêncio entre as duas, o Clube decide que para aproximá-las irão cozinhar juntas. Uma palpiteira participa do momento e deixa no *blog* a receita da galinhada que fizeram.
- *“Flávia deve controlar o ciúme.”* O ciúme de Flávia e sua afirmação de não querer um irmão preocupam Carmem e João. As mulheres tentarão convencer Flávia a aceitar a vontade de Carmem de ser mãe.
- *“Dividir as tarefas domésticas”*. As tarefas domésticas parecem ser a fonte de alguns conflitos. Devem definir regras para organização da casa e todos devem participar.

- “Ricardo e Carmem devem namorar”. O Clube considerou importante um momento íntimo para o casal. Decidem que devem determinar um dia da semana para namorar sem a presença de Flávia.

Pronto. Estão definidas as intervenções para ajudar Carmem. Um manual de como devem agir aparece como solução para o problema. Proposta similar às ofertadas pelas técnicas comportamentais tão difundidas na atualidade. O especialista competente identifica o problema e mostra como corrigi-lo com mudanças comportamentais como se este fosse algo isolado. Não sabemos como agir ou não podemos confiar no que sabemos por não possuímos O Saber sobre nós mesmos. Em entrevista Sonia ilustra:

“Eu acho que antes você tinha todas essas questões, né. Antes quando uma menina engravidava ou quando eu engravidei, havia essas questões de como era isso ou como era aquilo. Essas questões iam para o subjetivo, para o mundo interno, que eram todas as dúvidas né. As sogras, as avós, entravam e diziam como que ia ser feito. Hoje já é uma outra questão que é a questão que vai ser o científico né. Porque antes era alguém que dizia isso, por exemplo, eram as avós, era a família que ia pra casa, as meninas iam pra casa da mãe né. Hoje não. Há uma tentativa de um movimento de auto-suficiência pela ajuda de um científico. Aí esse termo científico é que vai ser o que está certo e o que está errado” (Sonia, em entrevista a pesquisadora, 2010).

A especialista fala sobre a necessidade de certeza sobre os fatos e esta certeza cabe à ciência. Nas palavras de Stengers:

“O não-científico é da ordem da opinião e, como tal, é destituído do poder de interrogar a ciência quanto aos seus objetos e quanto à sua *démarche*. Em última instância, a discussão em torno da autonomia das ciências visa a garantir-lhes um espaço sem

risco, sem instabilidades. Enquanto a noção de singularidade faz desse risco uma pedra de toque, a noção de autonomia tende a capturar numa norma qualquer contingência. Nesse caso, os enunciados científicos se tornam categorias de julgamento isoladas da rede de sua prática. Disso resulta que o fenômeno não é mais apenas um testemunho confiável, mas torna-se objeto no sentido forte, quer dizer, que as categorias experimentais perdem sua referência à cena experimental enquanto que prática, para tornar-se categorias de julgamento, válidos de direito, independentemente do laboratório onde elas poderiam ser colocadas à prova”. (STENGERS, 1993, p. 122 *apud* MORAES 2001-2002).

A ciência é um processo de fabricação do mundo e assim deve ser estudada. Acompanhando o pensamento de Bruno Latour, “*A ciência é a política praticada por outros meios*” (LATOURE, 1992 *apud* MORAES, 2001-2002). A autora explica a dimensão política da ciência por esta “*ser fonte de poder, isto é, ela convence, interessa, mobiliza, desloca os mais diversos atores*” (MORAES, 2001-2002).

Nas sociedades contemporâneas “*a maior parte do poder realmente novo vem das ciências e não do processo político clássico*” (*ibid*). Seguindo esta proposta de pensar a “*ciência em ação*” (*ibid*) entendemos, junto aos autores, a ciência como um campo em aberto que coloca em negociação suas pesquisas e os elementos desta, objetos, verdades produzidas, suas publicações, práticas e efeitos dessas práticas. Nesse sentido mobiliza o mundo através dos fatos científicos e estes são considerados verdades incontestáveis por terem sido testados dentro de rigorosos padrões científicos. Moraes aponta os efeitos éticos dessa produção:

“Efeitos éticos: está em jogo a construção de verdades locais, imanentes às suas redes de ação. A verdade científica é um efeito de uma ação díspar e paradoxal: a prática científica. Nesse sentido, ela é *a posteriori*, local, temporária, instável. Não há

nenhuma ordem transcendente que, como uma lei moral, garanta de antemão os critérios sobre a veracidade de um enunciado científico” (*ibid*).

Não é no auxílio da família ou nas conversas entre amigas que se busca orientação. É na intervenção profissional e técnica para solucionar o problema. Um conselho ou o pensar juntos não é suficiente. Busca-se o correto e quem pode ensiná-lo é a especialista.

“Você não tem tempo mas para você viver muito tempo tem que fazer o que se descobriu e que muda. Você n/ao percebe mas muda. Antes não podia comer ovo, agora se deve comer ovo. Antes não podia comer margarina agora se deve comer margarina. Então isso vai mudando mas você quer, você quer alguém que diga para você. As pessoas querem alguém que diga que isto é o bom. Não faça isso, não como isso e aquilo e etc. Eu acho que é uma... sociedade... e a televisão atende a isso, né. Essa questão de que eu não me coloco e querendo saber o que é certo ou errado. Como se não tivesse que ter responsabilidade perante as coisas. E por isso eu digo que é o trabalho do Clube das Super Mulheres totalmente inverso ao que eu faço no consultório. Uma mudança de lugar” (Sonia, em entrevista a pesquisadora, 2010).

Sonia nos recorda a participação da mídia como difusora das informações acerca dos produtos de pesquisas científicas. Os programas jornalísticos de televisão e diferentes revistas solicitam dados de pesquisas e pareceres de especialistas para respaldar o conteúdo de seus trabalhos como se a ausência destes significasse falta de credibilidade.

Para Sonia, esse respaldo científico isenta as pessoas de fazerem escolhas e serem responsáveis por elas. A mudança de lugar está na mudança de função: diferente do que faz em seu consultório, que acredita ser auxiliar os sujeitos a encontrarem suas próprias verdades, no Clube a especialista ensina as verdades que devem ser seguidas por todos.

A apresentadora e uma palpiteira, Ana Carolina, vão à casa da família para passar as orientações. Ana Carolina explica o que decidiram e sugere que façam o jogo dos elogios. Nesse jogo cada membro da família ganha uma caneta de uma cor e, toda vez que alguém fizer um elogio ou realizar uma tarefa deve desenhar uma estrela ao lado do nome da pessoa em um quadro branco pendurado na parede da cozinha com os nomes escritos. Em entrevista Carmem conta que o jogo durou cerca de 2 meses. No início funcionou bem, especialmente para Flávia, que ao cumprir uma tarefa mostrava a estrela que ganhou e comemorava pulando. Chegaram a disputar quem tinha mais estrelas. Com o passar do tempo mesmo quando cumpriam as tarefas se esqueciam de marcar no quadro e o jogo perdeu o sentido. Novamente passou a fazer as tarefas da casa sozinha. Os elogios eram raros. Chegaram a deixar recados no quadro uns para os outros mas poucas vezes.

Os exercícios propostos são facilmente identificados como apoiados em técnicas da Terapia Cognitivo Comportamental. Inicialmente chamada Terapia Cognitiva foi desenvolvida por Aaron T. Beck de 60. Seu foco é identificar pensamentos automáticos, crenças subjacentes responsáveis pelo comportamento do sujeito. O objetivo é fazer com que o paciente utilize seus próprios recursos para identificar seus pensamentos distorcidos para corrigi-los através da mudança de comportamento. Por suas técnicas consistirem em exercícios como confecção de diários registrando o “problema” e ensaios de novos comportamentos, convencionou chamar Terapia Cognitivo Comportamental. O tratamento é curto, entre 10 e 20 sessões.

Observamos um crescimento exponencial dessas terapias. Revistas médicas e outras publicações sobre saúde a recomendam como terapia mais eficaz para diversos transtornos como ansiedade, fobias e depressão, por exemplo. Cursos de formação na área estão se expandindo assim como o interesse de estudantes de graduação pela técnica. São frequentes

os encaminhamentos médicos para Terapia Cognitivo Comportamental, e não para tratamento psicológico. A justificativa: é a mais adequada para tratar transtornos oferecendo bons resultados em curto espaço de tempo. Defendemos que os saberes são datados e localizados. Podemos pensar a divulgação dessa terapia possibilitada pela necessidade de respostas rápidas e eficientes. O tratamento segue um protocolo: identificação da queixa, técnicas para mudança, alta. Não são propostas reflexões ou “mergulhos no inconsciente” tão característicos das práticas psi. Parece-nos que as psicoterapias estão cada vez se instrumentalizando com técnicas que devem ser objetivas e de resultados rápidos. Apoiadas em resultados de pesquisas científicas que garantem sua credibilidade. A eficiência do tratamento é conferida pela mudança observável. É o visível que importa e não mais a mudança interior na qual se fundamentaram as mais difundidas correntes de psicoterapias. Sonia, em entrevista, faz a relação entre as intervenções do Clube e uma prática cognitivo comportamental.

“Nós temos que fazer uma autocrítica nesse sentido, de que ela (a psicanálise) estava num lugar que ela não entraria no social. Ela não teria que pensar o social né. Como se isso fosse ela poder estar numa posição apolítica e a terapia comportamental sempre teve uma postura totalmente diversa. Então... Sem contar que é uma sociedade que quer isso. A sociedade quer que diga para você, que você diga é isso, vai acontecer aquilo. A sociedade não quer pensar sobre isso. Há todo um movimento né que é... da pós modernidade, de uma dificuldade de você entrar em contato com a sua questão, com a sua subjetividade, que é a coisa do não ter tempo. Nós não temos tempo para isso” (Sonia, em entrevista a pesquisadora, 2010).

As análises no Clube de quantas vezes realiza determinado comportamento, ou quanto tempo passam em silêncio são típicas desse tipo de terapia. O jogo dos elogios e o quadro de

tarefas, técnica que pressupõe que um comportamento tende a se repetir caso esteja associado à uma recompensa, foram propostos por palpadeiras. O conhecimento sobre o comportamento humano foi, novamente, além da formação acadêmica. São essas mulheres convocadas para auxiliar de acordo com suas experiências profissionais que utilizam as técnicas de um saber científico. Curioso, que as duas especialistas que participaram do Clube são psicanalistas, ou seja, possuem formação em uma teoria que vai de encontro aos pressupostos da Terapia Cognitivo Comportamental.

“A Terapia Cognitiva Comportamental utiliza ainda a psicoeducação, como explicações sobre os mecanismos que perpetuam a doença, e estimula a leitura e a busca do conhecimento sobre o transtorno do qual o paciente é portador” (CORDIOLI e col, 2008, p. 35). Nas gravações e no *blog* são recorrentes textos e entrevistas com esclarecimentos profissionais sobre as questões discutidas. Nos discursos das mulheres é destacado a importância de esclarecimento.

Flávia publica um texto no *blog* sobre a dificuldade para elogiar. Levanta hipóteses sobre a competição na atualidade, a falta de confiança e a necessidade de ser recompensado para que tenhamos determinado comportamento. Conclui que elogiar faz bem para quem recebe o elogio e também para quem elogia pois é uma troca de carinhos. Sugere ao leitor que cada vez que pensar em uma crítica pense também em elogiar. Abre uma enquete perguntando quando foi a última vez que elogiou alguém, mas nenhum leitor responde.

No encerramento do caso os resultados são avaliados como em um *check list*. As intervenções são escritas na tela acompanhadas da imagem de uma mão fechada com o polegar para cima caso tenham alcançado o objetivo ou para baixo caso contrário. As seguintes afirmações foram aprovadas: “*Flávia dorme fora do quarto do casal*”. “*Casal em clima de romance*”. “*Carmem e Ricardo voltaram a sair sozinhos para namorar*”. As tarefas

sem êxito foram: *“Madrasta e enteada mal se falam”*, *“Flávia não cumpre suas tarefas”*.  
*“Carmem e Flávia não se elogiam”*.

O Clube escolhe Ana Carolina para nova tentativa de intervenção no caso. Ana Carolina retorna à residência da família. Estão todos reunidos no sofá da sala em uma conversa descontraída. A palpiteira pergunta pelas notas de Flávia e elogia seu resultado, 8, uma melhora em relação às notas anteriores. Se dirige à Carmem e pergunta se fez o mesmo. Carmem responde que não, que a enteada deveria ter obtido 10. Explica que Flávia pediu uma recompensa pela nota e que não daria. Ana Carolina sugere que a recompense com um beijo e um abraço. O que, no momento, não aconteceu.

Ana Carolina propõe cozinhareм juntas na tentativa de aproximá-las, como decidido anteriormente pelas mulheres. As três vão para cozinha mas não trocam uma palavra durante a atividade. Após a refeição a palpiteira tem uma conversa isolada com Flávia e propõe que ela dê o primeiro passo para uma conversa com a madrasta, que abrace Carmem e a convide para que façam algum programa juntas.

De volta à cozinha, Ana Carolina faz nova tentativa, propondo um outro jogo no qual, se olhando, uma deve dizer o que mais gosta na outra. Carmem inicia. Diz que quando Flávia quer algo é determinada, que acredita serem parecidas nisso e que gosta disso. Diz também gostar do fato de Flávia ser vaidosa. Ana Carolina interrompe perguntando o quanto as duas se gostam. Carmem brinca, conta os dedos e responde que muito. Flávia sorri e diz gostar muito de Carmem também. Elogia sua comida, as brincadeiras e o fato de presenteá-la. Novamente Ana Carolina pede que se abracem. Madrasta e enteada se abraçam rapidamente e se afastam. Ana Carolina insiste e pede outro abraço. As duas sorriem se abraçam e se beijam.

Retornam as imagens do estúdio com as mulheres discutindo o quanto o abraço

evidenciava um afeto existente que não conseguiam demonstrar. Cristina questiona se a dificuldade não será por Flávia não se permitir dar mais amor à madrasta do que a mãe. O discurso psi reaparece.

“*No dia seguinte*”... O casal se prepara para saírem sozinhos. Ricardo pede para levar a filha e Carmem diz que não. No estúdio o Clube comemora a atitude de Carmem. Mostram os dois dançando em um churrasco e ela pergunta se já falou que o ama, se beijam e fazem fotografias juntos.

Chegando em casa Carmem inicia uma briga com Flávia devido ao tempo que a menina utiliza o computador. Flávia questiona o motivo de somente poder usar durante uma hora se Carmem usa mais tempo. Carmem diz para fazer o que quiser enquanto está sozinha em casa na parte da manhã desde que cumpra suas tarefas. De volta ao estúdio Sonia explica que está sendo esclarecida como se estrutura esta família. Que o lugar de filha está sendo demarcado. Fátima pergunta que conclusão pode ter quem está assistindo em casa. Sonia responde que “*A importância do diálogo. A importância de se arriscar na relação com o outro*”.

Mais um dia se inicia. Flávia pede para conhecer o trabalho de Carmem que a leva. Passam o dia juntas e na volta para casa compram um mural de metal. As duas organizam as fotos para o mural e conversam descontraidamente. Ricardo comemora a situação e terminam juntos a arrumação. Flávia conta para as câmeras no confessionário que foi um dos melhores dias porque ficaram juntas, conversaram e não discutiram.

Outro *check list* para verificar o cumprimento das tarefas acompanhado de imagens:

“*Carmem e Flávia se elogiam*” – quadro do jogo dos elogios cheio de estrelas.

*“Flávia está ajudando nas tarefas domésticas”* – a menina varrendo a casa.

*“Flávia não deixa mais cabelos no chão”* – a menina recolhendo fios de cabelo do chão e colocando no lixo.

A forma como as intervenções são colocadas com a objetividade de mudar um objeto de lugar faz parecer possível enumerar problemas, encontrar soluções e realizar. Ao final uma verificação como em linha de produção de mercadoria.

“Saímos do boom da psicanálise e esse movimento de você... de se repensar... as pessoas querem coisas prontas, elas querem o sanduíche pronto, não querem ter que preparar nada. É um movimento absolutamente contrário. Então esse movimento de que há um curso, há um curso da gestante, há um curso... é um aplacador da angústia que vai aparecer num outro lugar, não há dúvida sobre isso. E isso apareceu no programa né. Você ia orientar uma coisa e aparecia um problema no casal. No programa ali, claro. Mas as pessoas querem as coisas prontas. As pessoas não querem ter que achar a sua questão, a sua individualização, a sua... a questão da sua subjetividade. As pessoas não querem. As pessoas querem coisas prontas. Querem as coisas rápidas e prontas. Querem que aplaque, como é o caso do medicamento, para que aplaque a angústia” (Marta em entrevista a pesquisadora, 2010).

A reflexão crítica da especialista se direciona às técnicas que prometem uma resposta instantânea às solicitações dos sujeitos. De acordo com sua fala, não acredita no papel que desempenha no Clube. Remonta, ainda, a existência de uma interioridade que precisa ser revelada de maneira árdua. Há uma angústia particular que precisa ser tratada e que o Clube não poderá dar conta.

Abrem o quadro com cenas externas rápidas do pai trabalhando e as duas tomando café, combinando de irem ao shopping juntas. Chove e toca uma canção que a letra diz “*não reclama contra o temporal*”, a música ilustra Carmem observando a chuva na janela, pensativa. Um certo tom emotivo aparece na cena.

No estúdio comemoram o resultado. As mulheres estão felizes com a conquista. Marta conta, em entrevista, que as palpiteiras e a produtora de fato se envolviam com os casos, frustravam-se com as intervenções que não tiveram o resultado esperado e realizavam-se nas aparentemente acertadas. Sentiam que eram importantes na vida das personagens e das pessoas que assistiam ao quadro, que suas opiniões eram escutadas e valorizadas. Diz que sua proximidade com a televisão (suas participações em diferentes mídias são frequentes) permitiu que observasse o mesmo acontecendo entre apresentadores de programas que oferecem prêmios em dinheiro ou objetos de valor à pessoas que participavam contando suas histórias e dificuldades financeiras.

Uma curta cena na casa, Ricardo elogia as duas arrumadas para saírem.

Enquanto mostram as duas passeando no shopping e procurando roupas para comprar para Flávia, Fátima comenta “*Madrasta e enteada passam mais tempo juntas*”, comemora a conquista e o fato de estarem 2 horas juntas.

Flávia, que convidou para o passeio diz que também foi iniciativa dela pedir para o pai não acompanhar porque queria ficar sozinha com a madrasta e que gostou. Em seguida Carmem diz que nunca tinham feito isso antes e que não sabe qual era a intenção de Flávia, mas ficou surpresa e gostou. Ricardo diz que elas estão mais próximas, ficando amigas. Esses relatos parecem gravações do confessionário. Mostram novamente a cena do abraço.

Finalizam no estúdio com Fátima pedindo a opinião de Ana Carolina sobre o resultado

que diz:

“Vou leva-los para o resto da vida junto comigo. Estão ajudando muito mais do que sendo ajudados. Porque para e pensa. O que eu faço? Como ajo? Faço a mesma coisa com minha filha? Converso com meu marido? Ponho limite ou não ponho limite? Estou arrepiada de tão feliz em saber que as duas conseguiram”.

Reafirmação do relato de Marta do quanto o sentimento das palpiteiras de auxiliar a transformar a vida das pessoas era sincero. Que se empenhavam nas discussões, viviam o casos, torciam e, de fato, acreditavam que o programa ajudava a esses mulheres e a todas as outras que assistiam.

Fátima pergunta ao grupo se consideram a missão cumprida e respondem em coro: *“Completamente”!* Direcionada às câmeras Fátima conclui: *“Portanto, mais uma missão cumprida do Clube! Daqui pra frente é com elas, mas sempre com a nossa torcida”.*

Os comentários no *blog* do Clube após o encerramento do caso parabenizam o grupo e pedem para que continuem o trabalho.

“Estou adorando o Clube das Super Mulheres. Não perco um domingo. Isso é bom para aquelas famílias que não sabem o que fazer com os filhos, maridos, não tem reação, não tomam atitudes. Só posso dizer que já é um sucesso. Parabéns para todas vocês.”

Após a exibição de todos os casos orientados no programa retornam para verificar os resultados com a chamada: *“E os problemas foram resolvidos?”* Carmem diz que ela e Flávia

estão se entendendo bem e iniciaram a construção de um quarto para a menina. O caso é divulgado como bem-sucedido.

Carmem agradece, confirma ter sido ajudada e responde às críticas no *blog*:

“Olá pessoal,

Essa experiência para nós foi maravilhosa. Aprendemos a conversar, nos respeitar, nos unir, expor nossos sentimentos sem medo de ser feliz. Vimos que a intolerância às vezes nos prejudica.

Somos uma família feliz, independente de nossos problemas. Buscamos orientação, não para uma simples “devolução” da Flávia para a casa da mãe, o que procurei é mais que isso, por medo de errar, mas quem não erra?

A Flávia não é nenhuma garota mimada, que mereça ficar de joelhos no milho. E meu marido não é um banana. Minha família é maravilhosa e tenho certeza que meu “problema” é insignificante diante de vários, mundo afora.

Agradecemos a todos que colocaram suas opiniões e críticas, pois até isso nos fez refletir sobre nosso relacionamento.

As que passam pelo mesmo caso que eu, “Má drastas” rrsrrsrs, paciência... Pois os filhos não têm culpa de um relacionamento anterior, por mais doloroso que tenha sido a separação do casal. Cada um enxerga seu lado da história e só o tempo vai se encarregar de esclarecer.

Beijos a todos que torceram por nós e aos que, de um jeito ou de outro, entraram em nossas vidas”.

No entanto, em entrevista, diz ter se arrependido de participar do programa. Que se expôs por nada:

“Eles não mudaram minha vida. Só nos orientam. Mas a maneira que colocam, editam, parece que

tudo segue um cronograma. Madrasta e adolescente vivem mal, estão melhorando e estão como mãe e filha. Depois, quando o programa estava tomando o rumo final, mostrou eu e meu esposo saindo como se fosse a primeira vez. Ele é daquele jeitinho, só que com mais palavões. Ele sempre me ajudou. Trato ele como um bebê. Ele faz tudo para a filha dele. Trato ela melhor que a mãe. (...) O que passou na TV, nossa vida, é só a ponta de um iceberg” (Carmem, em entrevista a pesquisadora, (2009).

O uso de fragmentos para construir uma verdade é estratégia comum na televisão. Os fatos são apresentados sem nenhuma conexão com as histórias dos personagens, suas expectativas e experiências. Não é mostrado o lugar de onde falam, apenas o que falam importa mas essa fala é editada, uma versão da realidade é performada. Para Carmem essa versão é uma informação errônea sobre ela e sua família. Chauí (2006) identifica a ausência de referencial temporal, ou acronia, como uma estratégia para que o espectador não localize tempo e espaço. Acompanhando Blanchot afirma que o cotidiano é algo que se olha, como simulacro e descrição sem nenhuma relação ativa:

Os acontecimentos são relatados como se não tivessem causas passadas nem efeitos futuros; surgem como pontos puramente atuais ou presentes, sem continuidade no tempo, sem origem e sem consequências.; existem enquanto são objetos de transmissão e deixam de existir se não são transmitidos (Chauí, 2006, p. 46).

A vida de Carmem serve como material para entretenimento. O discurso de ajuda e troca é substituído por uma prática de acusações, críticas vexatórias e ofensivas. Palpiteiras, especialista e espectadores julgam sua vida partindo de recortes exibidos. O recurso às imagens e narrações fortalece o entendimento intencionado. A imagem da luta livre, as competições, os jogos e pontuações reduzem o viver. Um fragmento faz existir uma realidade.

Após a conclusão do caso e o sucesso de Carmem esta passa a ser uma vitoriosa e os comentários são elogios e apoio:

Oi Carmem tudo bem? Espero que sim, olha adorei sua família faz lembrar muito eu e o meu marido não temos filhos ainda. E ele não tem nenhum filho, mas me identifiquei pois vcs são gente da gente, que Deus ilumine vcs. Bjs ficam na paz de Deus (Comentário extraído do *blog*).

## V – FREUD EXPLICA?

*“Se você pergunta, diz ele, a pessoas de seu círculo se elas concordam em lhe fazer um favor, e, diante de sua resposta afirmativa, você lhes pede para fazer cinco flexões musculares, elas lhe perguntarão: “Por quê?”; se você pede um grupo de pessoas se elas querem tomar parte de uma experiência e, depois da aceitação, lhes pede para fazer 5 flexões musculares, elas perguntarão: “Onde?”.*

Vinciane Despret

No início deste trabalho foram levantadas as seguintes questões: Como a categoria “especialista” é produzida? Quais são as condições de emergência dessa categoria e como se estabiliza na atualidade? Quais seus efeitos? O que pode “fazer fazer” um “especialista”? Por que os especialistas psis são, convocados para ocuparem esse lugar de quem pode ensinar a viver, sentir e pensar? Como o discurso psi oriundo das práticas desse especialista produz uma versão da realidade?

Para pensá-las retomamos o conceito de ideologia da competência de Chauí (2006) discutido anteriormente no qual a autora afirma que *“a ideologia da competência institui a divisão social entre os competentes, que sabem, e os incompetentes, que obedecem. Enquanto discurso do conhecimento essa ideologia opera com a figura do especialista”.*

Podemos identificar nas falas das especialistas e das não especialistas no dispositivo em análise a presença dessa ideologia. Uma afirmação da necessidade do “científico”, como uma entidade, para fundamentar as falas é repetidamente proferida. Mesmo a participação de especialistas no grupo se apoia nesta justificativa: para falar sobre o sujeito é essencial a posse de um saber reconhecido como verdade sobre o sujeito, é preciso ser competente para tal. No dispositivo observamos que a força de ação está nos discursos munidos por este saber e não

exatamente na figura do especialista. A fala que se apropria do discurso psi científico conquista credibilidade enquanto verdade, confere competência aos que pronunciam palavras que sugerem o domínio do saber psi. Catarse, inconsciente, culpa, punição, são proferidas por mulheres não autorizadas pelo conhecimento acadêmico mas empoderadas por este discurso.

Sonia entende a participação de um especialista como:

“impossível não ter porque se não fica uma questão de opinião. Então o programa tem uma preocupação com isso que é uma questão do científico de algo que seja razoável, de algo possível, de um cuidado com o público muito grande nesse sentido de que não se fale qualquer coisa, ou melhor, você pode falar qualquer coisa mas algo tem que ser demarcado como algo importante para a sociedade e daí a idéia do especialista” (Em entrevista a pesquisadora, 2010).

O relato de Sonia evidencia o lugar do especialista para a entrevistada e também uma identificação com o cientista, o conhecimento e o público. O outro aparece como uma opinião não fundamentada e que deve ser superada. Deixa claro um conflito entre opinião e ciência. *“Você está no lugar do especialista, está **protegido** mas você está ali, você também está se expondo. As pessoas estão ali **cacarejando**, você está só assistindo mas você está ali”*, diz Marta. A especialista entende estar protegida pelo conhecimento a ela conferido, as demais falas são “cacarejos”. Para os espectadores não existe essa separação. No momento que essas mulheres se reúnem em um produto midiático que se afirma na possibilidade de ajudar o outro a *expertise* se distribui entre elas.

Despret (2011) discute uma divisão de *expertises* na relação do cientista com o sujeito afirmando que o conhecimento sobre quem se fala, (o sujeito) confere poder ao cientista. O sujeito fica no lugar do ignorante e por isso não teria o que dizer sobre ele mesmo. É essa

divisão entre quem detém o conhecimento que se evidencia na configuração do quadro. Como numa hierarquia as especialistas são convocadas pela produção do Clube para analisar e orientar seu funcionamento por possuírem um saber que eles não possuem. Esse saber dá acesso aos bastidores, ao que não é revelado nem às palpiteiras nem às personagens e confere, ainda, o poder de decisão. Mesmo quando o que será decidido é como as personagens devem guiar suas vidas estas não são consultadas, as especialistas sabem mais sobre suas vidas do que elas mesmas.

Num degrau abaixo, as palpiteiras. Estas têm autorização para falar. Foram escolhidas por serem “*super mulheres*”. Atingiram a exigência contemporânea de serem boas mães, sexualmente bem-resolvidas, profissionais bem-sucedidas e preocupadas com a aparência física. É a presença dessas mulheres “reais” que garante à identificação do público. Parece ser essa a função das palpiteiras no quadro: incluir pessoas na discussão, dar cara de assunto cotidiano. Ser uma “*super mulher*” permite que elas possam falar, mas essa fala é entendida como um “*cacarejo*”, uma fala desprovida de conhecimento que precisa ser validada por quem sabe. Não possuem o saber que poderia autorizá-las a entender e orientar o outro.

Sabrina relata na entrevista que

“A gente era chegar lá e falar sobre o assunto. A gente chegava lá e já estava tudo montado. Elas (especialistas) tinham mais poder do que a gente porque, às vezes, elas se reuniam com o diretor do programa e com a produtora e ai eles faziam o que ia ficar bom. Porque tinha uma preocupação muito correta, vamos lá, politicamente correta, de não agredir e ficar uma coisa legal para quem está assistindo, porque a gente estava oferecendo ajuda. Elas fundamentavam a parada” (Em entrevista a pesquisadora, 2010)

A distinção ciência e senso comum é montada pelo Clube, fica claro para especialistas e palpiteiras quem está autorizado a colocar verdades em jogo, quem tem o poder de decisão. As palpiteiras podem falar o que quiserem mas somente o que for autorizado pelas especialistas será exibido no Clube. Fora do quadro a distinção desaparece. Espectadores desconhecem os bastidores, as engrenagens do dispositivo. O efeito é uma *expertise* diluída e reconhecida em todas as mulheres.

No degrau mais baixo estão as personagens. O quadro é sobre elas e para elas. Elas são o tema e o objetivo é ajudá-las, mas onde elas estão? Não participam das discussões. Suas participações são limitadas à mostrarem suas vidas para serem analisadas e, em nenhum momento, são convocadas a discutir essas análises, apenas recebem uma orientação que deve ser seguida.

De acordo com Chauí “*o poder da comunicação de massa não é igual ou semelhante ao da antiga ideologia burguesa, que realizava uma inculcação de valores e idéias. Dizendos nos o que devemos pensar, sentir, falar e fazer, afirma que nada sabemos e seu poder se realiza como intimidação social e cultural* (CHAUÍ, 2006, p. 77).” O que é reforçado no quadro é este não saber, essa necessidade de ter alguém que possui um conhecimento científico para ensinar como viver. As personagens acreditam no poder de ajuda das orientações e se esforçam para segui-las. Nas entrevistas deixam entender que percebem a manipulação de suas histórias, mas acabam por se enquadrarem ao solicitado sem questionamentos. Nas falas de Carmem isso fica evidente. A personagem afirma ter escrito solicitando apenas uma orientação, o grande conflito familiar é uma produção do dispositivo. No entanto ela coopera com o dispositivo, faz o que esperam que ela faça: mostra um clima desagradável na casa, discute com a enteada, grita com o marido. Nas falas no confessionário desabafa sobre a gravidade de seu problema. Fora do dispositivo não quer falar sobre ele nem

escutar os palpites de outros nas ruas ou no *blog*, embora os agradeça no Clube.

O que torna possível essa intimidação é a “eficácia das operações dos especialistas”, pois são estes os detentores do saber e, neste caso, o saber específico do especialista psi é como viver, pensar e sentir. O poder e autonomia do profissional psi é assegurado por ter acesso a uma instância psíquica que nenhum outro tem.

Despret (2011) ao discutir a função do segredo na psicoterapia recorre a etimologia da palavra segredo como aquilo que separa. Aqui também podemos pensar no segredo como o que divide as *expertises* no Clube. O que separa especialistas e palpiteiras é o estar com a direção do quadro, conhecer as motivações da equipe e mesmo o conhecimento sobre o saber técnico que os outros julgam não possuir.

As práticas psi e seus recursos confessionais se apoiam no segredo durante todo desenvolvimento da psicologia e ainda na atualidade. O profissional psi deve guardar sigilo sobre o conhecimento adquirido com seu trabalho.

Embora para a produção, as palpiteiras e as próprias especialistas, a presença destas seja o que garanta a eficácia do quadro as personagens não reconheciam esta função. Não mencionaram as especialistas até o momento em que foi perguntado como entendia o papel destas no quadro, ao que Roselene respondeu: “*serviu pra direcionar elas né, porque se você for analisar todos os casos tinha um fator psicológico por trás*” (Em entrevista a pesquisadora, 2009).

Embora as especialistas afirmem a necessidade de profissionais no quadro, chegando mesmo a menosprezar as outras participantes quando as enquadram como “palpiteiras”, ou chamam suas falas de cacarejo, em nenhuma discussão na internet ou conversa informal encontrei comentários sobre as orientações destas. Em geral, o que apontaram foi exatamente

a ausência de função aparente ao afirmarem que “*não sei para que essa mulher está lá, é a única que não fala*” ou “*nem sei quem é a especialista, parece que todas são*”<sup>44</sup>. Marta atribui esse tipo de comentário a uma falha na edição, que dá mais espaço às palpiteiras e deixa de exibir certas intervenções importantes. Segundo ela, esse fato rendeu extensas discussões com a direção do quadro, e motivou seu pedido para que convidassem outra especialista<sup>45</sup> para substituí-la.

Parece que mesmo com uma definição de papéis entre as participantes do Clube, para os que assistiram não havia essa distinção. O que autorizava essas mulheres a falarem sobre o outro é o fato de estarem na mídia. As palpiteiras foram reconhecidas como especialistas pelos telespectadores. Investidas de uma *expertise*, suas falas ganharam o mesmo poder das falas das especialistas no quadro e não foi o reconhecimento de um saber científico que garantiu esse espaço. Foi o fato de terem autorização de falar num programa de grande audiência de uma rede de televisão formadora de opinião. Retomando o que Chauí (2006) afirmou sobre não ser “*qualquer um que pode em qualquer lugar e em qualquer ocasião dizer qualquer coisa a qualquer outro*”, essas mulheres deixaram de ser “qualquer um” no momento que apareceram na televisão.

Os e-mails e comentários no blog eram direcionados às palpiteiras e às personagens, raros foram aqueles endereçados às especialistas. Sobre isso, Sonia diz que:

“O especialista também é marcado pela não identificação. É muito interessante. Eles se identificam com aquelas pessoas e não com o especialista. O especialista está num lugar do qual você não se identifica. Está num suposto saber. Você fica neste lugar e sempre é visto pela população

---

<sup>44</sup> Relatos em conversa informal com a pesquisadora registrado em diário de campo.

<sup>45</sup> Durante a seleção das participantes e o início das gravações, Marta foi a única especialista do quadro, e assim teria permanecido caso não tivessem ocorrido as divergências mencionadas. Não participou da seleção, mas já estava contratada.

neste lugar. É muito interessante. Como você está misturado, você está sentado junto e as pessoas não se identificam. Segundo eles você está absolutamente fora. Realmente isso é verdade. Não é uma maluquice porque realmente você está num lugar, eu lá falava quando eu era requisitada. Eu não ficava basicamente discutindo com elas mesmo que se discutisse né (Em entrevista a pesquisadora, 2010)”.

Controvérsia: se a figura do especialista é tão importante, por que ela não aparece na fala dos telespectadores e nem dos personagens? Se, de fato, a presença do especialista é para o telespectador, por que este procura auxílio num programa de televisão e não diretamente com um especialista? Pensando nos relatos das especialistas parece que essa função no quadro é mais valorizada por elas próprias que pelo público em geral.

Para Marta, uma distinção importante entre especialistas e palpiteiras é que nem ela nem Sonia consideraram a remuneração ao aceitarem o convite, pois *“já temos uma profissão, um reconhecimento. Mesmo sendo uma boa quantia não faz diferença no nosso dinheiro. As outras não, viam como trabalho mesmo, precisavam do dinheiro, contavam com o dinheiro”* (Em entrevista a pesquisadora, 2010). Ambas enfatizam também o *“aspecto social”* do quadro, uma preocupação em levar orientação e conhecimento para uma camada da população que não tem acesso à tratamento. Diz Sonia:

“Eu acho que é uma possibilidade das pessoas procurarem muito à vontade o que não procuram, por exemplo, num tratamento. Não necessariamente. Eu acho que a população também não tem uma orientação para o tratamento. O tratamento ainda é visto como uma coisa elitizada, ainda mesmo que nós tenhamos alguns lugares que tem um atendimento baixa renda, ainda eu acho que há um preconceito com isso. Mas eu acho que houve intervenções super importantes do que as pessoas viviam e talvez não tenham a quem perguntar né, eu acho que o Clube pegou uma população que tem

muito pouca orientação sobre isso né. E que está muito necessitada de orientação. É impressionante como essa população precisa e quer informações com questões que sofrem, e rola né, e essas questões que são as questões do ser humano em geral”.

Sobre essa preocupação com o social<sup>46</sup> Sabrina diz que *“Pra gente eu ficava ali no sofá vermelho não tinha essa coisa de questão social não. Nem para elas (personagens) tinha não. Elas queriam saber de estar na televisão, vão me ajudar, me dar roupa nova, vão tirar foto comigo... (Em entrevista a pesquisadora, 2010).”* Apesar de afirmar a relevância do quadro para auxiliar tanto as personagens quanto os espectadores Sabrina não acredita que esse foi o motivo de tanta procura pelo quadro. Em entrevista lembra que:

“O primeiro reality que teve no Espetáculo teve um desdobramento fantástico para aquela família. A primeira coisa que eles fizeram foi comercial da Caixa Econômica e antes desse comercial a mulher do casal pirou porque ela achou que ia virar celebrity e não virou e ela já era meio maluquinha. Ai veio o comercial ficou feliz da vida e tal. Ai depois a filha fez comercial de tênis e chamaram de novo para Caixa Econômica. E eles que estavam sem grana pagaram a casa e compraram uma outra casa. (ibid)”.

Ainda sobre a participação das especialistas, Marta lembra que: *“o mercado amplia quando você é visto, mesmo já sendo bastante reconhecida. Sempre lidei com isso de estar na televisão, dar entrevistas... Tenho minha assessoria de imprensa”*. Marta também atribui a essa possibilidade de ser visto a grande procura pelo quadro.

Outro ponto destacado por Marta como uma distinção entre palpiteiras e especialistas foi o fato de as especialistas não receberem orientações da produção. Elas representavam a si

---

<sup>46</sup> Cabe destacar que social é utilizado aqui acompanhando o senso comum nas falas das entrevistadas e não no sentido proposto por Latour de associação.

mesmas no papel de profissionais. A intimidade das especialistas não era debatida no Clube. Suas falas não eram censuradas e nem recebiam instruções de como agir. *“Eu não era personagem não! Mas as meninas sim. Elas tinham ponto, eram dirigidas, olha está falando demais, a gente não”*. As especialistas foram reconhecidas por possuírem um saber específico, isso lhes conferia o poder de falar sobre o outro. As palpiteiras foram produzidas como especialistas pela Emissora de Televisão. O conhecimento sobre quem “funcionaria” no Clube, o que deveria ser destacado em cada palpiteira e qual perfil atrairia mais o público permitiu essa produção.

Sabrina conta que até mesmo a maneira como se vestiam era questionada. Ela, por exemplo, foi orientada a utilizar menos colares coloridos e maquiagem. Outros direcionamentos como corrigir a forma como estavam sentadas ou se estavam rindo em demasia, sendo muito críticas ou condescendentes.

O mesmo não acontecia com as especialistas. Elas se limitavam a observar sem participar das discussões. Falavam apenas quando solicitadas. Sonia diz que atuavam como no consultório com a diferença de estarem sendo expostas.

O especialista também tinha um saber sobre a função do Clube que não era compartilhado com as outras mulheres. Diz Marta que: *“Rolava uma histeria coletiva. As personagens achavam que abria uma porta, as moças, as palpiteiras, todas choravam, acreditavam que estavam transformando a vida das pessoas.”* As especialistas sabiam que era uma forma de divulgar o trabalho, não acreditavam em mudanças significativas e entendiam a escolha por aquilo que dava maior audiência:

“Eu particularmente acho que por se tratar de reality show, dessa coisa de mostrar a miséria humana e todo o universo psíquico tem que ser decodificado

tem que ser bem mastigado, é uma coisa que chama muita atenção e que desperta curiosidade. Esse saber psi misturado com questões de orçamento e de tempo acabou sendo privilegiado porque há alguma coisa desse material que eles não sabiam avaliar e objetivamente como tempo é dinheiro não dá para não render (Em entrevista a pesquisadora, 2010).”

Marta esclarece que render seria as personagens acatarem as intervenções e mostrar que estas resolveram os problemas para os quais pediram auxílio. As intervenções precisavam ser assertivas pois o tempo de acompanhando do caso era pré-determinado. Precisavam de material suficiente para que o caso fosse interessante e merecesse espaço na programação do Espetáculo.

Sobre os resultados Carmem diz que: *“Não foi pq a TV veio na minha casa que somos uma família perfeita, não mudamos porque vieram aqui e sim pq precisavamos e ainda precisamos melhorar* (Em entrevista a pesquisadora, 2010).”

A psicologia enquanto disciplina se constituiu no esforço de promover o ajustamento de sujeitos ao funcionamento social. Atualmente a função de ajustamento ainda se mantém no entanto é mascarada com objetivos como adaptação, promoção de qualidade de vida e desenvolvimento de potencialidades. A proposta de fazer com que o sujeito alcance o seu melhor está diretamente ligada à ideia de produção, ou seja, da lógica de funcionamento na atualidade. Além de reforçar a responsabilização do sujeito por seu fracasso ou sucesso:

“Por tudo isso é saber duvidoso, com dificuldades para afirmar suas verdades, e saber perigoso, visto que pode contaminar de “psicologismo” um conhecimento ou um conceito, como resultado de uma exacerbação de perspectiva em termos de individualismo, isolamento do social e introspectivismo. É ainda perigoso, tendo em conta suas articulações com práticas sutis de poder” (PRADO FILHO, 2007).

Se o panóptico era o laboratório da psicologia na sociedade disciplinar, na atualidade a mídia o substitui. Todos observam todos numa vigilância constante e disfarçada de liberdade. Seja na exposição deliberada da intimidade, seja na possibilidade de estar sendo filmado ou fotografado por dispositivos portáteis sem sequer perceber. Especialmente em programas como o reality *show*, discutido nesta tese, podemos associar às técnicas psicológicas de observação e registro. O Clube das Super Mulheres, entre tantos outros com o mesmo formato, é um laboratório de técnicas psi de observação, registro, análise e promoção de ajustamento. Espaço de afirmação do poder reconhecido socialmente de enunciar e classificar sujeitos, de identificar e corrigir desvios, de inventar “quem somos nós”. A psicologia se afirma como instrumento de manutenção do *status quo*.

Nessa sociedade panóptica o que se produz é a vigilância e o exame sobre:

“alguém que se deve vigiar sem interrupção e totalmente. Vigilância permanente sobre os indivíduos por alguém que exerce sobre eles um poder – mestre-escola, chefe de oficina, médico, psiquiatra, diretor de prisão – e que, enquanto exerce esse poder, tem a possibilidade tanto de vigiar quanto de constituir, sobre aqueles que vigia, a respeito deles um saber” (FOUCAULT, 2003, p. 88).

Fischer (2000, 2002) desenvolve o conceito de dispositivo pedagógico da mídia. Apoiada nos estudos de Foucault a autora problematiza os modos de operação da mídia, em especial a televisão, na participação efetiva da produção de sujeitos e subjetividades ao produzir significados, imagens, verdades, isto é, saberes direcionados à educação das pessoas, que as ensinam modos de ser e estar no mundo.

“Fundamentada no conceito de “dispositivo da sexualidade” de Foucault (1990a, p. 100), descrevo o dispositivo pedagógico da mídia como um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem. Certamente, há de se considerar ainda o simultâneo reforço de controles e igualmente de resistências, em acordo com determinadas estratégias de poder e saber, e que estão vivos, insistentemente presentes nesses processos de publicização da vida privada e pedagogização midiática” (FISCHER, 2002, p. 155)

A psicologia tem uma dimensão pedagógica na sua ênfase em ensinar e ocupa a mídia com essa tarefa. Enquanto portadora de autoridade para tutela de sujeitos ela acompanha a saída do humano da valorização de sua interioridade para a produção da intimidade na visibilidade. Mudam as formas de atuação, os especialistas deixam seus consultórios e cadeiras institucionais para ocupar o mundo lá fora. Se a vida se desloca do homem interiorizado para o homem visível, os saberes psi os acompanha. Permanecem tutelando vidas. Na lógica da sociedade de controle uma tutela mais sutil. Disfarçada de boas intenções e por isso mais poderosa. O poder desses saberes estão disfarçados de informações que auxiliam levar à vida à sua potência máxima da motivação, do desempenho do corpo, da beleza, da saúde, da consciência e cuidado de si.

Fischer encontra em suas pesquisas as seguintes características similares nos programas de televisão: (a) a auto-referência, a televisão fala de si mesma em seus diferentes produtos; (b) a repetição de seus conteúdos; (c) parecer de especialistas para fortalecimento

das verdades narradas; (d) a transmissão de informações de forma didática colocando os espectadores na condição de quem precisa estar continuamente sendo ensinado; (e) a simplificação do vocabulário, em especial, de termos técnicos-científicos; (f) a apresentação da televisão como denunciante dos problemas sociais e, ao mesmo tempo, solução para estes problemas; (g) a transmissão de imagens que produzem o real, nas imagens ao vivo, no fatos e pessoas comuns e nos reality shows; (h) a transformação de banalidade em espetáculo; (i) a inflação dos corpos jovens e belos e (j) a repetição de práticas escolarizadas.

Considerando os aspectos mencionados a televisão funciona como instrumento do cuidado de si, conceito desenvolvido por Foucault (1985) em sua história da sexualidade que afirma uma intensificação e valorização das relações de si para consigo. *“Pode-se caracterizar brevemente essa ‘cultura de si’ pelo fato de que a arte da existência – a techne tou biou sob as suas diferentes formas – nela se encontra dominada pelo princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática”* (FOUCAULT, 1985, p.49). A incitação ao cuidado de si acontece em culturas diferentes impregnando modos de viver, tomando a forma de uma atitude apoiada em receitas, técnicas e ensinamentos de autoconhecimento e controle sobre si mesmo. O sujeito deve conhecer a si mesmo, e cuidar de si mesmo. *“Essa relação consigo que constitui o termo da conversão e o objetivo final de todas as práticas de si, diz respeito ainda a uma ética do domínio”* (ibid, p.70). As técnicas recorrentes para esse cuidado são as confissões, os diários, as literaturas de autoajuda, os grupos de convivência, as tecnologias midiáticas de informação.

E são sempre praticadas sob a autoridade, real ou imaginária, tanto de algum sistema de verdade quanto de algum indivíduo autoritário, seja ele teológico e pastoral, psicológico e terapêutico ou disciplinar e tutelar. Afirmamos aqui reconhecermos

o dispositivo em análise como instrumento técnico para que o sujeito conheça, controle e cuide de si (ROSE, 2011, p.50).

Observamos na apropriação dos discursos proferidos pelas palpadeiras com autoridade de um especialista, os efeitos desse ensinamento realizado pela mídia. Aprenderam como cuidar de si e dos outros e são dotadas da capacidade de desenvolverem técnicas de transmissão desses ensinamentos. *“Reconhece-se aí, facilmente, um dos princípios essenciais da prática de si: armar-se para tê-lo sempre a mão, de um ‘discurso prestimoso’ cedo aprendido, frequentemente repetido, e regularmente meditado. O logos médico é desses, ditando a cada instante o bom regime da vida”* (ibid, p. 107).

A medicina se constitui como um corpo de saber e de regras que deveria *“definir uma maneira de viver, um modo de relação refletida consigo, como o próprio corpo, com o alimento, com a vigília e com o sono, com as diferentes atividades e com o meio”* (ibid, p. 106). Esse poder da medicina é expandido para as demais disciplinas voltadas ao cuidado em saúde. No que concerne à psicologia o destaque está no conhecimento específico sobre a interioridade do sujeito, chave para condução do autoconhecimento fundamental para o controle e domínio de si. É promovida uma dependência do saber científico para as práticas cotidianas de saúde. Todos precisam conhecer as técnicas que promovem o bem viver para que possam utilizá-las sem recorrer à consultas regulares.

## VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que toca as *expertises*, o programa de televisão discutido abre uma série de questões. Sua composição, sem dúvida, estabelece distinções quando distribui às mulheres (personagens, palpiteiras e especialistas) de modo assimétrico os pontos de escuta, as remunerações, o poder de ligar ou desligar as câmeras, as orientações da produção, entre outras ações. As personagens são alvos das intervenções: recebem as orientações, mas delas não participam, ou pelo menos não participam de modo a serem elas também tomadas como *expertises* dos seus impasses.

O fato de que o discurso psi marcasse também as falas e intervenções das palpiteiras corrobora algumas das afirmações de Ferreira e outros (2011). Para estes autores, é problemático ignorar que, diante de um aparato de interpelação formado por profissionais psi, os sujeitos apresentem modos de subjetivação psicologizados. Dito com outras palavras, o saber psi engendra certos modos de subjetivar que se imiscuem mesmo nos dispositivos ordenados de modo a separar assimetricamente quem possui a *expertise* e quem não a possui. Num dispositivo montado para promover intervenções psi, tais modos de subjetivar se fazem presentes também naqueles que são supostos como não *experts*, como ingênuos. É justamente por isso que Ferreira e outros (2011) criticam duramente a suposição de que exista um sujeito ingênuo, apto a ser alvo de intervenções psi.

O poder atribuído ao especialista não impede que algo escape às expectativas destes sobre os resultados de sua autoridade. As intervenções, aparentemente bem-sucedidas, perdem seus efeitos quando o dispositivo se desfaz. Nem Roselene nem Carmem conseguem solucionar os problemas apresentados. Entre as cinco mulheres ajudadas somente a mulher

que não obteve bons resultados com as orientações do programa, chegando mesmo a ser cogitada a não exibição de seu caso, conseguiu o que almejava. As mulheres não responderem ao que se esperava delas pode ser pensado como positividade. O fracasso evidencia a impossibilidade de moldar os sujeitos embasados em teorias. Apostar no imprevisível, no que irrompe e desestabiliza indica o caminho para uma outra versão da Psicologia, uma versão não moderna, diferente do que é feito no dispositivo.

Desse modo, ainda que o programa de televisão por nós analisado tenha sido montado de modo a lidar assimetricamente com as *expertises* psi, elas atravessam o dispositivo e produzem modos de subjetivar que ativam a todos que dele fazem parte. A resistência está na perda de poder das especialistas. Por mais que o dispositivo busque a manutenção da hierarquia entre as mulheres esta se dissolve. Algo escapa ao controle. As expectativas sobre os resultados são frustradas, o público elege as palpiteiras como personagens principais.

Os resultados dessa pesquisa abrem possibilidades de discussão da prática psi e seus efeitos entendendo que a Psicologia apresentada no Clube é uma versão da Psicologia e não sua representação. Uma versão que ao permitir sua apropriação pelos programas de televisão que se propõe a publicizar vidas e ensinar modos de viver empobrece o saber psi e fortalece a construção da intimidade na visibilidade.

## VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, R. J. J. *Maneiras de pesquisar no cotidiano: contribuição da teoria do ator-rede*. Em: *Psicologia & Sociedade*; 20, Edição Especial: 7-11. Florianópolis, 2008

BAPTISTA, L. A. *A Cidade dos Sábios*. Editora Summus. São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Fábrica de Interiores: a formação psi em questão*. EdUFF, Niterói, 2000.

BRUNO, F. “Máquinas de Ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação”. *Revista FAMECOS*, 1 (24), pp. 110-124, 2004, Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3271/2531>, [consultado em 10-10-2012].

BRUNO, F. “Tecnologias de informação e subjetividade contemporânea”. *ComCiência*, (96), 2008, Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=33&id=384>,

BRUNO, F. “Mapas de crime: vigilância distribuída e participação na cibercultura”. *E-Compós*, 12 (2), pp. 1-16, 2009, Disponível em <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/409/352>.

CANGUILHEM, G. O que é a Psicologia? Epistemologia 2. *Revista Tempo Brasileiro*, 1972, nº 30 /31, 104-123.

CARVALHO, C.C. *Identidade e intimidade: Um percurso histórico dos conceitos psicológicos*. Em: *Análise Psicológica*, n. 4. Rio de Janeiro, 1999.

CERTEAU, M, de. *A Invenção do Cotidiano*. 3 edição. Editora Vozes. Petrópolis: 1998.

CHAUÍ. M. *Simulacro e Poder: uma análise da mídia*. Editora Fundação Pensar Abramo. São Paulo, 2006.

COIMBRA, M. B. C. *Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”*. Oficina do autor. Rio de Janeiro, 1995.

CORDIOLI e cols. *Psicoterapias - Abordagens Atuais*. 3<sup>a</sup> Edição. Artmed. Porto Alegre, 2008

COUTINHO, E. / Felipe Bragança org. *Encontros*. Beco do Azougue, Rio de Janeiro, 2008.

DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Editora Contraponto. Rio de Janeiro, 1997.

DELEUZE, G. *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*. Em: *Conversações*. Editora 34. Rio de Janeiro, 1992.

DELEUZE G. e GUATTARI F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1 Editora 34. Rio de Janeiro, 1995.

DESPRET, V. *Dossiê Despret*. Em: *Revista Fractal de Psicologia* vol. 3 n1 jan/abr Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

\_\_\_\_\_. *Os Dispositivos Experimentais*. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 23 – n. 1, p. 43-58, Jan./Abr. 2011

FERREIRA, A. A. L. et al. A Psicologia como um dispositivo de produção de subjetividades: um percurso pelos métodos quantitativos. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 6 (2), pp.223-233, 2011.

\_\_\_\_\_. *A Diferença que Nos Une: o múltiplo surgimento da psicologia*. *Ser na Psicologia: diálogos sobre a profissão* Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 19 - n. 2, p. 477-500, Jul./Dez. 2007.

FISCHER, R.M.B. *Mídia e Educação da Mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV*. *Revista Estudos Feministas*, ano 9, 2001, pp. 586 – 599.

\_\_\_\_\_. *Técnicas de si: a mídia se faz pedagógica*. *Educ. Unisinos*, v.4, p.111-139, 2000.

\_\_\_\_\_. *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV Educação e Pesquisa*, vol. 28, núm. 1, janeiro-junho, p. 151-162, Universidade de São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. *Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas*. Em: *Revista Brasileira de Educação* v. 12 n. 35 maio/ago. Rio de Janeiro, 2007.

FOUCAULT, M. *Em Defesa da Sociedade (1975-1976)*, Editora Martins Fontes. São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1990.

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970 – 1982)*. J. Zahar Editora. Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1988.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1984.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Nau Editora. Rio de Janeiro, 2003

\_\_\_\_\_. *Ética, sexualidade, política*. Col. Ditos e Escritos (v.V). Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. Editora Loyola, 2010.

GOMES, P.B.M.B. *Princesas: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo*. Porto Alegre : UFRGS, 2000. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/padiss.pdf>

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Editora 34. Rio de Janeiro, 1992.

GUATTARI, F. e ROLNIK S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Editora Vozes. 5ª edição. Petrópolis, 1999.

HARAWAY, D. & KUNZRU, H. *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2000.

LATOUR, B. *Reensamblar Lo Social: uma introdución a la teoria actor-red*. Ediciones Manatíal. Buenos Aires, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*, São Paulo, Unesp, São Paulo, 2000.

LAW, J. *After method: mess in social science research*. Routledge. Londres, 2004.

LINS, C. e MESQUITA, C. *Filmar o Real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2008.

MAGALHÃES, J.C. e RIBEIRO, P.R.C. *Mitos e Verdades do Sexo Oposto: analisando os discursos das neurociências na mídia televisiva*. Revista Gênero, 4, v. 10, n. 1, p. 219-238, 2. sem. Niterói, 2009. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/49>

MOL, A. *The logic of care: health and the problem if patient choice*. Routledge. Londres, 2008.

MORAES, M. *Estudo das Técnicas na Perspectiva das Redes de Atores*. Revista do Departamento de Psicologia da UFF. Niterói, v.p, n. 2 e 3, p. 60-67, 1997.

\_\_\_\_\_. *O que é a Psicologia?* Revista de Psicologia da UNIC. vol1 n2, p. 69-73.

\_\_\_\_\_. A psicologia, uma ciência? Revista Paradoxa, v. IV, n. 9, p. 55-64, 2001.

\_\_\_\_\_. Sobre a noção de rede e a singularidade das ciências Revista Documenta. Ano VIII, no 12/13, pp. 57-70, 2001-2002.

MORAES, M., SILVA, C. M. *Tecnologia e subjetividade: intimidade mediada por computadores*. Psicologia em Revista, 12 (19), pp. 44-53, 2006.

MORAES, M. e ARENDT, R. *Contribuições das Investigações de Annemarie Mol para a Psicologia Social*. Psicologia em Estudo, vol. 18, p. 313-321, 2013.

MOSER, I. *Against normalisation: subverting norms of ability and disability*. Science as Culture, 2000.

PASSOS, E; BARROS, R B. *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*. Em: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓZIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PRADO FILHO, K. *Uma História Crítica da Subjetividade no Pensamento de Michel Foucault*. Em: Michel Foucault: perspectivas. Achiamé, pp 41-50. Rio de Janeiro, 2005.

RAUTER, C. *Clínica Transdisciplinar*. Texto Didático. Pró Reitoria Acadêmica, Universidade Federal Fluminense, 1993.

SIBILIA, P. *O Show do Eu: subjetividade nos gêneros confessionais da Internet*. Trabalho apresentado em exame de qualificação na ECO-UFRJ, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Editora Nova Fronteira Comunicação. Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. *Os diários Íntimos na Internet e a Crise da Interioridade Psicológica*. Em: Olhares sobre a Ciberculuta. Editora Sulina. Porto Alegre, 2003. p 139-152.

SPINK, P. K. *Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista*. Psicologia. Social. [online]. 2003, vol.15, n.2, pp. 18-42. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>.

\_\_\_\_\_. *O Pesquisador conversador no cotidiano*. Psicologia. Social. [online]. v.20, Porto Alegre, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822008000400010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400010&lng=en&nrm=iso).

STECANELA, M. O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. *Conjectura*, Caxias do Sul, v. 14, n. 1, p. 63-75, jan./maio 2009

ROLNIK, S. *Toxicômanos de Identidade. Subjetividade em Tempos de Globalização*. Em: *Cultura e Subjetividade. Saberes Nômades*. Editora Papirus: Campinas, 1997. Pg 19-24.

ROSE, N. *Inventando Nossos Selves: psicologia, poder e subjetividade*. Editora Vozes. Petrópolis, 2011.